

Prêmio

Paulo Freire 2021

de Qualidade do Ensino Municipal

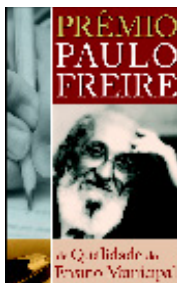


PROJETOS PREMIADOS



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal



Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETOS PREMIADOS 2021

Os projetos premiados da edição 2021 do Prêmio Paulo Freire estão publicados neste caderno, conforme disposto nos itens 1.8 e 5.3 do regulamento. Os textos dos projetos são de responsabilidade dos respectivos autores.

Sumário

CATEGORIA I - EDUCAÇÃO INFANTIL

- 1º LUGAR: Projeto “Bonecos: o brinquedo como ferramenta de combate ao racismo”6
- 2º LUGAR: Projeto “Nosso quintal como ninho. Acolhida.”..... 18
- 3º LUGAR: Projeto “Conhecendo e Sendo em São Paulo” 23

CATEGORIA II – ENSINO FUNDAMENTAL I

- 1º LUGAR: Projeto “A Escola Ambiente e Territórios Educativos: ressignificando espaços, ressignificando aprendizagens” 38
- 2º LUGAR: Projeto “Diário de Quarentena (Galeria dos Confinados)” 50
- 3º LUGAR: Projeto “Se meu robô falasse” 53

CATEGORIA III – ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO

- 1º LUGAR: Projeto “Poesia na Escola” 57
- 2º LUGAR: Projeto “Nós fazemos a História: a escola e os movimentos sociais” 67
- 3º LUGAR: Projeto “Eu tô aqui pra fazer a Conexão!":
Cultura audiovisual como elemento integrador
e campo para aprendizagem criativa 79

CATEGORIA IV – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

- 1º LUGAR: Projeto “Releituras – Fronteiras fechadas, a necessidade da arte em períodos de crise humanitária” 89
- 2º LUGAR: Projeto “Rádio de Bitita” 101
- 3º LUGAR: Projeto “A literatura como resgate do estudante de EJA durante a pandemia” 110

- Lista dos projetos inscritos 120

CATEGORIA I - EDUCAÇÃO INFANTIL

CATEGORIA I - EDUCAÇÃO INFANTIL

1º LUGAR

Projeto:

**Bonecos: o brinquedo como ferramenta
de combate ao racismo**

Unidade Educacional:

CEI Professor José Ozi

Responsáveis:

**Cintia da Silva Pinto de Carvalho, Beatriz
Santos Sargaço e Juliana Aparecida Otuka**

RESUMO DO PROJETO

Os processos identitários começam na primeira infância, no grupo mais íntimo ao qual a criança pertence. Com o tempo estes processos se ampliam aos outros grupos que bebês e crianças passam a frequentar. Sendo a escola um desses grupos, esta tem um papel fundamental no rompimento do racismo estrutural quando desde cedo apresenta as crianças vivências por meio de brinquedos com papéis identificatórios positivos.

JUSTIFICATIVA

A educação antirracista é tarefa de toda sociedade e inerente ao trabalho do professor, independente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política. Para romper estas barreiras é necessário pesquisa, observação e diálogo entre todos os servidores da Unidade Escolar, para que possam alinhar suas posturas, falas, ações e conhecimentos com as vivências pedagógicas no dia a dia dos bebês, crianças, famílias e responsáveis.

É parte integrante das Políticas Públicas de Currículo e de Formação Continuada, a educação para as relações étnico-raciais que é constituída em

três frentes de trabalho: a) História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; b) História e Cultura Indígena e Educação Escolar Indígena; e c) Educação para Imigrantes e Educação Escolar para a População em Situação de Itinerância.

Este é o resultado de lutas e mobilizações históricas que buscou e ainda esforça-se pela representatividade de identidades sócio-raciais, historicamente marginalizadas.

Para Nilma Lino Gomes, os processos indentityários se iniciam na primeira infância dentro do grupo mais íntimo ao qual a criança pertence. Com o passar do tempo estes processos se ampliam aos outros grupos e instituições que começam a frequentar. Assim, a escola tem um papel fundamental no rompimento do racismo estrutural quando desde cedo apresenta as crianças à literatura, arte e brinquedos diversos com papéis identificatórios positivos, importantes para a construção da identidade e subjetividade.

A escolha dos brinquedos, assim como sua utilização pelas crianças são aspectos importantes de observação para refletir sobre constituição de identidade e preferências, pois os bonecos carregam uma série de simbologias de acordo com o sexo que representam, seus tamanhos, roupas e raça.

Os bonecos estão presentes na história da humanidade desde os primórdios, nem sempre como brinquedos, mas como representações de diferentes personas. Os primeiros documentos que fazem referência aos bonecos foram encontrados no Egito representando soldados, sacerdotes, deuses e outros membros importantes daquela sociedade. Alguns eram articulados com membros que se mexiam, outros tinham cabelos humanos. Também foram encontradas marionetes com corpo de madeira e cabeça de marfim.

No Brasil, os padres jesuítas usavam as marionetes para catequizar os indígenas. Também entre os indígenas existe a cultura das bonecas Karajás que é passada de uma geração para outra como meio de preservar a história e cultura do povo.

Quando consideramos o brinquedo como um objeto cultural que está relacionado a constituição de valores e ações, que ofertam representações que determinam comportamentos, observamos como os adultos oferecem os brinquedos e educam as crianças marcando desde cedo privilégios e diferenças.

Durante a Educação Infantil, as crianças começam a perceber as diferenças e semelhanças entre seus pares. Passam a reconhecer as próprias características de potencialidade e, dependendo dos recursos afetivos e sociais que lhe forem oferecidos, este processo pode ser positivo ou negativo para a construção de sua identidade.

É preciso questionar a cultura que consumimos e que ofertamos as crianças, como diz a escritora Djamilia Ribeiro. É preciso oferecer histórias, estéticas e co-

nhecimento para além dos padrões europeus, para que nossas crianças negras, indígenas e imigrantes sintam-se acolhidas e parte da sociedade. Para que as crianças brancas rompam com as barreiras da discriminação e ao longo do tempo possamos todos desestabilizar o racismo estrutural tão presente e violento na sociedade brasileira. É necessário ofertar respeito, justiça e acolhimento.

OBJETIVOS

- Conviver democraticamente com todas as crianças do CEI, com outros adultos, ampliando o conhecimento às singularidades e as diferenças entre as pessoas;
- Assegurar a qualidade do serviço público de educação;
- Desenvolver o sentimento de solidariedade e empatia com o outro;
- Romper desde muito cedo com as estruturas do racismo estrutural;
- Possibilitar vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que ampliem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;
- Ofertar um ambiente acolhedor às crianças, famílias, responsáveis e servidores (de modo que possam se expressar e serem respeitados por meio das diversas linguagens).
- Garantir acesso à brinquedos, literatura, música e artes plásticas que contemplem a diversidade, (incluindo negros e indígenas e imigrantes).
- Assegurar que nenhuma etnia seja representada em situação negativa ou estereotipada;
- Estimular os servidores a pesquisar e produzir materiais ou propostas pedagógicas que contemple a diversidade;
- Respeitar a história brasileira em seus aspectos artísticos e culturais nos materiais ofertados pela escola;
- Formar os servidores sobre as temáticas das relações étnico-raciais;
- Identificar, intervir e interromper imediatamente eventuais situações de racismo no ambiente escolar;
- Produzir bonecos que representem a sociedade brasileira.

METODOLOGIA

- Compra e produção de bonecos e bonecas negras e indígenas para compor um acervo diverso;

- Promoção de situações nas quais as crianças compreendam que características físicas (cor da pele, cabelo, altura, tipo de nariz...) nada tem a ver com inferioridade;
- Online ou presencialmente, bebês, crianças e servidores explorarão brincadeiras sobre a diversidade de ser criança no Brasil por meio de brinquedos, instrumentos musicais, arte, histórias, músicas, roupas e comidas;
- Junto com os servidores, bebês e crianças, online- ou presencialmente, explorarão brincadeiras sobre a diversidade de ser criança no Brasil por meio de brinquedos, instrumentos musicais, arte, histórias, músicas, roupas e comidas;
- Escuta atenta sobre as hipóteses formuladas pelas crianças e intervenção quando necessário;
- Inserção do tema diversidade étnico-racial em todos os tempos e espaços do CEI;
- Leituras de histórias com protagonistas negros e indígenas;
- Articulação entre professores e coordenação pedagógica em relação as ações realizadas nas turmas para que possam receber auxílio, se necessário;
- Estratégias que promovam a construção positiva da autoimagem das crianças e servidores por meio da elaboração de cartazes, exibição de vídeos e oferta de bonecos e bonecas que representem diferentes raças e gêneros, estudos nos horários coletivos, debates nas reuniões pedagógicas e indicadores de qualidade;
- Identificação e soluções para situações de racismo;
- Oficina on-line para todos os servidores sobre relações-étnico raciais;
- Inserir as famílias/responsáveis e servidores em ações para uma educação antirracista.

CRONOGRAMA

Maio 2020 – Leitura compartilhada e discussão do Livro “Pequeno Manual Antirracista da escritora Djamilia Ribeiro. Observação e reflexão sobre o acervo de bonecos e livros ofertados em sala de aula. Avaliação das imagens postadas no Facebook e Google Classrom. Produção de atividades para oferta on-line referente a cultura afro-brasileira.

Junho 2020 – Apreciação da live “O Currículo da Cidade: Povos Indígenas” com Daniel Munduruku, leitura compartilhada e discussão do “Currículo da Cidade: Povos Indígenas”. Pesquisa sobre personalidades contemporâneas indígenas. Análise do acervo de livros da escola referente as temáticas indígenas. Produção de atividades para oferta on-line referente as culturas indígenas brasileira.

CATEGORIA I – EDUCAÇÃO INFANTIL

Julho 2020 – Participação da Cintia Carvalho no grupo de Leituras Antirracistas cujo o livro abordado foi “Memória da Plantação” da escritora Grada Kilomba. Socialização e reflexão com os professores de trechos do livro “Memória da Plantação”. Beatriz Sargaço realiza em parceria com as professoras, a cotação de valores de bonecos com representatividade de pessoas negras e indígenas. Cotação de material para confecção de bonecos. Compra de material para confecção de bonecos. Cintia Carvalho e Juliana Otuka em parceria com as demais professoras do CEI realizam pesquisas de identidades positivas para os croquis dos bonecos. Professora Juliana inicia a produção dos bonecos.

Agosto 2020 – Leitura compartilhada do livro “O Pequeno Príncipe Preto” de Rodrigo França e “Meu black é de rainha” da escritora Bell Hooks. Seleção de livros com representatividade da cultura afro-brasileira e indígena para indicar à comunidade. Produção de vídeos para postagem no Google Classroom e Facebook com temáticas afro-brasileira e indígenas. Avaliação das ofertas de imagens e propostas pedagógicas a serem postadas nas semanas seguintes no Google Classroom e Facebook.

Setembro 2020 – Apreciação dos vídeos “Kiriku e a feiticeira” de Michel Ocelot e Menino 23 de Belisário Franca. Discussões sobre a falta de representatividade de figuras masculinas negras nas imagens e propostas pedagógicas. Pesquisas sobre personalidades negras. Reflexão sobre heróis negros. Leitura compartilhada dos livros “Tanto, Tanto!” de Trish Cook, “Minha dança tem história” de Bell Hooks. Resgate de histórias de heróis indígenas e afro-brasileiros como Maculelê e Zumbi dos Palmares. Produção de croquis de bonecos masculinos.

Outubro 2020 – Participação da Cintia Carvalho no grupo de Leituras Antirracistas, cujo livro abordado foi “Ensinando a Transgredir” da escritora Bell Hooks. Socialização das discussões do grupo de Leituras Antirracistas com as professoras do CEI. Juliana Otuka finaliza os bonecos. Apresentação dos bonecos para todos os funcionários do CEI. Cintia inicia e compartilha com a Beatriz, gravações de vídeos para oficina on-line sobre bonecos, representatividade e construção identitária. Cada professor recebe um boneco com características indígena do qual fará parte de um momento da oficina on-line. Leitura compartilhada de trechos da revista “O que você sabe sobre a África?” da editora Nova Fronteira.

Novembro 2020 – Finalização das gravações dos vídeos para oficina on-line. Entrega de QR Code para acesso de todos os servidores à oficina on-line. Participação dos servidores na produção dos bonecos ao pesquisarem uma etnia indígena de sua preferência e caracterizar o boneco recebido em outo-

bro de acordo com a cultura estudada. Avaliação das postagens no Google Classroom e Facebook.

Dezembro 2020 – Entrega dos bonecos que estavam com os servidores. Avaliação da primeira etapa do projeto.

Fevereiro 2021 – Organização do projeto de leitura com atenção especial para a valorização de livros infantis que representem a diversidade.

Abril 2021 – Rodas de leitura para as crianças do atendimento presencial. Indicações de leituras para as crianças do ensino remoto. Pinturas com elementos da natureza utilizados nas pinturas corporais indígenas.

Maior 2021 - Exposição dos bonecos produzidos pela professora Juliana com a participação dos educadores (neste momento não foi possível ofertar os brinquedos às crianças por serem de tecido e a necessidade de atenção com a higiene dos brinquedos em função da pandemia de COVID 19, por isso, a opção de expô-los). Avaliação das imagens postadas no Facebook e Google Classroom para que não seja esquecida a importância da diversidade.

Junho 2021 - Os bonecos foram ofertados para o MGII, as crianças foram orientadas a escolher um e permanecer brincando com o mesmo durante determinados dias sem trocá-los entre si devido a pandemia. Após o período de dias combinados com as crianças, os bonecos entram em quarentena e só então são trocados. Com a avaliação positiva da experiência com o MGII o mesmo se aplicou ao MGI para que possam desfrutar dos brinquedos em segurança. É pretendido que até agosto mais crianças tenham contato com os bonecos e o projeto se estenda para a comunidade escolar por meio de exposições, oficinas, instalações artísticas, rodas de músicas, histórias e outros. Tudo vai depender da situação sanitária em relação a COVID- 19 na Cidade de São Paulo.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

No ano de 2020 o grupo de educadores do CEI Professor José Ozi apresentou a equipe gestora lacunas nas discussões relacionadas as relações étnico-raciais. Partindo do desejo do grupo foi elaborado um plano de trabalho para a organização de estudos e espaços para ações relativas ao tema.

Em um país plural como o Brasil, valorizar a diversidade étnico-racial é assegurar o desenvolvimento integral dos bebês e crianças considerando seus aspectos físico, psíquico e emocional na medida que a luta antirracista contribui para a diminuição do etnocentrismo estabelecido pelo espaço escolar em detrimento dos não brancos.

Em encontros on-line semanais as educadoras passaram a ler e dialogar sobre temas como racismo estrutural, violência, relações no ambiente escolar,

CATEGORIA I – EDUCAÇÃO INFANTIL

representatividade, diversidade entre outros assuntos. O foco das discussões foram a cultura afro-brasileira e indígena.

Para preparar o grupo para discussões fundamentadas e enriquecedoras, a coordenação pedagógica organizou momentos de leitura compartilhada e reflexões sobre o livro *Pequeno Manual Antirracista* da escritora Djamila Ribeiro. Nestes momentos a equipe relacionava as leituras com vivências pessoais ou assuntos em pauta nas mídias.

A leitura e as conversas coletivas prepararam o grupo para avaliar as ofertas pedagógicas realizadas pelos educadores no ambiente escolar, virtual e como se relacionavam com as diferenças.

Neste processo de reflexão muitas dúvidas sobre as atitudes pessoais e profissionais foram reveladas, assim como a dificuldade de se trabalhar o racismo com crianças pequenas.

Quanto aos adultos, após a leitura do livro, passaram a realizar uma autoavaliação e identificar aspectos que necessitavam de mudança de postura e quebra de paradigmas.

A coordenação pedagógica que na época trabalhava em regime de plantão na Unidade Escolar, realizou visitas nas salas de aula para verificar os tipos de brinquedos e literatura ofertados. Também analisou as propostas de brincadeiras, filmes e as imagens postadas no Facebook e Google Classroom. Houve também a consulta ao PPP para analisar as concepções do CEI referente as relações étnico-raciais.

Após a coleta de dados a coordenadora pedagógica apresentou a pesquisa ao grupo de educadores que imediatamente percebeu a falta de diversidade nos brinquedos, livros, imagens, músicas entre outras propostas apresentadas para as crianças. Esta percepção trouxe a possibilidades de repensar a prática.

Mas como abordar o tema com crianças tão pequenas como as do CEI?

Partindo do pressuposto que o brincar é a principal atividade da criança, as professoras passaram a pesquisar maneiras de ofertar representatividade e diversidade cultural para dentro do CEI, por meio das postagens no Google Classroom e do Facebook considerando o atendimento remoto devido a pandemia.

A partir de então, refletiram sobre as próprias práticas e buscaram preparar o ambiente do CEI para colocar em ação o que aprenderam quando houvesse o retorno presencial.

Neste processo as posturas pessoais e pedagógicas foram questionadas e debatidas assim, foi revelada a importância de ofertar literatura, música, arte, brinquedos e brincadeiras de origem africana e indígena dentro do CEI.

Também se percebeu a falta de bonecos e bonecas que representassem negros e indígenas. Bonecas que de fato apresentassem a diversidade e nas quais as crianças pudessem se inspirar, projetar e referenciar modos ser e estar no mundo.

Assim, além das leituras, estudos, discussões e postagens no Facebook e Google Classroom houve uma mobilização para a confecção de bonecos, pois usar a verba para comprá-los, não permitiria a aquisição de um número considerável para atender a demanda do CEI. Os brinquedos em sua maioria eram produzidos artesanalmente o que elevava o custo e dificultava a prestação de contas, muitas vezes pelo fato dos fornecedores não emitirem nota fiscal. Ao produzir os próprios bonecos a equipe do CEI eliminaria esses problemas e envolveria todos os servidores da unidade no projeto.

Bonecos e bonecas com rostos, roupas, cabelos e pinturas corporais diferenciadas e com estética bem cuidada foram produzidos com as verbas do PTRF, por uma das professoras do grupo, pesquisas docentes e habilidades artísticas dos servidores foram utilizadas na produção de brinquedos que contassem histórias e representassem a diversidade do povo brasileiro.

Para confeccionar os croquis dos bonecos, os professores realizaram pesquisas de modelos adequados às faixas etárias atendidas e buscaram inspirações em personalidades contemporâneas como por exemplo a cantora Iza, a bailarina Ingrid Silva, a escritora Chimamanda, a nutricionista We'é'na, a funcionária do CEI Stephane e os pais dos nossos bebês e crianças.

Assim, a equipe gestora e a equipe docente passaram a produzir um acervo lúdico e com muita representatividade para quando o atendimento presencial retornasse, as crianças tivessem bonecos para além dos bebês brancos com o mesmo rosto e corpo.

As discussões remotas se estenderam durante todo ano letivo de 2020 e em outubro a direção, coordenação pedagógica e um grupo de professores organizaram uma oficina com o objetivo de estender o tema aos demais servidores da Unidade Escolar.

Nesta oficina on-line, além do acesso ao compilado de informações sobre temáticas étnico-raciais, os servidores da Unidade Escolar foram desafiados a pintar os corpos dos bonecos indígenas partindo de pesquisas sobre uma etnia específica. Ao escolherem a etnia que seria representada pelo boneco, os funcionários tiveram que pesquisar sobre o significado dos traços e das cores utilizados por determinado povo. Então, ao fim da oficina, os bonecos ganharam identidades como menino Yanomami, uma mulher casada Pataxó, a moça Tikuna e o Guarani sem pintura e vestes tradicionais considerando que os indígenas vestem roupas de homem branco e nem sempre estão com seus corpos pintados.

CATEGORIA I – EDUCAÇÃO INFANTIL

A oficina foi organizada na ordem abaixo:

Abertura

1. Os bonecos na história da humanidade
2. A importância da brincadeira no desenvolvimento das crianças
3. Representatividade na Educação Infantil
4. Fazendo uma boneca de pano - Abayomi
5. Índio não! Indígena sim!
6. O tupi que você fala
7. Arte no corpo
8. Orientações para a pintura dos bonecos indígenas (ao vivo)

Os vídeos da oficina foram arquivados em um drive compartilhado no Google Classroom e os servidores receberam um QR-Code para acessar ao conteúdo.

Em março de 2021 os servidores devolveram os bonecos, que num primeiro momento foram expostos nas paredes do CEI para que toda comunidade apreciasse.

Neste momento em que estamos recebendo apenas 35% dos matriculados, foi possível disponibilizá-los para as crianças maiores com o acordo de que permanecerem brincando com os mesmos bonecos a semana inteira e todos os dias após o uso guardados em saquinhos individuais. As crianças entenderam as regras e chamam os bonecos de “meu filho”. Após cinco dias de uso os bonecos são colocados em quarentena e outros modelos são disponibilizados. A experiência tem dado certo, por isso estamos expandindo a proposta para outro agrupamento de crianças.

Os arquivos de livros e os bancos de imagens do CEI estão mais diversificados, contendo muitos livros e imagens representando indígenas e negros. A equipe escolar estabeleceu bases de organização como:

- Projetos relacionados ao tema;
- Alterações no Projeto Político Pedagógico;
- Produção de bonecos e bonecas que representassem a diversidade;
- Estratégia de oferta dos bonecos de pano em tempos de pandemia;
- Resgate de brincadeiras e músicas Afroindígenas;
- Leitura e contação de histórias Afroindígenas;
- Formação das professoras e demais funcionários durante os horários coletivos;
- Atividades com a comunidade escolar;
- Oferta de literatura e arte;
- Oferta de brinquedos e instrumentos musicais.

A Unidade Escolar seguirá 2021 pensando em como cuidar e educar os pequenos considerando a diversidade e assegurando atitudes positivas que auxiliem as crianças a se sentirem acolhidas, fortalecidas e seguras em suas singularidades. Os funcionários do CEI hoje, também se sentem mais preparados para identificar e combater o racismo na instituição.

Quando o professor conhece diferentes culturas e considera as diversas infâncias, torna-se mais fácil acolher a diversidade, intervir e preparar situações de combate ao racismo mesmo com crianças pequenas. Por isso, estudos e ações relacionadas a estas temáticas continuarão em foco ao longo deste ano.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

O projeto foi avaliado sistematicamente durante o processo por meio de análises e discussões sobre os fazeres, o que possibilitou ajustes das propostas durante o percurso e a certeza de que o grupo buscou concretizar os objetivos estabelecidos como saber identificar e agir em situações de racismo, diversificar o acervo de livros e brinquedos no CEI e cuidar das propostas postadas no Google Classroom. Assim como desenvolver práticas de inclusão, respeito e acolhimento no ambiente escolar e na sociedade considerando a diversidade.

Algumas questões dos Indicadores de Qualidade também possibilitaram esta avaliação. As questões são:

1. As educadoras e educadores refletem sobre falas que transmitem preconceitos de raça, cultura, gênero, religião ou classe social de forma a problematizá-las e propor ações promotoras de igualdade?

De dezoito participantes 100% responderam sim.

2. As propostas presenciais e à distância ensinam as crianças a cuidarem de si mesmas e do próprio corpo, valorizando as diferenças e motivando cada conquista neste processo?

De dezoito participantes 100% responderam sim.

3. A Unidade Educacional proporciona às crianças brincadeiras tradicionais em diálogo com as famílias e a comunidade?

De quinze participantes 100% responderam sim.

4. O Projeto Político-Pedagógico da Unidade Educacional explicita, por escrito e em suas ações, o compromisso com a educação antirracista e com a igualdade de direitos entre os gêneros masculino e feminino?

De dezoito participantes 100% responderam sim.

5. Todos os bebês e as crianças têm a oportunidade de ver sua imagem (revistas, fotos, vídeo, desenhos e outros) representada positivamente nos materiais gráficos presentes nas paredes e murais da Unidade Educacional?

De dezoito participantes 100% responderam sim.

6. Na apresentação personagens como heróis/heroínas, príncipes/princesas estão contemplados as diferentes identidades étnico-raciais (branco, negro, indígena) e os imigrantes?

De dezoito participantes 100% responderam sim.

Os depoimentos apresentados no item 16, também possibilitaram a avaliação do projeto que até o momento mostra que parte dos objetivos foram alcançados ou estão em vias de se concretizarem em 2021.

DEPOIMENTOS

“Considero o Projeto “Bonecos: o brinquedo como ferramenta de combate ao racismo”, de extrema importância. Esta é uma questão que discutimos com muita frequência, mas nunca tínhamos efetivamente colocado nada parecido em prática. Talvez pela dificuldade em encontrarmos brinquedos que possibilitassem esta realização. A confecção dos bonecos, bem como os nossos estudos, possibilitou e possibilitará uma melhor conscientização sobre a importância do respeito a diversidade, bem como aproximação da riqueza cultural brasileira. Acredito que os bonecos se encaixarão como importante ferramenta no contexto do brincar, possibilitando inclusive relações com as leituras realizadas aos bebês e crianças no ambiente escolar.”

Luciana Vasconcelos Carelli

“Avalio que ao brincar com bonecos, a criança faz representações simbólicas do ser humano. É de sua realidade, que permite assumir muitos papéis importantes para a construção da identidade e de sua possibilidade de convivência ética e estética com outras crianças com respeito, diálogo e ampliação da diversidade.”

Renata Melo Oliveira

“Este projeto é fruto de muito estudo, pesquisa, reflexão, discussão e planejamento de ações pedagógicas. Ao meu ver, objetiva repensar a prática e aplicá-la, estimulando as crianças ao não preconceito, reforçando que somos todos iguais, que temos os mesmos direitos e deveres, as mesmas oportunidades, o mesmo respeito e valor como pessoa humana na sociedade. Devemos tratar todos igualmente, sem distinção.”

Márcia da Cruz Shinomya

“Avalio o projeto positivamente, ampliou o nosso olhar enquanto grupo. Nos trouxe criticidade para pequenas escolhas do cotidiano, como: pensar nos objetos e nas materialidades ofertadas para bebês e crianças frisando na questão de representante racial e de gênero.”

Claudia Barbosa

“Este projeto é muito importante para promover a cultura antirracista desde a educação infantil, onde as crianças estão começando a se identificar. Acredito que este projeto fará com que as crianças se identifiquem como os bonecos e que se sintam valorizadas e representadas.”

Juliana Aparecida Otuka

“Enquanto professora de crianças pequenas, entendo ser necessário esse projeto na escola. Certamente, isso nos possibilita entender de que maneira as crianças são encorajadas a normatizarem seus corpos, dentro de um modo específico e particular de beleza, feminilidade ou masculinidade proposto pela sociedade. Por isso, é importante que os professores possam desconstruir, reinventar, apresentar diferentes repertórios de brinquedos a serem utilizados nas atividades com bonecos e bonecas, à fim de questionar os tipos físicos tidos como ‘certos’ pela nossa sociedade.”

Rosana Picariello

“Eu avalio o projeto como importante e necessário para os bebês, as crianças, servidores, pais/ responsáveis do CEI, pois a escola tem um papel fundamental no rompimento do racismo estrutural, quando desde cedo apresenta as crianças literatura, arte e brinquedos diversos com papéis identificatórios positivo, importantes para construção da identidade e subjetividade. A intenção do Projeto é que as crianças e bebês através da brincadeira com os bonecos entrem em contato com a diversidade, sintam-se acolhidos e representados, desenvolvendo aprendizagens significativas. A iniciativa desse projeto me trouxe novos conhecimentos que irão contribuir para minha prática pedagógica.”

Claudia Gomes

“Uma semente reflexiva. Além de bem embasado teoricamente, sua execução contou com a participação do grupo e o resultado, para esta primeira etapa, a confecção das bonecas, foi de uma beleza notável.”

Denise Maria e Silva

CATEGORIA I - EDUCAÇÃO INFANTIL

2º LUGAR

Projeto:

Nosso quintal como ninho. Acolhida.

Unidade Educacional:

CEI Teotônio Vilela

Responsáveis:

**Mayra da Silveira Santos e
Paloma Fernanda João Masella**

RESUMO DO PROJETO

Este projeto nasceu do desejo de que as crianças bebês, pudessem sentir momentos de tranquilidade e bem-estar, enquanto a estética, ludicidade e arte invadissem seus corpos num ambiente agradável e intensamente sensorial. Iniciamos por um comedouro de pássaros a pedido dos pequenos. Seguimos esperançosos de que estamos não só mudando o quintal do CEI, mas também, mudando os dias de todos que passam por lá.

JUSTIFICATIVA

Acolher. Palavra do tamanho exato para nosso projeto. Estamos vivenciando um cenário atípico e muito entristecedor. E que independente disso tudo, mesmo com medos e angústias, as famílias necessitam trabalhar e, seus bebês e crianças precisam da segurança, afeto e escuta, que são ações intrínsecas nos CEIs. Mas as crianças sentem que algo está acontecendo, e que muitos sentimentos e sensações estão envolvidas.

Com a intenção de amenizar quaisquer um desses medos e sensações trazidas pelas famílias e suas crianças e bebês, projetamos nosso bem querer em

cada uma de nossas ações para que a rotina delas em nossos espaços, sejam as mais acolhedoras, sensíveis e que “aninham”.

OBJETIVOS

Os objetivos são os nossos mais sinceros propulsores a um fazer que priorize a educação infantil com respeito e escuta sensível.

- Queremos acolher com espaços que aninham, todas as crianças e bebês, assim como suas famílias. Da mesma forma que nosso cei é acolhido por nossa comunidade e às comunidades do entorno que de forma muito colaborativa participam conosco deste projeto.
- Arquitetar contextos brincantes nos espaços do CEI, de forma a encantar as crianças e bebês para que adentrem a um universo lúdico e seguro.
- Proporcionar bem-estar às crianças e bebês, professoras e funcionários em todos os espaços em que estejam interagindo. E que nesses momentos percebam a estética cultural, contemporânea, inspiradora e interativa construídas por todos nós e que agora, fazem morada no CEI.
- Acolher em forma de cuidados e preservação, os pássaros urbanos que visitam nosso CEI, assim como os insetos. Contribuindo diariamente com frutas, sementes, água e “hospedaria”.
- Afetar os adultos, crianças e bebês, para que preservação ambiental seja prioridade em nossas vidas em qualquer ambiente em que estivermos.

PÚBLICO-ALVO

Crianças e bebês de 0 a 3 anos (famílias, comunidades, funcionários e professores).

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Alessandra Oliveira de Souza Silva, Amanda Esteves dos Santos, Denise Elizabeth Sestari Bezerra, Eliana de Brito Botelho, Gabriele Amaral, Gisele Aparecida do Nascimento, Gisele Nicolof Vieira, Jussania Peres, Luana Rodrigues Guimarães, Mônica Camillo do Couto, Rodrigo Pinto de Azevedo.

METODOLOGIA

Através da premissa: reciclar, reutilizar, colaborar e sensibilizar, confeccionamos diariamente, uma série de artesanias lúdicas, em colaboração, concordância, empenho e alegria, com nossas crianças e bebês.

Todos juntos conversamos, nos ouvimos e percebemos as necessidades que cada pessoa coloca e de forma provocativa apresentamos materiais diversos (de maioria alcançados em doações) incitando a manifestação e preferência de cada um para a execução dos objetos que irão compor com grandeza sem igual, nossas ambientações.

O olhar atento também age de forma imprescindível para atender as demandas das crianças bem pequenas e bebês. Temos um pneu.” Que tal uma corda para puxá-lo? Dentre outras experiências.

CRONOGRAMA

ABRIL: Início do projeto. Confeção e instalação do comedouro para aves urbanas. Confeção e instalação da hospedaria para os insetos e outros bichos.

MAIO: Confeção e instalação das mandalas. Confeção e instalação de um parque sonoro. Trazendo outros ambientes para o nosso quintal: camping e praia. Confeção, pintura e instalação da cozinha a céu aberto.

JUNHO: Confeção e instalação de móveis de fitas e outros elementos. Trazendo a arte para nossas vivências. Revitalização do jardim.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto nasceu sem contrações e como um parto natural, chegou ao “nosso mundo”. Nosso quintal, de maneira complementar as nossas rotinas.

Ele nos sorriu, se entregou e permitiu que todos adentrassem em seu processo de crescimento. Nosso projeto está crescendo. Cada dia maior e mais forte. E assim, com seu jeitinho encantador e brincante, nos mantém entretidos e muito animados para que “ele” permaneça por muitos anos com a gente.

Iniciou com discrição, assim com um comedouro de pássaros e como a natureza vêm de dentro de nós, agradar os pássaros foi pouco. Muitas ideias foram surgindo e muitos materiais foram doados, mantendo nos firmes e esperançosos nas mudanças que tanto sonhamos. A cada dia surgia um novo “pedaço”, um enlaço, uma proposta, uma brincadeira e vários sorrisos ternos. Mas, não podemos deixar de mencionar as gargalhadas adivinhas das balan-

ças de corda, pneus e árvores. Falar do desenvolvimento sem mencionar a participação ativa e feliz das crianças e bebês.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Até o presente momento, ainda com o projeto em processo, pois ele é uma história diferente de tantas outras. Têm começo, meio, mas não têm fim... É um processo lindamente contínuo. E sobre ele, temos recebido as melhores avaliações das crianças, que são nossas maiores inspirações e motivo para continuar. Elas delicadamente nos envolvem com palavras de gratidão e incentivo, nos mantendo sempre fortes em nossos objetivos.

As colegas, famílias e comunidade, também têm respondido positivamente, com muitos elogios e ideias, participando e colaborando para o desenvolvimento dos nossos lugares.

DEPOIMENTOS

“Eu quero deixar o mundo colorido!”

André Luiz, 3 anos e 3 meses

“Uau, que lindo!”

Daniel, 2 anos e 5 meses

“Isso é muito divertido!”

Sabrina, 3 anos e 8 meses

“Como mãe, o retorno ao atendimento presencial era minha única opção, porém motivo de muita angústia e medo por conta da pandemia. Mas desde o primeiro dia, mesmo com o cumprimento das medidas protetivas contra o COVID-19, me senti acolhida e amparada, senti no olhar das professoras que acalentavam minha criança o comprometimento que tinham em proporcionar não apenas acolhimento e segurança as crianças e suas famílias, mas em fazer dos momentos que as crianças estiverem naquele lugar, momentos inesquecíveis. Nos primeiros dias meu pequeno ainda não se sentia muito confortável, afinal, como ele me dizia ‘O parque está quebrado mãe’. Mas com a transformação dos ambientes, principalmente o parque que agora tem mais cores, mais vida, o André Luiz que no começo não se expressava e não brincava muito com as outras crianças, agora está interagindo melhor, consegui se expressar e se comunicar melhor com as professoras. Quando vou buscá-lo ele me abraça e diz ‘Você está feliz, mãe? Eu tô ‘feliz!’ Agora ele se sente seguro, se sente em casa. Moro em um apartamento

pequeno, mas agora meu pequeno tem um quintal e não é qualquer quintal. É um quintal cheio de magia e união, é um quintal que prova que educação pública é sim educação de qualidade! É um quintal que prova que quando há comprometimento, encantamento e amor em educar, quando há empatia, quando há afeto, quando a criança é ouvida, quando há união, tudo é possível! Só tenho a agradecer por tudo que é proporcionado ao meu filho com tanto carinho. Projeto bonito de se ver, lindo de viver!”

Denise Elizabeth Sestari Bezerra, professora e mãe de André Luiz

“Em todos os meus anos no território da educação infantil tenho me deparado com professoras com saberes e fazeres diversificados. Resultaram em ricas contribuições ao pleno desenvolvimento dos bebês e crianças atendidas. Contudo, este projeto das professoras Mayra e Paloma demonstra a amplitude e conhecimento das infâncias manifestado através do olhar sensível e atento das duas professoras. Resgatar a conexão com os elementos – terra, ar, fogo e água – na proposta Nosso Quintal, como um ninho, expandiu-se de uma prática pedagógica para uma vivência interdisciplinar e poética. E com historicidade! O processo de construção desse projeto alicerçou-se em constructos teóricos da abordagem linguagens de projetos, sem perder de vista o que preconiza o Currículo da Educação Infantil da Cidade de São Paulo e demais teorias estudos atualizados sobre educação infantil. Como a tecelã cria uma linda peça em seu tear, Mayra e Paloma foram tecendo cores, aromas, sons, vários objetos, no tear que se tornou o parque infantil do CEI. Esse espaço expandiu ao infinito e tocou as memórias dos antigos quintais. Aqueles mesmos que brincavam lado a lado com as crianças. Lugar de oportunidade à investigação infantil na construção de novos conhecimentos, com ludicidade e alegria. As professoras demonstram que o lugar do conhecimento é o lugar do não saber, ou seja, do permitir-se se deslumbrar com uma miríade de possibilidades futuras, deixar-se levar pela criança em si mesma. Escutar o canto das infâncias que brincam nos galhos das árvores, na poça d’água reluzente pelo sol, nas gargalhadas infantis farfalhantes das descobertas, nos vários verdes e cobres da folha seca caída no chão de terra do quintal de um CEI. Educar infâncias exige que se viva as infâncias com as crianças, com muita alegria e junteza. Encontramos isso no projeto das professoras Mayra e Paloma. Paulo Freire dizia ‘A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Jussania Peres, diretora da Unidade

CATEGORIA I - EDUCAÇÃO INFANTIL

3º LUGAR

Projeto:

Conhecendo e Sendo em São Paulo

Unidade Educacional:

EMEI Gabriel Prestes

Responsáveis:

**Vanessa de Oliveira Santos, Marilene Sales de Melo,
Amanda Gomes Pinto e Nathalia Cordazzo dos Santos**

RESUMO DO PROJETO

O projeto utiliza a cidade como espaço integrador de conhecimento e participação social, através de visitas a equipamentos públicos e pesquisas sobre cultura popular, resultando no desejo de realizar também visitas às residências das crianças. A ação proporciona o fazer educativo integrado aos afetos e ao descobrimento de novas possibilidades de ser e estar na cidade, valorizando a escuta das demandas da criança e criar situações em que ela possa desenvolver sua autonomia e seu protagonismo, construindo e reconstruindo seus conhecimentos.

JUSTIFICATIVA

“Ah, a rua! Só falam de tirar as crianças da rua. Para sempre? Eu sonho com as ruas cheias delas. É perigosa, dizem: violência, drogas... E nós adultos, quem nos livrará do perigo urbano? De quem eram as ruas? Da polícia e dos bandidos? Vejo por outro ângulo: um dia devolver a rua às crianças ou devolver as crianças às ruas; ficariam, ambas, muito alegres”
(Paulo Freire)

Para Helena Singer, território educativo é um lugar que atende a quatro requisitos: possui um projeto educativo para o território criado pelas pessoas daquele espaço; agrega escolas que reconhecem seu papel transformador e que entendem a cidade como espaço de aprendizado; multiplica as oportunidades educativas para todas as idades; articula diferentes setores – educação, saúde, cultura, assistência social – em prol do desenvolvimento local e dos indivíduos. Ele faz as pessoas pensarem sobre o papel que a escola pode desempenhar no território e na comunidade em que ela está inserida, além de promover experiências educativas que criam novas possibilidades para as relações internas e externas, proporcionando a transformação do lugar onde estão.

A cidade, mais cinza do que nunca, precisa se humanizar. Para isso, nada melhor do que as crianças estarem pela e na cidade, seja andando, brincando, observando... A criança humaniza a cidade, torna o dia dos pedestres, moradores e motoristas mais colorido, divertido e feliz, colocando um sorriso no rosto daquele que observa a infância interferindo na cidade. Como diria Paulo Freire, precisamos devolver as crianças à cidade!

Utilizar a própria cidade, com sua arquitetura, seus registros históricos, seus equipamentos culturais, seus registros artísticos espalhados pelas paredes da cidade em que as crianças estão permeadas e inseridas diariamente, como instrumentos educacionais, mostrando como ela pode nos ensinar com os registros deixados pela e na sociedade, tendo a arte como eixo norteador desses questionamentos e/ou observações realizadas pelas crianças. Permitindo, através das saídas pedagógicas para conhecer o entorno e onde os colegas de classe moram, além de conhecer as escolas do entorno, que as crianças ampliem seu repertório de localização e observação do ambiente em que vive, tentando identificar durante o trajeto marcas artísticas que expressam a cultura local e/ou os conhecimentos construídos durante o trabalho com a turma, bem como identificar questões referentes à cidadania, direito à moradia, acessibilidade, sustentabilidade, direitos humanos, mobilidade urbana, etc.

Além disso, ampliar o alcance da nossa marquilha “Criança na área”, entregando nas escolas visitadas, nossa placa de MDF para que elas se sentam motivadas a explorar o território e deixar sua maquinha também no chão, mostrando para a cidade que há “criança na área”!

Em contexto de pandemia, estar pela cidade ganha outro sentido, se tornando mais significativo e necessário, uma vez que as escolas fecharam para conter o avanço do novo coronavírus. As conexões foram formadas através do mundo virtual, com o uso das mídias sociais (WhatsApp, Facebook), para

manter o vínculo e conectar um maior número de crianças e famílias, entrando em suas casas virtualmente, dando apoio e recebendo apoio para passarmos juntos por essa fase tão peculiar da história da cidade e da saúde pública.

OBJETIVOS

- Integrar a família no processo, permitindo a troca de conhecimentos, o planejamento e execução junto às professoras;
- Manter a conexão entre as crianças, professoras e comunidade, através das mídias sociais durante a pandemia;
- Fortalecer os vínculos criados na pré-pandemia e esperar dias melhores;
- Monitorar as crianças e minimizar os impactos que a pandemia causarão nelas;
- Descobrir novas formas de ser e estar pela cidade;
- Recriar a prática pedagógica em tempos de pandemia;
- Reconhecer-se como produtor e recriador de cultura;
- Interferir no território, divulgando a placa “Atenção, criança na área!” nas escolas do entorno, motivando-as a explorarem o território e registrarem sua passagem no chão.
- Ampliar o repertório de trajetos, nomeando as vias públicas e observando suas características “naturalizadas” pelo uso diário.
- Ampliar o círculo de amizades, mapeando onde moram e identificando trajetos em comum e a proximidade entre os colegas de turma;
- Permitir a socialização pós-escola, a partir do conhecimento dos trajetos entre casa e escola;
- Reconhecer a função social da escrita como meio para planejamento e anotação de informações importantes e relevantes do dia-dia;
- Conhecer os Correios e sua função na cidade;
- Elaborar “cartas” para os colegas da turma e para os colegas das demais escolas, para convidá-las a conhecer nosso quintal, conhecendo e reconhecendo a importância desse gênero textual para a comunicação entre as pessoas;
- Conhecer as casas dos amigos da turma, promovendo maior interação e intimidade entre eles e entre suas famílias;
- Fazer leitura de mapas e localizar os pontos visitados/conhecidos;
- Descobrir os modais de transporte;
- Instigar as demais escolas a explorarem e a deixarem sua marquilha no território, presenteando-as com uma placa de MDF.

PÚBLICO-ALVO

Crianças da EMEI Gabriel Prestes, das turmas de infantil I, 5C e 5D; As crianças das EMElS do Território Educativo das Travessias (Armando de Arruda Pereira, Patrícia Galvão, Monteiro Lobato); EMElS Dona Ana Rosa de Araújo e Dona Leopoldina, além das meninas do coletivo “Meninas Crespas”, do Rio Grande do Sul, em contexto de pandemia. Aproximadamente 500 crianças participaram do projeto.

METODOLOGIA

- Rodas de conversa para identificar os conhecimentos prévios das crianças e descobrir suas demandas para direcionar a prática pedagógica;
- Pesquisa, junto às famílias, para descobrir suas origens e orientar o trabalho pedagógico;
- Propiciar o protagonismo das famílias como co-educadores das professoras, para planejarem ações pertinentes ao grupo de crianças;
- Propiciar o protagonismo das crianças, na definição das saídas, temas a serem abordados/pesquisados, na avaliação do trabalho desenvolvido durante o ano;
- Integrar a cultura socialmente construída, os equipamentos culturais disponíveis da cidade e as culturas das famílias e suas crianças;
- Saídas pedagógicas para as escolas do entorno e demais escolas de interesse das crianças;
- Utilizar o WhatsApp, Google Sala de Aula, Google Meets, Zoom para manter o vínculo da turma, entrar em suas casas de maneira virtual, planejar ações coletivas a fim de minimizar os impactos que a pandemia causou na rotina das crianças, das famílias e da escola;
- Saídas pedagógicas planejadas junto às crianças e suas famílias, para conhecermos suas casas, sua cultura e o trajeto de casa à escola;
- Saídas utilizando os modais de transporte, verificando suas diferenças de uso;
- Trocar correspondências entre as EMElS, para integrar a função social da escrita e gerar a curiosidade para que o encontro seja desejado, esperado;
- Registro das atividades desenvolvidas, onde as crianças dirão o que mais gostaram ou o que mais foi significativo para elas;
- Saída pedagógica para os Correios, para as crianças enviarem cartas umas às outras, às escolas do entorno e às de interesse das crianças, para convidá-las a conhecerem nosso quintal;

- Definição da “marca da turma”, em roda de conversa, para grafitarmos no trajeto orientado pela criança anfitriã e identificarmos o trajeto tanto para as famílias quanto para a comunidade do entorno, atentando que há crianças na área;
- Entregar às escolas, como um convite à exploração do território, a placa de MDF “criança na área”;
- Realizar reuniões online, semanalmente, integrando as falas das crianças com a linguagem lúdica, recriando a prática pedagógica, antes centrada nos encontros presenciais;
- Planejar ações coletivas com os movimentos “Ocupa a Cidade” e “Virada Educação” para mostrar a importância da educação e dos vínculos, principalmente para a educação infantil, mostrando a existência das crianças na cidade, mesmo fora do ambiente escolar;
- Propor às crianças e suas famílias, criação de vídeos que mostrem sua vivência durante a pandemia, o que veem das suas janelas e o que mais sentem falta da escola.

CRONOGRAMA

Fevereiro/Março/2019 – Acolhimento das turmas; Formação de vínculos com as crianças e suas famílias; Formação de parcerias com as escolas do entorno; Abril e no decorrer do ano de 2019 – Pesquisa de trajetos para as saídas pedagógicas; Anexando o calendário para agendamento das famílias; Construção de mapas com os trajetos individuais e identificação de trajetos comuns; Promover encontros entre as crianças extra-classe;

Junho/2019: Reunião com as famílias para alinhamento do projeto; Visitação ao Corpo de Bombeiros da Consolação, utilizando os modais de transporte: a pé, ônibus coletivo, metrô e trem; Envio de cartas para as EMElS – Ida aos Correios;

Julho/Agosto/Setembro/2019: Visitação às EMElS Patrícia Galvão, Armando de Arruda Pereira e Monteiro Lobato para as crianças conhecerem o quintal dessas escolas do entorno e enviarmos correspondência, fazermos novos amigos e entregarmos a placa de MDF, utilizando o modal de transporte: a pé;

Outubro/2019: Visitação à EMEI Dona Ana Rosa de Araújo, para as crianças conhecerem o quintal dessa escola que pesquisamos e enviarmos correspondência, fazermos novos amigos e entregarmos a placa de MDF, utilizando o modal de transporte: metrô;

Novembro/2019: Visitação à EMEI Dona Leopoldina, para as crianças conhecerem o quintal dessa escola que pesquisamos e enviarmos correspondência,

fazermos novos amigos e entregarmos a placa de MDF, utilizando o modal de transporte: ônibus coletivo;

Março/2020: início da pandemia e primeira reunião virtual com a turma, com o apoio de uma família na criação da sala para nossos encontros;

Abril a junho/2020: Encontros virtuais semanais, criação de vídeos temáticos “o que vejo da minha janela”, orientação e organização do evento “Ocupa a Cidade”;

Julho a Outubro: Encontros virtuais semanais, planejamento de atividades para a Virada Educação, articulação com o coletivo “Meninas Crespas” para uma *live* sobre negritude e infância, planejamento de *lives* “de criança pra criança”, com o coletivo Quilombo Afroguarani Casa Amarela apresentando como fazer Abayomi e com família arte-educadora da Lara, apresentando mágicas aprendidas durante o ano nas *lives* da turma.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Em nosso PPP, consideramos a criança como um ser competente, ativo e agente de seu conhecimento, assim oferecemos a elas várias oportunidades para o seu desenvolvimento físico, motor e intelectual e para a formação de sua identidade, conhecendo e reconhecendo-se através da mediação entre o conhecimento socialmente construído e as culturas da infância. Dessa forma, achamos importantíssimo escutar a criança e criar situações em que ela, na interação com os parceiros e nas atividades socioculturais propostas, possa desenvolver sua autonomia e seu protagonismo, construindo e reconstruindo seus conhecimentos. Dentro das linguagens a serem exploradas, damos ênfase à Arte, centrando-nos nos percursos artísticos da infância tanto na escola como nos espaços que a cidade oferece e a cultura popular como linguagem transversal.

A criança apropria-se do mundo por meio de uma relação sensorial e estética, assim a escola de Educação Infantil deve ser o espaço e o tempo de a criança se exercitar como sujeito sensível e ativo, que pensa pela imaginação e ação, inserida no mundo de cores, formas, sons, melodias, falas, narrativas, movimentos, dramatizações e interações, que a estimulam e a convidam a agir e a pensar. A arte é o campo do conhecimento que mais permite a multidisciplinaridade, pois ela permeia e é permeada pelas demais áreas do conhecimento, além de ser uma linguagem inerente ao ser humano, sendo uma das primeiras formas de comunicação da humanidade.

Após o período de acolhimento e de formação inicial de vínculo entre a professora e as crianças, uma família nos procurou para saber se era possível fazer a festa de aniversário da criança na escola. Nesse momento, perguntei se a família

teria algum problema em receber as crianças em sua casa para realizar a festa de aniversário na forma tradicional: crianças todas reunidas em casa para os parabéns. A família adorou a ideia e logo agendou a visita. Sendo assim, planejamos uma saída pedagógica para a cada do aniversariante Willian, onde a família veio até a roda de conversa fazer o convite e contar como iríamos até lá. Nesse momento, começamos a pesquisar o melhor trajeto, observando o mapa pesquisado no Google Maps, para facilitar nossa ida até lá.

Como as crianças foram à casa do coleguinha Willian, para fazer comemorar o aniversário dele, solicitaram à professora que as visitas fossem ampliadas as suas casas e as demais famílias receberiam a turma para promover a socialização a interação fora da escola. Desde momento em diante, as demais crianças ficaram muito interessadas em apresentar suas residências aos colegas da turma, perguntando, no momento da roda de conversa, se poderíamos ir em suas casas também. Nesse momento, o projeto ganha o protagonismo das crianças, pois à partir da escuta de seus desejos e interesses, reformulamos a ideia inicial do projeto, que era articular os equipamentos culturais com as culturas das famílias, para inserir o conhecimento mais íntimo da vida privada delas.

Partindo daí, criamos um bilhete com o calendário do mês atual e o subsequente, para ser colado em todas as agendas da turma, para que cada família pudesse se planejar e anotar quando gostaria de receber as crianças em suas casas. Uma vez registrada a vontade da criança e da família, os calendários de todas as famílias eram atualizados para que não houvesse conflitos de horários e para que todos soubessem quando e onde a turma iria. Cada família planejava, junto com a criança, como seria a visitação em sua casa. Na roda de conversa, a criança anfitriã combinava as regras a serem seguidas em sua casa e orientavam como seria o trajeto. Além disso, tornaram-se parte integrante no projeto, planejando junto à professora as ações, saídas e registros a serem feitos das saídas realizadas. Sendo assim, o território foi utilizado como promotor de aprendizagens e relações significativas com o conhecimento historicamente construído e os equipamentos culturais foram pensados para conectar as culturas das famílias com as demais culturas produzidas pelos campos de conhecimento.

As saídas pedagógicas, para o conhecimento do trajeto de casa para a escola e entre as casas dos amigos, ampliou o repertório de localização, nomeando as vias por onde as crianças passam e a identificação de onde os colegas moram (perto-longe) ou que comungam de mesmo nome de ruas, com vistas a integrar o conhecimento da cidade na escola e o conhecimento da escola na cidade, uma vez que estamos em espaço privilegiado da cidade com equipamentos culturais tão ricos em conhecimento e tão próximos a nosso

entorno. Nos aventuramos a sair de transporte coletivo (ônibus, metrô e trem) para chegar nas casas dos coleguinhas que moravam bem longe da escola e para visitar a casa da professora (nada mais justo, uma vez que a professora foi visitar as casas e famílias das crianças).

A turma fazia todos os momentos coletivos da escola, junto com a turma vizinha (5C), da professora Amanda. As saídas para os equipamentos culturais da cidade (Caixa Cultural, Centro Cultural Banco do Brasil, Quilombo Afroguarani Casa Amarela, Biblioteca Monteiro Lobato, Corpo de Bombeiros, Funarte, Armazém do Campo, entre outros) eram feitas em conjunto, o que aproximou mais ainda as duas turmas. Essas vivências e interações formaram uma amizade muito grande entre as duas turmas e a ideia de coletividade. Essa amizade levou a mais um questionamento na roda de conversa: se somos amigos da turma ao lado, se saímos sempre juntos para visitar alguns lugares na cidade, por que não podemos conhecer as casas dos amigos juntos? Nesse momento, mais um desafio foi nos colocado: integrar as agendas e calendários das duas turmas, para que todos pudéssemos conhecer as casas dos amigos da turma vizinha? Fizemos uma reunião com as famílias para explicar essa nova demanda das crianças, pedindo para as famílias, que quisessem agendar a visita em sua casa, considerassem que teriam 50 crianças para receber em sua casa. Embora o número tenha assustado as famílias, isso não foi impeditivo para que as visitas continuassem. Pelo contrário, as famílias começaram a planejar espaços e atividades, junto com sua criança, para qualificar a recepção dos amigos em casa.

Durante as saídas pela cidade, as crianças perceberam marcas da cidade e na cidade. O grafite e a pichação, tão presentes no território ao qual a escola está inserida, foram logo percebidas pelas crianças. Portanto, foi necessário pesquisar sobre o que eram essas manifestações culturais e de comunicação. Os grafites mais percebidos pelos pequenos, foram dos grafiteiros “Speto”, “Gêmeos”, “Darlon” e “Kobra”; Até encontramos, numa lanchonete próxima da EMEI, um grafiteiro local fazendo sua arte no interior e na fachada da loja, que paramos para observá-lo. Nessa observação, vimos que ele utilizava o spray livremente, registrando o que estava em sua mente, e também uns papelões com formatos cortados para marcar a parede com os desenhos que se repetiriam em sua obra. Descobrimos que esse papelão é chamado de stencil e que ele é usado quando queremos deixar uma marca repetidamente.

Voltando para a sala de aula, em roda de conversa, as crianças ficaram intrigadas com a possibilidade de criar uma marca e de repetí-la quantas vezes quisessem. Nesse momento, perguntei se elas gostariam de ter uma marquilha também e que poderíamos deixá-la por onde passássemos pela cidade.

Prontamente, as crianças aceitaram e partimos para o planejamento da nossa marca, do nosso stencil. Elas sugeriram que a marca fosse o “pé”, já que andamos pela cidade. Achei a ideia genial, mas disse que só o pezinho não diria muito sobre o que ele significa e a Bárbara disparou: diz que tem criança passando! Aí me dispus a fazer um modelo de marquinha e a pensar numa frase que pudesse dizer que estávamos passando e o resultado foi “Atenção, Criança na área!” e convencenamos que, a cada saída, nossa marquinha seria deixada.

A cada trajeto realizado, deixávamos uma marca nossa no território, utilizando a técnica do grafite com estêncil. A criança anfitriã escolhia, durante o trajeto, qual o melhor lugar para deixar sua marca. Escolhido o local, as crianças fixavam o estêncil no chão e a professora utilizava o spray para registrar a marca da turma “Atenção, criança na área!”. Dessa forma, as crianças reconheceriam aquela rua como parte do trajeto até sua casa, além de mostrar ao território central, tão frio e cinza, que ali também há crianças a serem pensadas nas ações da prefeitura e da comunidade.

Em meio a esse projeto, nos correspondemos com as escolas do território e com escolas que as professoras conheciam e que mostraram fotos dos quintais dessas escolas, para falar sobre nossa marquinha e nossas saídas, além de convidá-los a conhecer nosso “quintal” e a falarmos sobre nossa vontade de conhecer o quintal deles. Pensamos em presentear nossos novos amigos, durante a visitação, com a nossa marquinha, para instigá-los a saírem também e a deixarem suas marcas pelas ruas da cidade, criando uma rede de “crianças na área”. Como o papelão não seria um material resistente o suficiente para tal tarefa, conversamos com nossa coordenadora Nathália, para fazermos nossa marquinha em material mais duro, já que queríamos presentear as demais escolas do território com essa mesma marca. Sendo assim, nasceu a plaquinha em MDF com o “Atenção, criança na área”, para presentear.

A cada visita realizada nas escolas do entorno ou das escolas conhecidas (EMEI Armando de Arruda Pereira, EMEI Patrícia Galvão, EMEI Monteiro Lobato, EMEI Dona Ana Rosa de Araújo (DRE Ipiranga) e EMEI Dona Leopoldina (DRE Pirituba), fazíamos uma grande roda de partilha, para explicar o que era a placa, para que ela servia e como era utilizada. Também falamos que utilizávamos o spray da cor branca e que, para que eles pudessem usar a placa e que a marca deles não fosse confundida com a nossa, pensassem numa cor pra marquinha deles, assim, a cidade saberia que cada cor seria de um grupo de crianças diferentes. Então, começaram a surgir pela cidade, marquinhas laranjas, verdes, pretas, amarelas, vermelhas, azuis... Colorindo o chão e mostrando que crianças passavam por aquele território.

Infelizmente, a pandemia chegou em março, fazendo com que fechássemos a escola e o contato, tão próximo e íntimo, fosse cortado abruptamente. Como forma de minimizar e antes mesmo dos decretos e normativas acerca do trabalho durante a pandemia, nos organizamos para realizar reuniões online com a turma, para manter o vínculo e o contato com as crianças e suas famílias. Embora esse tempo tenha trazido tantos desafios, pudemos dar continuidade ao projeto “conhecendo e sendo em São Paulo”, estando mais próximos ainda, pois fazíamos parte de uma intimidade mais íntima possível, estando dentro das casas das crianças durante situações não planejadas, observando “a vida como ela é”!

Além disso, pensamos junto ao conselho de escola em realizar uma atividade que pudesse mostrar que a educação está pulsando na cidade, mesmo ficando em casa para conter o avanço da pandemia, e que as crianças estão pela cidade. Nesse sentido, criamos o “Ocupa a Cidade”, movimento criado pelas famílias do conselho e demais famílias do território, ampliando seu alcance para as demais áreas da cidade, que pensaram atividades de aconselhamento sobre a pandemia e em como a saúde física e mental das crianças ficariam durante essa fase. Outra ação era ligada à escuta das crianças, com o mote “o que vejo da minha janela”, para entendermos a realidade vivida por cada criança e família enquanto perdurasse a necessidade de ficar em casa para conter o avanço do vírus na cidade.

A Virada Educação, que acontece anualmente, se reformulou para esse período de pandemia, fazendo com que as vozes das crianças ecoassem pela cidade, com uma carreta onde áudios dos pequenos das escolas do Território Educativo das Travessias, obtidos através dos áudios trocados pelas crianças e suas professoras no WhatsApp, passassem pelos trajetos em que tivessem o maior número de crianças atendidas por elas. As crianças saíram em suas varandas, janelas e portas de casa acenando para a carreta com a bandeirola da Virada Educação 2020. Além disso, criamos as lives “De criança para Criança”, onde as próprias crianças organizariam a live, tendo oficina de Abayomi, pela Stellinha do Quilombo Afroguarani Casa Amarela, Live da Magnífica Lara, que planejou e apresentou suas mágicas aprendidas durante a pandemia, além da live “De criança para criança”, mediado pela Bárbara, numa conversa com as “Meninas Crespas”, coletivo do Rio Grande do Sul que discutia como é ser uma menina negra, com cabelos crespos na sociedade e na escola, refletindo sobre a negritude, racismo e discriminação, numa linguagem simples e acessível das crianças e jovens que participaram dessa live, tornando um assunto tão denso e tenso, numa conversa agradável e reflexiva, a partir das falas e vivências explicitadas pelas participantes.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Tendo em vista nosso PPP, o projeto está totalmente alinhado com as metas de responsabilidade, solidariedade e autonomia, tanto para alunos quanto para professores, valorizando a autoria e o protagonismo de ambos. A ligação da escola com as famílias é desejável e extremamente necessária ao fazer pedagógico, este projeto contempla essas dimensões. Além disso, o PPP preconiza a importância da cidade educadora para a formação do cidadão, para a visibilidade da criança no território e o quanto ambos aprendem e ensinam ao mesmo tempo.

As saídas para as casas das crianças possibilitaram a criação de uma rede de amizade, não só entre as crianças, mas também entre as famílias. Essas famílias ficaram mais próximas à escola e à professora, sendo corresponsáveis pelo planejamento e execução do projeto em questão, dando dicas e ideias para a otimização das aprendizagens e das vivências das crianças. Essa aprendizagem permitiu que famílias e crianças desenvolvessem o sentimento de pertencimento, não só em relação à escola, mas também ao território onde vivem. Agora eles veem o trajeto com outros olhos: críticos e observadores, quer seja sobre as interferências artísticas nas paredes da cidade, quer seja sobre questões de manutenção e cuidado do patrimônio físico e material da escola, bem como na ocupação dos equipamentos culturais da cidade em atividades espontâneas e de atividade em família.

A avaliação na educação infantil é processual e constante, não estando presa a registros obrigatórios ou testes de capacidade. Ela se dá na escuta ativa das falas das crianças, na percepção das mudanças no “saber fazer” e nas habilidades desenvolvidas durante o processo de pesquisa e execução das atividades propostas no projeto. Além disso há o retorno das famílias quanto ao trabalho desenvolvido com a turma, demonstrando que a temática faz parte de sua vida e o projeto executado é de relevância para a turma e tornou-se parte essencial do processo.

As saídas permitiram às crianças um olhar mais atento ao trajeto, uma interferência mais crítica da realidade, fazendo-os perceber alguns problemas na cidade que poderiam ser sanados ou minimizados (semáforo de pedestre com pouco tempo para a travessia, calçadas em má conservação, obstáculos nas calçadas que atrapalhavam a circulação, perigos que a cidade nos impõe, os moradores de rua, a distribuição de renda, as injustiças sociais, etc.). As famílias relatam que as crianças estão mais atentas e, até mesmo, criticando práticas inseguras feitas por seus familiares ao andar pela rua. Sempre pedem para saber onde estão indo, a direção, o nome da rua... Indicam também os lo-

cais por onde passaram com os amigos e sempre estão buscando as marquinhos deixadas no chão para mostrar que estiveram por ali, além de solicitar a ida aos equipamentos culturais conhecidos durante as saídas com a escola.

Dessa forma, as aprendizagens foram e são múltiplas: o reconhecimento da parceria com as famílias como imprescindível para o fazer pedagógico; a criança como protagonista de seu próprio processo de aprendizagem; a cidade também educa através das manifestações, das paredes, das relações mantidas com as pessoas; que a arte reflete a cultura de um povo, é a expressão de sentimentos, mensagens, História e histórias, etc.

Com o planejamento conjunto das atividades – escola-famílias-crianças-turmas – o protagonismo se revelou, quer seja pela indicação do dia possível para visita, quer seja pelo planejamento escrito que as famílias faziam com suas crianças, evidenciou a importância desse tipo de parceria para o máximo envolvimento e aprendizado das crianças, pois ela entende que todos estão juntos por um objetivo comum. Além disso, aproxima a família do fazer pedagógico, tornando-a coautor e corresponsável pelos frutos do projeto. Desaprendi meu papel arcaico e tradicional de professor como centro do fazer pedagógico para me tornar o educador mediador, potencializados de experiências, promotor de integração e conhecimento conjunto com as famílias. De todos os resultados desse projeto, acho que este foi o mais significativo para minha formação profissional!

As crianças também puderam ver que há pessoas que se dedicam a estudar a cidade, a cultura que há nela e como as pessoas se relacionam com a cidade e com a infância. Perceberam que essas pessoas podem estar mais próximas de nós do que imaginamos, que são pessoas que trabalham, comem, andam, vivem da mesma forma que elas, tendo interesses em comum. Além disso, puderam conhecer outras realidades das EMEIs da mesma prefeitura. Perceberam que nossa escola é pequena perto das demais escolas visitadas.

A pandemia trouxe uma reflexão necessária sobre a importância da educação na formação de meninos e meninas na cidade. Para além da formação de conhecimentos e habilidades, o vínculo e as interações são primordiais para a formação das crianças. Para nossa turma, que estava permanecendo junta por mais um ano, essa quebra abrupta representou sofrimento e tristeza e, para minimizar isso, os encontros virtuais coletivos e reuniões individuais com as crianças foram recursos pedagógicos – inusitados na educação infantil – de grande importância para uma aproximação dos corpos que precisavam ficar distantes fisicamente nesse momento.

As ações realizadas durante o Ocupa a Cidade e a Virada Educação conectaram famílias, crianças e escolas do centro de São Paulo, mostrando que

embora distantes fisicamente, virtualmente continuávamos conectados, preocupados uns com os outros, entrando nas casas de uma forma ainda mais intimista e significativa. Essas ações ajudaram tanto crianças quando famílias e escolas a enfrentarem essa situação com mais esperança em dias melhores.

DEPOIMENTOS

“Um projeto corajoso, que requer muita disponibilidade, coragem e maturidade de todos. Para mim foi ótimo minha filha ver que há outras casas pequenas como a nossa. Ela hoje olha a cidade à partir da casa dos colegas. Um projeto audacioso e muito bem-sucedido”

Carla Rodrigues – mãe da Sophia Rodrigues – via agenda

“Numa cidade/região onde vivemos como essa reparei, depois da maternidade, que no geral a população não enxerga e não respeita as crianças. As pessoas têm pressa e não têm paciência, se esquecem que as crianças têm tanto direito como nós de andar no ritmo delas, que é diferente do nosso. Simplesmente passam por cima, não tomam cuidado com cigarros acessos, não dão a vez para atravessarmos a rua onde não tem farol e assim por diante. Esse projeto é muito rico! Além de dar voz e espaço a elas, ele desenvolve a autoconfiança, a confiança entre eles para cuidarem uns dos outros, entre eles e os educadores e os pais. E também forma uma consciência coletiva de respeito por todos, o cuidado com o outro nas ruas, nos transportes e em nossas casas. Tive a oportunidade de acompanhá-los e a força deles unidos, levando alegria por onde passam e colhendo sorrisos em troca.”

Elisa Koike – mãe da Stella Harumi – via agenda

“O ano todo acompanhando esse trabalho lindo crescer, se desenhando, tomando outros rumos... A escuta atenta da professora às crianças. A observação comprometida. A participação das famílias. As crianças que mergulharam de cabeça numa alegria linda de se ver! Parabéns, Vanessa, por um trabalho FANTABULOSO! Parabéns, crianças! Parabéns a todos e todas envolvidas.”

Francineide Barbosa – Auxiliar de Direção da EMEI Gabriel Prestes – via página oficial da EMEI no Facebook

Gente, que lindeza. Obrigada Amanda e Vanessa pelo convite as crespas, pelo carinho com o Movimento Meninas Crespas.

Inaí Nascimento – Uma das líderes do coletivo “Meninas Crespas” – via página oficial da Virada Educação

CATEGORIA I – EDUCAÇÃO INFANTIL

Gente! Que loucura essa Virada Educação! Ontem foi a Lara Magnífica! Hoje, são as meninas crespas magníficas! É muita fofura, muito poder! Parabéns, crianças, vocês nos representam!

Maria Goreti Xavier Kristen – via página oficial da Virada Educação, durante a live de criança pra criança com meninas crespas

CATEGORIA II - ENSINO FUNDAMENTAL I

CATEGORIA II – ENSINO FUNDAMENTAL I

1º LUGAR

Projeto:

**A Escola Ambiente e Territórios Educativos:
ressignificando espaços, ressignificando aprendizagens**

Unidade Educacional:

EMEF Desembargador Amorim Lima

Responsável:

Silmara de Fatima Cardoso

RESUMO DO PROJETO

Nesse projeto todos os espaços escolares ou não se tornam ambientes orgânicos e ativos de aprendizagens - casas das crianças, com os seus quintais, jardins; os parques, praças, o bairro, pois compreendemos que todos os territórios são educativos. Vamos buscando coletivamente nesses territórios presenciais e online as suas possibilidades educativas, trazendo a cultura, as relações sociais, a história e outros elementos que neles existem.

JUSTIFICATIVA

Foi com a compreensão de que o ambiente é um agente continuamente presente na vivência humana, e que, grande parte do comportamento das pessoas envolve a interação com o espaço (sejam os espaços físicos ou não), é que pensamos em desenvolver nesse projeto a ideia da escola como ambiente, ressignificar espaços físicos ou não para que as crianças possam usufruí-los de maneira orgânica e significativa. Assim, esse projeto trata da ressignificação de aprendizagens, de espaços escolares ou não e das experiências educativas presenciais e remotas que foram e estão sendo desenvolvidas com a turma 1º ano C da EMEF Desembargador Amorim Lima.

Winnicott que trabalhou o desenvolvimento infantil a partir da psicanálise, apresenta um importante conceito chamado “ambiente”. Esse ambiente se refere a um conjunto de fatores que sejam favoráveis ao desenvolvimento das crianças e deve atender às suas necessidades físicas e afetivas para o seu pleno desenvolvimento. Nas palavras de Winnicott, “o ambiente possibilita à criança concretizar seu potencial” (1965, p. 81).

Partindo dessa ideia e conceito de Winnicott é que compreendemos a escola como um lugar que deve ser orgânico, um ambiente favorável para o desenvolvimento afetivo, cognitivo, físico e emocional da criança, porque, para muitas crianças, o ambiente mais importante para proporcionar isso é a escola. Logo, a instituição escolar deve deixar de ser “ambiente escola” (no sentido físico de prédio somente) e passar a ser a escola ambiente onde todos os espaços presenciais e on line são educativos. E ainda, todas as pessoas envolvidas tornam-se educadoras/es com suas experiências, conhecimentos e saberes: famílias, oficinairos/as, crianças, professores/as, ATEs, AVEs, auxiliares de limpeza etc.

Outro autor que nos ajudou no entendimento, na construção e atividades desse projeto foi Paulo Freire. As ideias e teorias desse educador se fizeram e fazem presente, sobretudo quando ele diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

Assim, compreendemos com Freire (1996) que o/a estudante é o centro do processo de conhecimento e o/a educador/a é um mediador/a, um/a facilitador/a da aprendizagem; o conhecimento é algo concebido como uma construção contínua; como educadores/as devemos encaminhar os estudantes à (re) construção do conhecimento de forma crítica, ir além das interpretações superficiais e dos modos fragmentados de raciocínio.

É importante ressaltar que esse projeto dialoga com o Projeto Político Pedagógico de nossa unidade educacional EMEF Desembargador Amorim Lima, na medida em que envolve em suas atividades e projetos toda a comunidade escolar e local, e ainda, trata do respeito aos povos e suas tradições culturais, da cultura popular, dos espaços, ambientes e projetos educativos (horta, cozinha experimental, oficinas livres, mediações de leituras, biblioteca, salas de aulas abertas etc.).

Nesse projeto, não somente todos os espaços escolares se tornaram ambientes orgânicos e ativos de aprendizagens, como também os espaços das residências das crianças, com os seus quintais, jardins; os parques, praças, o bairro, a feira, o supermercado, pois compreendemos que todos os territórios são educativos.

OBJETIVOS

Compreender os territórios e espaços como possibilidades de aprendizagens que ultrapasse os muros da escola; compreender que todos os territórios e espaços são educativos; compreender a escola como ambiente orgânico, ressignificar ambientes e aprendizagens levando em consideração esse momento pandêmico e os protocolos de segurança; apreciar, valorizar e explorar os ambientes e espaços educativos de nossa escola (horta, cozinha experimental, parque, espaços verdes, toldo, sala de aula aberta, salão de tutoria, biblioteca etc.); desenvolver habilidades de escuta e respeito à fala de colegas e profissionais da escola; desenvolver atitudes de interação, colaboração e troca de experiências em grupos e individualmente.

PÚBLICO-ALVO

1º ano C – 34 crianças, faixa etária de 06 e 07 anos

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Aline Greb dos Santos e Talita Karen Pereira

METODOLOGIA

Rodas de conversas; rodas de leituras e atividades nos espaços externos da escola (toldo, parque, áreas verdes, sala aberta, pátio, quadra, espaços artísticos etc.); atividades na sala de aula aberta e salão de tutoria; sala de oficina e sala de tutoria (on line); utilização de recursos e plataformas tecnológicas (Google Sala de Aula, Google Meet) para realização das atividades remotas; apresentação de vídeos; leitura de textos; pesquisas; registros das atividades (oral, escrito, imagético, desenhos, vídeos); atividades nos livros didáticos; atividades nos ambientes e espaços familiares das crianças; danças; músicas; oficinas; mediação de leitura; atividades artísticas, uso de jogos; brinquedos; artefatos culturais e elementos naturais.

CRONOGRAMA

Abril de 2021: planejamento pedagógico, escrita do planejamento/projeto, reunião com as famílias e atividades online com as crianças (chegança).

Maio de 2021: Natureza e alfabetização: atividades online e presencial com as crianças – ressignificando aprendizagens, ambientes e espaços escolares e não escolares; mediação de leitura ministradas pela comunidade escolar (famílias, oficinairos, educadores/as etc.), atividades artísticas, conhecendo e explorando os espaços de nossa escola, rodas de leitura, rodas de conversa e brincadeiras livres e dirigidas, atividades na sala de aula aberta e salão de tutoria. No dia 17 de maio de 2021 iniciamos as atividades presenciais na escola três vezes por semana com as crianças que as famílias optaram por isso. Eu tenho no total 34 crianças em minha turma do 1º ano C e 20 famílias optaram por suas crianças participar das atividades de forma presencial. O atendimento acontece em rodízio, um grupo de 10 crianças vai presencial uma semana e outro grupo de 10 crianças vai presencial na outra semana seguindo todos os protocolos de segurança. Segundas e terças são atividades online para todas as crianças. Na quarta, quinta e sexta são atividades presenciais na escola, nas quais acontecem a oficina de danças brasileiras e os projetos de horta e biblioteca. Os/as professoras especialistas ministram um tempo de aula de 45 minutos online (para as crianças em atividade remota) e outro tempo de 45 minutos presencialmente. No dia que o grupo não vai presencialmente na escola participa das atividades online. A partir dessa data, todas as atividades online e presencial são interligadas. As mediações de leituras realizadas por educadores/as, oficinairos/as voluntários/as fazem parte do projeto biblioteca e acontecem de forma online e presencial e são utilizadas obras do acervo da biblioteca da escola que são magníficas e significativas. As rodas de leitura presencialmente acontecem em vários espaços da escola: sala de aula aberta, toldo, debaixo das árvores do parque etc.

Junho de 2021: O meio ambiente e alfabetização. Dia Mundial do Meio Ambiente, temas de pesquisas de interesse das crianças, mediação de leitura, atividade dirigida sobre o ambiente natural de nossa escola, brincadeiras livres nos espaços naturais/verdes da escola, atividades na sala de aula aberta e salão de tutoria.

Julho de 2021: Cantigas populares e alfabetização. Mediação de leitura, oficina de danças brasileiras, brincadeiras livres e dirigidas nos espaços da escola, roda de conversa na sala de aula aberta e salão de tutoria sobre as danças brasileiras. Atividades com os temas de pesquisas das crianças.

Agosto de 2021: Cultura popular e alfabetização. 22 de agosto Dia do Folclore. A festa do Saci, do bumba meu boi e um ou uma a ser escolhido/a pelas crianças em votação (online e presencial), mediação de leitura, atividades com as obras de arte e pinturas contempladas nas paredes e muros de nossa escola. Agosto Indígena – brincadeiras de herança cultural indígena e construção

de brinquedos com mediação de Wagner Tserenhõõ do povo xavante e outros povos indígenas (essa atividade acontecerá de forma remota e presencial).

Setembro de 2021: Horta e alfabetização. Provavelmente já estará finalizada as obras de nossa horta e começaremos as nossas atividades. Plantas, PANCS, insumos, adubos, solo etc. Mediação de leitura.

Outubro de 2021. Cozinha experimental e alfabetização. Provavelmente já estará finalizada as obras de nossa cozinha experimental e começaremos as nossas atividades: alimentação saudável, alimentos orgânicos, alimentação tradicional dos povos, alimentos que fazem mal para a nossa saúde, produção de tintas naturais, produção de pratos saudáveis utilizando os insumos de nossa horta. Mediação de leitura.

Novembro de 2021: Morte/vida e alfabetização. Como tratar do tema com as crianças? Dia 02 de novembro Dia dos Mortos. A grande celebração de los muertos no México, como as diferentes culturas tratam do tema. O que a pandemia causou de sofrimentos de quase dois anos. Festa de los muertos na escola ou festa a fantasia. As crianças poderão vir fantasiadas nesse dia e trazer um prato de salgado, doce ou bebida (somente sucos ou água de coco). Mediação de leitura. Novembro Negro – contação de história e produção da boneca abayomi e brincadeiras de herança cultural africana e afro-brasileira (essa atividade acontecerá de forma remota e presencial).

Dezembro de 2021: Os quatro elementos (terra, água, ar e fogo) e alfabetização. Pesquisas, leituras e atividades com esses elementos. Cada semana trabalharemos um desses elementos: características, importância, como esses elementos estão presentes em nossas vidas, em nossas casas e em nossa escola. Realizaremos atividades presenciais e online com esses elementos: pintura com tinta terra no muro do parque, bolinhas de sabão, catavento, banho de água na mangueira, contação de história (mediação de leitura) ao redor da fogueira comendo milho assado e o ritual do fogo.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Abril de 2021

Como eu estive em greve por um período de tempo, e por várias razões saí da greve, iniciei as atividades escolares em 12 de abril de 2021. Da semana do dia 12 ao dia 16 foi planejamento junto com a coordenação pedagógica e escrita do projeto, da semana do dia 19 ao dia 23 foi reunião com as famílias divididas em grupos para conhecerem os espaços da escola, as atividades pedagógicas, os projetos e oficinas que são desenvolvidos na escola e seriam desenvolvidos por mim. Foram 4 dias de reunião com um grupo de 8 pessoas por

dia seguindo todos os protocolos de segurança. Também houve uma reunião online para as famílias que não puderam participar das reuniões presenciais.

Do dia 26 ao dia 30/04 – todas as crianças juntas de forma remota (foi a semana de acolhimento, da chegada, de atividades mais lúdicas, o momento das crianças se conhecerem). 90% das famílias participaram dessas atividades junto com as crianças.

Chegança. Nesse dia as crianças irão se conhecer e conhecer a sua professora; a professora vai tratar do trabalho que será desenvolvido; as crianças irão se apresentar; falar de suas expectativas em relação a volta as aulas (on-line e presencial) ou falar de outras coisas que quiserem. Contação de história: “Tudo bem ser diferente”.

Brinquedos e brincadeiras. Nesse dia conversamos sobre brinquedos e brincadeiras. As crianças trataram de seus brinquedos e brincadeiras preferidos. Cada criança apresentou o seu brinquedo ou brinquedos preferidos. Assistimos o vídeo (3:34 minutos) “A Bagunça dos Brinquedos – Cordel” e depois tivemos uma roda de conversa, no qual foi possível refletirmos que criança brinca com o que quiser, brinquedo não tem gênero.

Oficina de pintura com tintas naturais (foi colocado no grupo Turma 1º ano C do zapp e no google sala de aula receitas caseiras de tintas naturais para os/as responsáveis das crianças produzirem junto com as crianças para a nossa oficina). Contação de história “A lenda do sol” (do povo Tikuna) para tratar da pintura corporal na cultura indígena. Atividade: pintura livre no papel, no pano ou outros objetos com as tintas produzidas. As crianças ou os/as responsáveis também pintaram as crianças no rosto, nos braços nas pernas (pintura corporal).

Oficina “Povos indígenas e seus artefatos culturais, brinquedos e brincadeiras”. Na oficina tivemos apresentação de artefatos culturais, brinquedos e brincadeiras de alguns povos indígenas. Também contamos com a participação especial do indígena Wagner Tserenhõ’õ que conversou com as crianças sobre a tradição cultural de seu povo xavante. As crianças apresentaram seus artefatos culturais e brinquedos de herança cultural indígena.

Brincando com os sons. Tratamos dos sons, brincamos com os sons. Sons diversos. Diferentes objetos que produzem sons. As crianças apresentaram brinquedos que produzem sons, instrumentos musicais ou objetos que produzem sons (painéis, colheres, garrafas pets etc.). Realizamos algumas brincadeiras utilizando os sons. Contação de história: “A lenda do Maculelê”. Canto do Maculelê com os bastões, garrafas pets de 2 litros e mãos. (os/as responsáveis providenciaram para esse dia dois bastões ou duas garrafas pets de 2 litros a pedido da professora).

Maio de 2021

CATEGORIA II – ENSINO FUNDAMENTAL I

- Mediação de leitura com as oficinas/educadoras Cris Nomura e Luana.

- Pesquisa e coleta de elementos naturais. Primeiro momento: Assistir o vídeo: “Como fazer gelo com elementos da natureza? Brincadeira com Gelo do Ser Criança é Natural”. Segundo momento: Os/as responsáveis das crianças coletarão juntamente com as crianças tudo o que se refere a elementos naturais: folhas, flores, gravetos, pedrinhas etc. A coleta desses elementos naturais pode ser na rua, no quintal, na praça perto de sua casa ou apartamento. Guardem esses elementos naturais dentro de um pote com água no congelador para que vire gelo (estado sólido). Tirem fotos do processo dessa atividade: as crianças coletando os elementos, colocando dentro de um depósito (pote plástico) e por fim, quando se transformar em gelo. As crianças apresentarão a sua “obra de arte” na aula de terça-feira. Terceiro momento: No caderno das crianças de Língua Portuguesa escrevam junto com elas, ou as incentivem para escreverem sozinhas (mesmo que seja uma escrita ao modo da criança) todos os elementos que coletaram, faça uma lista.

- Oficina de leitura e escrita. Apresentação da “obra de arte” das crianças. Primeiro momento: cada criança tratou como foi o processo de coleta, o que coletou, tratou da lista dos elementos naturais. Segundo momento: cada criança apresentou e escreveu um nome para a sua obra de arte com a ajuda da professora ou dos/as responsáveis; criamos uma frase, e por fim, um pequeno texto para a obra de arte. Terceiro momento: Construimos com as crianças um alfabetário de plantas (essa atividade foi realizada em casa e nas aulas online). Materiais: caderno, letras móveis (para quem já possui), lápis e borracha.

- Oficina de matemática. Adição com elementos da natureza. Primeiro momento: assistimos o vídeo “Brincando com matemática utilizando os elementos da natureza”. Segundo momento: cada criança contou os gravetos que coletou no dia anterior e anotou no caderno de matemática. Depois somamos todos os gravetos coletados. Terceiro momento: colamos no caderno os gravetos, inventamos e criamos somas. Materiais: caderno, cola, durex, gravetos ou folhas (as crianças coletaram um dia antes os gravetos pequenos, talos no seu quintal, na rua ou praça).

- Oficina de matemática. Subtração com elementos da natureza. Primeiro momento: roda de conversa sobre a subtração. Realização da atividade do dia anterior, porém com a subtração. A professora levou as crianças a pensarem sobre a subtração propondo que fizessem as contas com os gravetos e anotassem no caderno de matemática. Materiais: caderno, cola, durex, gravetos pequenos ou talos.

- Fazendo arte com a natureza. Primeiro momento: assistimos o vídeo “Como fazer arte com a natureza?”. Segundo momento: cada criança produziu

a sua arte utilizando elementos da natureza coletados. Terceiro momento: cada criança apresentou a sua obra de arte. Materiais: folhas de papel A4, sulfite ou qualquer outro tipo de folha, cola, durex, elementos da natureza – folhas, gravetos, pedrinhas, etc. (as crianças já haviam coletado). Aprendendo o alfabeto com as letras móveis. Formando sílabas e palavras com as letras móveis. Chuvas de palavras, frases ou um pequeno texto (em forma oral ou escrita) de sua obra de arte produzida a partir de elementos da natureza.

- Atividade online: roda de conversa sobre a técnica origami, vídeo sobre a história do origami e oficina de origami com o João Guilherme e sua mãe Eliane.

- Os números estão em toda parte: pesquisando sobre números nas áreas abertas de nossa escola. Anotando as pesquisas no caderno de matemática. Pensando sobre os números: Quantas pessoas tem na sua família? Você tem animais de estimação? Quantos? Quantos livros e histórias infantis você tem? Qual o que você mais gosta? Escreva o nome do livro no seu caderno. Conte a história do livro para nós.

- Conhecendo e explorando os espaços naturais e verdes da escola. Atividades artísticas, matemática e registro (escrito ou desenhos) de elementos naturais coletados nos espaços naturais e verdes da escola. Essas atividades foram parecidas com as atividades online, só que presencialmente.

- Conhecendo as áreas abertas da escola: quadra, horta, parque etc. Registrar em forma de desenho o nosso passeio pelas áreas abertas da escola. Chuvas de palavras: anotar as palavras referentes ao nosso passeio. Criar frases ou uma pequena história referente ao nosso passeio. Roda de leitura, rodas de conversa e brincadeiras livres e dirigidas nos espaços abertos da escola (embaixo das árvores do parque, no toldo, na sala de aula aberta etc.).

- Sentidos e expressões: terra, água, ar, vegetação (sentimos esses elementos e depois vamos expressamos o que sentimos). Registro da atividade no caderno de Língua de Portuguesa de todos os elementos naturais sentidos. Registro de frases ou um pequeno texto de seus sentimentos ao sentir os elementos naturais. Produção um desenho sobre a nossa atividade.

Junho de 2021

- Mediação de leitura com as oficinas/educadoras Cris Nomura e Luana.

- Roda de conversa e correção sobre a nossa atividade do livro de Matemática das páginas 21, 22 e 23. Livro “Da escola para o mundo” páginas 12, 13 e 14. Apresente para a turma um objeto que tem na sua casa que leva números. Desenhe ou escreva o nome dos objetos e quantidades que a professora falar. Apresente para a turma a sua atividade. Some a quantidade total de objetos que você desenhou ou escreveu. Pesquise com a sua família brincadeiras e jogos que tem/levam números. Escreva no caderno de matemática e apresen-

ta para a turma na próxima aula de matemática. Jogos e Brincadeiras. Saber e compreender que os jogos e brincadeiras levam números. Atividades: Cada criança irá apresentar a sua atividade de casa (pesquisa de uma brincadeira ou jogo que leva números).

- As crianças vivem muitas emoções, algumas, conseguem dominá-las, outras não, como por exemplo, a raiva, o choro, a decepção, a negação. A partir disso, vamos falar, trabalhar as nossas emoções. Atividades: Leitura do livro “O monstro das cores”, relembrando o alfabeto (utilizar as letras móveis), formação de palavras (os sentimentos), completando a frase, livro de Língua Portuguesa páginas: 17, 18 e 19. Em atividade presencial: rodas de conversa nos espaços abertos da escola, escuta ativa, falar sobre as emoções, contação de história, produção oral, escrita e imagens de nossas emoções. Avaliação: verificar se as crianças conseguem falar de suas emoções, aprender a escutar o outro, refletir, participar e se posicionar. Brincadeiras livres e dirigidas nos espaços abertos da escola referindo-se as nossas emoções.

- O Dia Mundial do Meio Ambiente. Sensibilizar as crianças sobre a importância da preservação do Meio Ambiente, identificando as situações que causam danos à ecologia como: poluição, desmatamento, queimadas extinção de animais e outros estimulando assim o interesse pela natureza, e também enfatizar a problemática do lixo e a solução oferecida pela reciclagem. Conscientizar as famílias das crianças sobre a importância da coleta seletiva do lixo, do reaproveitamento dos materiais recicláveis e do tempo de decomposição. Atividades: Atividades: roda de conversa, leitura de texto, assistir vídeo, produção escrita (escrita, oral ou desenho). Atividade dirigida sobre o ambiente natural de nossa escola, brincadeiras livres nos espaços naturais/verdes da escola, atividades na sala de aula aberta e salão de tutoria: a coleta de lixo seletiva, a horta, os animais pequeninos, a vegetação e flora de nossa escola.

- Projeto individual – Tema de pesquisa/estudo. O projeto Individual é um percurso de pesquisa a ser percorrido pelas crianças ao longo do ano letivo, cada um/a com o seu tema de interesse. É uma linha auxiliar importante para processo de alfabetização, sendo conduzido por várias etapas e as famílias são parceiras fundamentais nesse trajeto. Dessa forma, solicitei às famílias que acompanhem, deem sugestões, ajudem as crianças sobre o projeto individual, tema elegido. As crianças terão suas etapas atualizadas e produções compartilhadas nas aulas de Oficina de Leitura e Escrita. Sobre o tema elegido, as crianças podem registrar suas pesquisas/estudos iniciais de várias formas: desenhos, palavras-chaves; escrever uma frase ou um pequeno texto sobre o seu tema. A entrega e apresentação da atividade será no final de julho. Alfabetização relacionada aos temas escolhidos pelas crianças: atividades com palavras chaves,

leitura de pequenos textos e assistir pequenos vídeos relacionados aos temas das crianças, registro variados (escrito, oral, desenhos). Alguns temas elegidos foram: características dos animais; como os livros e lápis são produzidos; como os brinquedos são produzidos; como os bichinhos de pelúcia são produzidos; jogos online; como foi a evolução do macaco até o ser humano; a evolução do corpo humano, como os povos indígenas se protegem da chuva; sobre os tubarões, sobre os dinossauros, sobre as borboletas, sobre os vulcões, como são formadas as nuvens, como são formadas as chuvas etc. Cada aula será trabalhada um desses temas elegidos pelas crianças, e um dos temas eleitos foi sobre os animais. Estudamos os animais vertebrados, conhecemos as suas características, as crianças apresentaram, desenharam e escreveram sobre o seu bicho de estimação, produziram um alfabetário dos animais - escreveram nomes de animais usando todas as letras de nosso alfabeto. Em aula presencial pesquisamos os bichinhos que tem no ambiente natural de nossa escola e a importância desses para o meio ambiente.

Julho de 2021

- Mediação de leitura com asicineiras/educadoras Cris Nomura e Luana.

- Apreciar e valorizar cantigas populares; desenvolver habilidades de leitura e de escrita; interpretar informações; reconhecer a estrutura do gênero textual cantiga; cantar e representar cantigas de roda; desenvolver habilidades de escuta e respeito à fala de colegas; desenvolver atitudes de interação, colaboração e troca de experiências em grupos; identificar semelhanças sonoras em sílabas e em rimas; perceber que as vogais estão em todas as sílabas; dominar as correspondências entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro, de modo a ler e escrever palavras e textos. Atividades: combinados, roda de conversa sobre as cantigas populares, apresentação do vídeo Cirandeiro, leitura de algumas cantigas populares, leitura de imagens representando cantigas populares, registro escrito (desenho, palavras, frases) referente às cantigas populares, atividade no Livro de Língua Portuguesa páginas 24 e 25. verificar o envolvimento e participação das crianças nas atividades; registros (oral, imagético e escrito). Em aula presencial tivemos uma roda de conversa e registro sobre as danças brasileiras e tivemos oficina de danças brasileiras com osicineiros Fofão e Pedro.

- Nas atividades remotas de julho iremos trabalhar os temas de pesquisas das crianças e sempre relacionados à alfabetização. Iremos assistir vídeos, realizar leituras de textos, rodas de conversas sobre o tema/pesquisa de cada criança. Algumas crianças já me entregaram ou postaram no Google Sala de Aula a sua atividade de pesquisa. Em aula presencial continuaremos as nossas oficinas e projetos sempre ressignificando e explorando todos os ambientes e espaços escolares. Teremos nossa oficina de danças brasileiras com osicineiros Fofão

e Pedro; teremos nossas atividades do projeto horta e biblioteca e as crianças terão momentos de brincarem livremente – brincadeiras coletivas, individuais, dirigidas, inventadas, ressignificadas ao momento pandêmico.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

O projeto está em andamento, mas, já é possível verificar resultados positivos. E ainda, os objetivos do projeto estão sendo alcançados. O envolvimento das crianças, das famílias, da comunidade escolar e local; a ressignificação de aprendizagens utilizando as plataformas e ambientes tecnológicos; a ressignificação de aprendizagens e dos espaços escolares, o entendimento de que todas as pessoas são educadores/as e cada uma tem a sua importância e significação. Nesse momento pandêmico e de ensino híbrido foi possível entender, aceitar e valorizar todos os saberes, conhecimentos e experiências da comunidade escolar e local, que já era valorizado pela escola, mas se intensificou nesse momento de reapropriações de lugares e saberes.

A ideia de valoriza e compreender a escola como ambiente orgânico, afetivo, lugar de encontro, de saberes, de trocas e experiências se tornou um lugar potente de aprendizagens e muito mais atrativo para as crianças. É possível verificar que as crianças interagem, brincam, se divertem, são felizes e aprendem de maneira significativa nesses espaços da escola que foram ressignificados.

As crianças adoram ouvir histórias de baixo das árvores, adoram mexer na terra, plantar as sementes das frutas do lanche, de mediar a leitura (seja leitura de imagens ou de texto) para os/as colegas no toldo, na sala de aula aberta, ir ver as obras da cozinha experimental, brincar no parque, subir nas árvores, catar frutinhas, catar elementos naturais nos espaços verdes da escola, chupar/comer as frutas da horta e das árvores: tangerina, amora, coquinhos das amêndoas etc.

As crianças fazem suposições, induções e reflexões de várias maneiras: se uma determinada semente é mirtilo, se as algumas frutas e caroços são nozes, se a nossa escola é a melhor do mundo, se podemos dormir na escola, se os bichinhos fazem as suas casinhas na escola. Contam os bichos que já viram na escola: o macaquinho, os pássaros, as formigas, as joaninhas, as marias fedidas. E embaixo das árvores, com gravetos, imaginação, criação e alegria é que as aprendizagens acontecem. E não somente as aprendizagens cognitivas, mas também as aprendizagens afetivas, emocionais, motoras e sensoriais.

As aprendizagens, atividades e espaços de maneira remota também foram ressignificados. O jardim, o quintal, a praça, o parque tornaram lugares das atividades, aprendizagens e diversão. As histórias e experiências familiares viraram conteúdos de nossas aulas. A avó, a tia, o pai, a mãe, a irmã e irmão mais velhos

também se tornaram educadores e auxiliares das aprendizagens. Os animais de estimação também são conteúdos de aula. Compreendemos todo esse processo como “alfabetizachão”. É no chão da escola, no chão de nossas casas, no chão do parque, no chão do quintal é que as aprendizagens vão acontecendo de maneira significativa, afetiva e divertida.

A participação das famílias, da comunidade escolar e local está sendo intensa nesse novo cenário educacional híbrido, do chão da escola ao chão da casa, dos espaços escolares aos aparelhos e plataformas tecnológicas, ressignificando aprendizagens, ambientes e espaços. Assim, vamos buscando coletivamente nesses territórios presenciais e online as suas possibilidades educativas, trazendo a cultura, as relações sociais, a história e outros elementos que neles existem.

Antes, as famílias tinham medo de enviar as crianças à escola e desconfiavam do ensino remoto, mas com a confiança e entendimento das atividades do projeto, mais famílias optaram por enviar as suas crianças presencialmente e 99% das crianças participam das atividades online. No início das aulas presenciais, somente cinco crianças participava, agora 20 crianças participam das atividades presencialmente. As famílias relatam que tinham pavor e as crianças também de sair de casa, de ir à escola por causa da pandemia, esse medo foi superado a partir do momento que começaram a se envolver nas atividades do projeto que acontecem de forma híbrida e muito significativa e afetiva para as crianças e famílias. É possível perceber e compreender que todos e todas (comunidade escolar e local) estamos nos reinventando nesse cenário totalmente novo, nesse momento singular de ensino híbrido.

DEPOIMENTOS

Estamos ansiosos pelo retorno! Obrigada a todos os envolvidos!

Miguel Giao Kunert

Agradecemos também todo o seu esforço.

Antonia Brown Ortiz

O Miguel amou a aula hoje.

Ana Paula P Gião

Que fofos!!!! Lírio adora subir em árvore que nem eu :)

Natalia M. M. Oliveira

CATEGORIA II – ENSINO FUNDAMENTAL I

2º LUGAR

Projeto:

Diário de Quarentena (Galeria dos Confinados)

Unidade Educacional:

EMEF Enzo Antonio Silvestrin

Responsáveis:

**Janaina Aparecida Rodrigues dos Santos,
Vanessa Aparecida Pereira da Silva, Maria
Isabel Rosa Araújo e Simone de Oliveira**

RESUMO DO PROJETO

Nosso projeto visa um aprendizado significativo por meio de novas informações e novos conhecimentos totalmente ligados com as experiências vividas por cada um. A partir desse processo, mesmo com grande dificuldade e distância, já que tínhamos muitas vezes falta de acesso à internet, conduzimos os encontros virtuais para aliviar a ansiedade e a solidão das crianças e seus familiares, já que as atividades propostas atingiam a todos.

JUSTIFICATIVA

É um Projeto com diversas atividades que interagem diretamente com as linguagens artísticas e que se relacionam profundamente com o momento da Pandemia, trazendo à tona os sentimentos e as vivências do momento. Todas as atividades geradas a partir das interações, que aconteciam por meio de encontros virtuais semanalmente, foram postadas na Galeria dos Confinados, um espaço virtual criado para este fim.

OBJETIVOS

Compartilhar e produzir cultura, reconhecendo cada um como sujeito da aprendizagem e (re)produtor daquilo que aprende para se expressar enquanto sujeito em movimento.

Aproximar-se dos alunos e seus familiares nesse momento de confinamento e de morte.

PÚBLICO-ALVO

Em torno de 60 alunos do ensino fundamental, de 7 a 10 anos. Turmas do 3º ano A e B, 4º ano e 5º ano, 8º ano e 9º ano

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Maria Aparecida Pereira de Castro Augusto - Professora de Arte e Caio Cândido Ferraro - Professor de História.

METODOLOGIA

A Humanização e a capacidade de escuta de todos os envolvidos por meio de desafios/ propostas a serem desenvolvidas pelos alunos e suas famílias durante a semana e apresentadas em padlet - Galeria dos Confinados.

Encontros via *meet* todas as Quartas-feiras das 13h às 15h.

CRONOGRAMA

Cada encontro era tratado um tema específico e um debate e uma proposta a ser construída durante a semana, desafios, como chamamos. Tudo que foi produzido a partir dos encontros estão postados no padlet Galeria dos Confinados.

Primeiro desafio: Mensagem para o mundo;

Segundo desafio: O que vejo da minha janela/Proposta de fotografia;

Terceiro desafio: Cosplay de obras de Arte/ Releituras de obras;

Quarto desafio: Cartão Postal para um amigo/ Arte Postal;

Quinto desafio: Autorretrato/ Desenho;

Sexto desafio: Libras/ gravação de vídeo;

Sétimo desafio: Paródia/ Música sobre a Pandemia;

Oitavo desafio: Cápsula do tempo/ caixa de memórias para 2025;
Nono desafio: Selfie/Identidade / história da fotografia;
Décimo desafio: Finalização do processo com a proposta de uma revista virtual.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Trabalho de fotografia: O que você está vendo da sua janela nesse momento de distanciamento.

Cosplay de obra de arte: Como posso virar um personagem nesse momento.

Arte Postal: Crie e mande um postal para um amigo que está distante

Autorretrato: Como me vejo em meio a Pandemia.

Paródia: vamos criar uma música e rir desse momento...rir é o melhor remédio.

Libras: Aprendendo e me comunicando por meio de outra língua

Cápsula do tempo- escrever e guardar memória por meio de uma cápsula selfie uma foto minha e de um amigo

Finalização da proposta com o início da construção de uma revista virtual com todas as atividades propostas.

Todas as atividades foram contextualizadas nos encontros dando a cada um desse desafios semanais um significado.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A Revista virtual construída com os diversos eixos produzidos na escola e que foram construídos para essa interação entre toda a comunidade escolar, permitindo que reflexões e discussões fossem costuradas observando a temática vigente e o PPP escolar, dentre elas o Diário de Quarentena.

CATEGORIA II – ENSINO FUNDAMENTAL I

3º LUGAR

Projeto:

Se meu robô falasse

Unidade Educacional:

EMEF Humberto de Campos

Responsável:

Renata Esteves Ardiguieri

RESUMO DO PROJETO

O concurso teve o objetivo de fomentar a inventividade, a criatividade e a criticidade em relação ao estudante ser produtor e, não somente, consumidor de tecnologia.

JUSTIFICATIVA

Refletirmos sobre todos nós sermos produtores de tecnologia, ainda que de maneira simples, e não somente consumir tecnologia – como muitos de nós pensa.

OBJETIVOS

Fomentar a inventividade, a criatividade e a criticidade em relação ao estudante ser produtor e, não somente, consumidor de tecnologia;

Criar um protótipo/robô com materiais recicláveis;

Responder a uma questão: qual a função/atividade do protótipo/robô criado?

PÚBLICO-ALVO

Alunos das turmas dos 1ºs, 2ºs e 3ºs anos. O projeto foi divulgado para todas as turmas da escola.

METODOLOGIA

- Exibição do filme Robôs, de Chris Wedge (2015), para instigar a curiosidade e criatividade.
- Roda de conversa sobre o filme e os aspectos tecnológicos dos personagens;
- Explicação sobre o projeto (Concurso “Se meu robô falasse”) e lançamento da proposta para toda a comunidade escolar (o ciclo de alfabetização foi o mais participativo e envolvido na proposta);
- Esclarecimentos sobre a utilização dos materiais: recicláveis e de fácil acesso;
- Abertura do período de inscrição (de 03/05 a 18/06) e esclarecimentos sobre o concurso, conforme edital divulgado;
- Apoio aos alunos com discussão das ideias e materiais disponíveis na unidade escolar;
- Recepção dos robôs;
- Elaboração de vídeo explicativo junto aos alunos para ser encaminhado à Comissão Avaliadora, composta por professores da unidade, equipe gestora e professores convidados da área de Tecnologias para Aprendizagem da rede;
- Recepção das notas da Comissão Avaliadora;
- Divulgação dos resultados e entrega do prêmio;
- Exposição real e virtual dos robôs/protótipos elaborados.

CRONOGRAMA

- de 26/04 a 30/04 – exibição do filme Robôs para as turmas dos 1º aos 3ºs anos;
- de 03/05 a 18/06 – inscrição dos alunos por meio da apresentação do protótipo e gravação do vídeo explicando sobre o robô criado;
- de 19/06 a 25/06 – avaliação da Comissão Avaliadora;
- 25/06 – divulgação dos resultados e entrega dos prêmios (que ocorreu ao longo da semana de 28/06 a 30/06 mediante convite da família para a retirada do prêmio).

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Ao longo da semana de 26/04 a 30/04 o filme Robôs foi exibido para os alunos dos 1ºs aos 3ºs anos (alunos da modalidade presencial) – para os alunos da modalidade remota, o filme foi indicado por meio de aviso. Ao longo desta mesma semana, realizamos rodas de conversa sobre o filme e os aspectos que mais chamaram a atenção dos alunos.

Na semana seguinte, a partir de 03/05, divulgamos o Concurso de Tecnologia “Se meu robô falasse”, para incentivar os alunos a refletirem sobre sermos produtores de tecnologia, a criatividade e a inventividade.

Até 18/06 os alunos puderam produzir seus protótipos pensando em formas/formatos, execução e função de suas produções.

Na maioria dos trabalhos apresentados pudemos encontrar materiais como caixa de papelão, tampinhas, rolinhos de papel, papelão, garrafas pet. Não foi orientado quanto à utilização de material específico, apenas quanto ao uso de materiais recicláveis, uma forma de também refletirmos sobre a utilização destes para a confecção de brinquedos e utensílios para o dia a dia.

Para cada protótipo/robô apresentado, um vídeo do aluno explicando a função da sua produção foi elaborado – e não havia limite de participação/produção, tendo alunos que fizeram mais de um protótipo/robô.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Uma Comissão Avaliadora foi organizada para avaliar os trabalhos e decidir os ganhadores do prêmio. A Comissão foi composta por 14 professores sendo 9 docentes da unidade, equipe gestora (direção e coordenação), 5 professores convidados que não estão na unidade, mas fazem parte da rede e professores da área de Tecnologias para Aprendizagem. Os resultados foram somados e apresentados à comunidade escolar no dia 25/06.

**CATEGORIA III -
ENSINO FUNDAMENTAL II
E ENSINO MÉDIO**

**CATEGORIA III –
ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO**

1º LUGAR

Projeto:

Poesia na Escola

Unidade Educacional:

CEU EMEF Água Azul

Responsáveis:

**Fernando Toledo Cardoso, Cleia Teixeira,
Jose Wilton e Gilvete Candida**

RESUMO DO PROJETO

Projeto foi realizado em plena pandemia com o objetivo de ter uma participação maior dos estudantes, com práticas dinâmicas e inovadoras, o “poesia na escola” incentivou a participação literária de educandos no extremo leste de São Paulo descobrindo poetas, enfatizando potencialidades e envolvendo todos os alunos de uma rede escolar.

JUSTIFICATIVA

Pensando em incentivar novos escritores e poetas a produzirem conteúdos literários no extremo leste da capital, um grupo de professores da escola municipal de ensino fundamental (EMEF) prof. Paulo Renato Costa Souza, pertencente do Centro Educacional Unificado (CEU) Água Azul, decidiu criar o projeto Poesia na Escola para estudantes do 6º ao 9º ano das unidades educacionais da diretoria regional de educação (DRE) Guaianases.

Desse modo a LDB explicita que: Para cumprir essas finalidades, a escola que acolhe as juventudes tem de garantir o prosseguimento dos estudos a todos aqueles que assim o desejarem, promovendo a educação integral dos

estudantes no que concerne aos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais (LDB, Art. 35-A, § 7º).

Assim como está escrito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que rege nossas práticas devemos respeitar esse protagonismo na escola e propor projetos que desenvolvam um trabalho voltado para o desenvolvimento integral dos alunos, pensando nos aspectos citados, bem como, na área da linguagem que colabora com os aprendizados de reflexão, interpretação e assim se tornando um ser crítico em suas ações, projetos e na vida profissional.

O professor é a ponte entre o aprendiz e o conhecimento, é ele que apresenta, insere e guia o leitor na caminhada, acompanhando e auxiliando durante o processo de alfabetização e aquisição de conhecimentos. Porém: Enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo de alfabetização tem, no alfabetizando o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura dessa linguagem (FREIRE, 1989, p.13).

Então, a diversidade de textos auxilia e estimula diversas áreas do conhecimento, o aluno que cria e constrói textos literários desenvolve habilidades como de escrita, memória, foco, concentração, criticidade, opinião, etc. Não há dúvidas de que o aluno participante do projeto Poesia na escola agrega muitos benefícios para a sua vida.

OBJETIVOS

- Incentivar a produção literária dos estudantes;
- Valorizar os estudantes escritores;
- Trabalhar a linguagem oral e escrita;
- Estimular a Criatividade;
- Desenvolver o emocional através da compreensão dos sentimentos;
- Estimular a imaginação, a capacidade de abstração e interpretação, e expressão artística;
- Aumentar o vocabulário e as formas de se compreender a realidade (ótics).

PÚBLICO-ALVO

Todos os alunos do fundamental II, matriculados na diretoria regional de Guaianases.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Anísio Silva, professor de língua portuguesa, idealizador do projeto.

METODOLOGIA

Para este projeto foi lançado mão de uma metodologia ativa (proposta criada pelo Professor Revans, na década de 1930) e que vai ao encontro do que defendia Paulo Freire, que era despertar uma consciência crítica no educando. Neste sentido, os estudantes estiveram o tempo todo como agentes principais desse processo. Buscou-se explorar e valorizar o que os educandos tinham a oferecer, fortalecendo assim a autoestima, a autonomia, a criatividade, a confiança, a motivação, o engajamento, a participação e o protagonismo. Neste processo, um dos pilares foi envolver todos os estudantes, aplicando no sentido pleno os conceitos de inclusão. Para tanto, foram desenvolvidas as seguintes ações:

- Desenvolver projeto em plataformas digitais (processo de criação);
- Sondar os alunos, buscando verificar em qual estágio do conhecimento linguístico eles estão (quantas letras e palavras identificam, quais conseguem escrever, etc.);
- Apresentar o tema, o que é poesia, suas características nas redes sociais;
- Apresentação do Edital de participação dos educandos;
- Ilustração de poesias criadas pela equipe docente, estimulando os estudantes a participarem do projeto;
- Envolvimento em tecnologia dos educandos;
- Criação de formulário de inscrição;
- Participação de organizações não governamentais (ONGs) especialistas em trabalhos para pessoas com deficiência;
- Participação Efetiva de alunos com deficiência;
- Participação de alunos de outros países;
- Recebimento das poesias dos educandos;
- Criação de uma comissão para avaliar as poesias;
- Avaliação das poesias dos educandos;
- Promovendo as vinte melhores poesias dos alunos;
- As vinte melhores poesias sendo transformadas em vídeos, com recitação dos alunos criadores delas;
- Transformando diversas poesias em músicas;
- Vinte melhores poesias sendo contempladas em um livro chamado “Poesia na escola”.

CRONOGRAMA

JUNHO: Reuniões periódicas entre educadores idealizadores do projeto para criação de edital (utilização o aplicativo Google Metts); Lançamento oficial do projeto Poesia na escola; Poesia de incentivo do docente José Wilton (A praia mais Bela), Poesia de incentivo da aluna Julia Alves Kalafriore (O assédio); Poesia de incentivo do docente Fernando Toledo Cardoso (Diversidade em plenitude); Reuniões periódicas com os estudantes para explicar o que é Poesia; Lançamento oficial do Edital do projeto Poesia na escola (como participar); Publicação na site da Secretária Municipal de Educação sobre o concurso de poesia na escola; Poesia de incentivo de Guilherme Ferreira (pessoa com paralisia cerebral), aluno da associação da casa dos deficientes de Ermelino Maratazzo (ACDEM);

JULHO: Reuniões periódicas entre educadores idealizadores do projeto (utilização o aplicativo Google Metts); Criação de uma comissão julgadora do projeto Poesia na escola (julgar as melhores poesias); Palestra da Slammer Jéssica Campos com estudantes para estimular a participação; Poesia de incentivo do docente Anísio Silva (VERBO); Disponibilização em redes sociais do formulário de inscrição (facebook, blog, google sala de aula e google metts); Palestra do escritor e editor Dalton Medrado com estudantes para estimular a participação no projeto; Palestra Poeta Sergio Vaz com estudantes para estimular a participação no projeto; Poesia de incentivo da estudante estrangeira Bárbara Samira (O próximo); Publicando nas redes sociais a quantidade de alunos inscritos e quais escolas estavam participando do projeto poesia na escola; Poesia de incentivo da docente Cleia Teixeira (Um novo dia amanhece de novo), Matéria especial no portal da secretária Municipal de Educação sobre o projeto; Poesia de incentivo da docente Gilvete Candida (Inspiração);

AGOSTO: Reuniões periódicas entre educadores idealizadores do projeto; Idealizadores do projeto Poesia na Escola saem na rua para entregar livros e presentes aos alunos que construíram poesias de incentivo a participação no projeto (fomos nas casas dos educandos levar conhecimento e literatura); Transmissão ao vivo com o escritor Sacolinha pelo google Metts; Live no facebook (página escolar) para falar sobre poesias; Poesia de incentivo da educando Camila Victória (Essa Tal Inclusão); Divulgações sobre o projeto em redes sociais; Poesia de incentivo da docente Jussara (A normalidade é a felicidade); Divulgação dos vinte melhores alunos poetas da diretoria regional de ensino guaianases; Início da divulgação dos poemas dos vinte melhores estudantes (Poesia escrita e vídeo com o aluno recitando), poesias dos estudantes foram divulgadas semanalmente;

SETEMBRO: Reuniões periódicas entre educadores idealizadores do projeto; Eleição Municipal e impedimento de utilização de redes sociais;

OUTUBRO: Reuniões periódicas entre educadores idealizadores do projeto; Eleição Municipal e impedimento de utilização de redes sociais;

NOVEMBRO: Apresentação dos vinte melhores poetas vencedores do projeto poesia na escola, Imagens de ampliação do projeto nas redes sócias; Divulgação oficial da capa do livro Poesia na Escola; Aluna participante do projeto Poesia na escola Victoria Rossato sai em publicação na Revista Evolução; Entrevista dos idealizadores do projeto poesia na escola para Revista Evolução;

DEZEMBRO: Reportagem Especial da Rede Globo sobre o Projeto Poesia na Escola e seu desenvolvimento; Lançamento Oficial do Livro Poesia na Escola com os vinte melhores poetas da diretoria regional de educação de guaianases; Entrega Especial de livros na casa dos estudantes (vinte melhores poetas) feita pelos professores idealizadores do projeto; Lançamento oficial do livro digital poesia na escola; Live especial de finalização do projeto Poesia na Escola.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Projeto Poesia na escola é um projeto regional realizado pelo CEU EMEF Água Azul, efetuado em plena pandemia tendo como principais objetivos incentivar a produção literária dos estudantes, dando visibilidade ao material inédito produzido, valorizando os estudantes escritores e proporcionando aos mesmos expressões por meio da escrita.

O projeto teve início em junho de 2020 e surgiu a partir de uma sequência de transmissões ao vivo (LIVE) do professor Fernando Toledo Cardoso na página oficial do CEU EMEF Água Azul (Facebook).

A partir da *live* "Slam na escola: um evento que cola", o professor decidiu criar um projeto capaz de estimular a escrita e a leitura dos estudantes por meio de suas próprias produções literárias. Ação teve a participação da educadora da Rede Municipal, Cleia Teixeira, que também desenvolve pesquisa sobre o *Slam* (batalha de poesia) no Programa de Mestrado Profissional em Letras, pela Universidade de São Paulo (PROFLETRAS/USP).

Quatro professores foram convidados para participarem do Projeto. Desta forma, a Comissão Organizadora passou a ser composta pelos professores (as) Anísio Silva, Cleia Teixeira da Silva Oliveira, Fernando de Toledo Cardoso, Gilvete Cândida dos Santos Brito e José Wilton dos Santos, educador na EMEF Armando Crیده Righetti, da Diretoria Regional de Educação (DRE) São Miguel.

CATEGORIA III – ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO

A produção literária dos jovens estudantes no “Projeto Poesia na Escola”, vem sendo realizada em reuniões online, registradas em pautas, atas, vídeos e imagens. Além disso, estão ocorrendo outras ações voltadas aos estudantes do Ensino Fundamental II do CEU EMEF Água Azul.

Com intuito de promover a inclusão e a representatividade, todos os poemas estão sendo transformados em vídeos a partir da escrita autoral de poemas por representantes de diversos segmentos da comunidade escolar: gestores, educadores, ex-alunos, pessoas com deficiência e também estudantes imigrantes.

O primeiro poema transformado em vídeo foi publicado no dia 08 de junho nas redes sociais da Unidade Educacional. Sua autoria foi de um dos membros da Comissão Organizadora, o educador José Wilton dos Santos. A produção audiovisual foi intitulada como “A Praia Mais Bela”.

Ao todo, serão postados 11 poemas, sempre às segundas-feiras. Nas duas últimas semanas haverá a publicação de 2 vídeos, sendo um na segunda e outro na quinta-feira. Os vídeos contam com intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

O vídeo de Guilherme Ferreira (18) obteve mais de 60 mil visualizações na página da Unidade Educacional. O jovem com paralisia cerebral é aluno da Associação da Casa dos Deficientes de Ermelino Matarazzo, ele utiliza cadeira de rodas para se locomover. Em seu vídeo, decidiu abordar temáticas voltadas à importância do respeito às diferenças e à afirmação de suas identidades.

Além dessa ação, a Comissão Organizadora do Projeto ministra, às sextas-feiras, aulas para todos os alunos do Fundamental II do CEU EMEF Água Azul, por meio da plataforma Google Meet. Os encontros liderados pela Prof^a Gilvete Cândida e pelo Prof. Anísio Silva buscam ampliar o repertório literário dos estudantes, preparando-os para a produção de seus textos autorais.

As *lives* também fazem parte das ações do Projeto, são totalmente acessíveis com interpretação em LIBRAS realizada por Maria Aparecida Cavalcante Martins e Edvânia Guimarães dos Santos Barros. Os poetas e escritores de diversos gêneros, inclusive da literatura marginal, foram convidados para falar sobre o seu processo criativo, história de vida e autores preferidos, além de compartilharem dicas preciosas sobre o ato de escrever.

Na data 02/07/2020, o encontro foi com Jéssica Campos, poeta slammer (participante de batalhas de poesia) da Zona Sul, no Capão Redondo em São Paulo. O escritor e poeta desde o início dos anos 90, Danton Medrado, foi o convidado da segunda live, realizada dia 09/07, sob mediação do Prof^o José Wilton.

Sérgio Vaz participou da terceira edição no último dia 16/07. Além de escritor e poeta, é agitador cultural nas periferias de São Paulo, criador da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia) e um dos criadores do Sarau da Cooperifa, movimento que transformou um bar da periferia da Zona Sul de São Paulo em um Centro Cultural.

Neste encontro, mediado pela Prof^a Cleia Teixeira, Sérgio Vaz relatou sobre como é seu processo de escrita, a atual conjuntura da educação pública brasileira e os efeitos causados pela pandemia da covid-19.

Foram mais de 2.300 visualizações simultâneas, 30 compartilhamentos na rede e muitas reações positivas do público. Vale destacar que o encontro foi aberto ao público e teve grande participação de estudantes de outras Unidades Educacionais da DRE Guaianases. A live foi realizada pela plataforma StreamYard, transmitida ao vivo no Facebook do CEU EMEF Água Azul Prof. Paulo Renato Costa Souza.

Alunos e alunas integrantes da Academia Estudantil de Letras (AEL) Sérgio Vaz fizeram apresentações poéticas durante o evento. A Comissão Organizadora promoveu uma Gincana Literária com perguntas sobre as obras e a vida do agitador cultural durante o bate-papo. Ao final da live, as 5 pessoas que responderam corretamente ganharam um livro do poeta, intitulado “Flores de Alvenaria”.

O livro do poeta, intitulado “Flores de Alvenaria” foram entregues na casa dos ganhadores (comunidade escolar, famílias de alunos) pelos idealizadores do projeto, que disponibilizaram seu tempo e levaram a literatura pela sociedade.

Na data 26/06/2020, o projeto ganhou projeções na rede pública de São Paulo, tendo sua primeira matéria especial no portal da secretaria municipal de educação-SME.

A equipe idealizadora do projeto criou uma comissão que iria julgar todas as poesias enviadas pelo formulário de inscrição (google forms), todo esse desenvolvimento foi exposto em edital de abertura.

Convidamos duas Organizações não governamentais (ONGs) para participar desse projeto, destacando que essas ONGs trabalham especificamente com pessoas deficientes, é importante destacar que esse momento foi crucial para nossos estudantes perceberem o quanto nossa escola valoriza a diversidade humana e o respeito ao próximo.

Na data 29/06/2020, a poesia intitulada “Em meu olhar”, obteve alcance de 80 mil pessoas nas redes sociais, foi o vídeo com maior visibilidade do projeto, o mesmo foi criado e construído pelo aluno da associação da casa dos

deficientes de Ermelino Matarazzo-ACDEM Guilherme Ferreira, destaco que a ACDEM foi convidada a participar do projeto.

Alunos com outra nacionalidade matriculados em nossa escola também tiveram um apoio amplo e pedagógico para a participação efetiva, e criaram poesias que destacam a luta contra a xenofobia em nosso país.

Na data 17/07/2020, o projeto ganhou projeções na rede pública de São Paulo, tendo matéria especial no portal da secretaria municipal de educação-SME.

Após termos os 20 melhores poetas da diretoria regional de ensino guaianases, fizemos as publicações semanais de cada poema em nossas redes sócias (facebook, blog, google sala de aula, google meet), ressaltando que as poesias iam para as redes de forma escrita e em vídeos acessíveis, onde tínhamos acessibilidade em libras e alunos recitando sua própria poesia com imagens de fundo. Todo esse trabalho de edição dos vídeos também foi realizado pelos idealizadores do projeto.

Na data 01/12/2020, o projeto Poesia na Escola ganha projeções nacionais e internacionais ganhando material especial na rede global, com duração de 10 minutos explicando sobre o projeto realizado no extremo leste de São Paulo em plena pandemia.

Os 20 melhores poemas tiveram a publicação no livro intitulado como “Poesia na escola”, e fizemos o seu lançamento oficial em transmissão ao vivo com diversos convidados.

Fizemos o lançamento oficial do livro digital poesia na escola, proporcionando acesso a todos os estudantes.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Dado o exposto, foi possível observar e acompanhar por meio da avaliação formativa, processual e contínua durante todo o desenvolvimento do Projeto: Poesia na escola no ano letivo em 2020, o percurso dos educandos e suas aprendizagens. O trabalho desenvolvido foram registrados por meio de fotos e vídeos das atividades propostas; registros de relatórios individuais e coletivos do desenvolvimento, bem como os avanços; É possível notar que os educandos envolvidos ampliaram os seus conhecimentos no que tange as possibilidades literárias de incentivar a produção literária dos estudantes, valorizar os estudantes escritores; trabalhar a linguagem oral e escrita; estimular a Criatividade; desenvolver o emocional através da compreensão dos sentimentos; estimular a imaginação, a capacidade de abstração e interpretação, e expressão artística; aumentar o vocabulário e as formas de se compreender

a realidade (óticas); além de promover o respeito as diferenças e habilidades de cada um, além do acesso ao currículo para todos. Contudo, foi possível observar o envolvimento de todos os educandos e demais educadores fortalecendo práticas inovadoras e dinâmicas, afetando todos os educandos com aulas dinâmicas com ênfase nas habilidades e potencialidades de cada um.

Promoveu ao educando com deficiência a inclusão e acessibilidade ao currículo dinâmico e flexível, bem como ampliação e domínio dos conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento integral em todas as dimensões: cognitiva, afetiva, social, moral, física e estética, por meio de desenvolvimento literário, nas quais valorizam o ser humano enquanto sujeito de direito.

DEPOIMENTOS

“Agradeço a escola pública por colaborar com o meu trabalho, tenho confiança (no projeto poesia na escola), parabéns ao projeto poesia na escola, em promover toda a classe literária as nossas crianças do extremo leste de São Paulo.”

Sergio Vaz Poeta

“Poder participar de um projeto gigante e inclusivo como este enche meus olhos e coração de alegria, ver o Guilherme interagindo e empoderado é o que nossa família mais queria.”

Família do Guilherme Feira, aluno com paralisia cerebral participante do projeto

“A minha filha estava desanimada devido à pandemia, como ela está no 9º ano, e era seu ano final do fundamental II criou-se muitas expectativas, então quando ela viu o projeto ela viu uma oportunidade, e a nossa família ficou muito feliz em ver o amor de professores, dedicados até mesmo a engradecer os alunos, sendo que eles são adolescentes e tem a autoestima baixa, esse projeto venho a ajudar nesse lado emocional também deles.”

Mãe da aluna Linda Gabriele, 2º colocada no projeto Poesia na Escola - Vanieme

“Esse projeto irá edificar a vida desses estudantes, que poderão fugir do ensino tradicional e conhecer novas potencialidades”.

Jéssica Campos slammer

“Projeto amplo que consolida o sistema público como referência de qualidade.”

Daltro Medrado escritor

“É interessante ver como o sistema público educacional se reinventar em plena pandemia, parabéns aos alunos e professores.”

Escritor Sacolinha

“Esse projeto foi gigante e mobilizou alunos da rede pública, então vocês professores idealizadores e gestores do CEU EMEF Água vem proporcionando para essas crianças da essa ideia profunda de liberdade pelo conhecimento, pelo conhecimento somos libertos e sabemos respeitar as pessoas, cada vez mais esses alunos se tornam humanos de verdade e sabem a importância de estar com o outro e ser desafiado, encontrando na arte o poder de transmitir o que sentimos. É um ganho muito grande para o território, parabéns equipe docente.”

Lucimeire Cabral de Santana-Diretora Regional de Educação

“Simplesmente foi um projeto incrível, e ampliando para livros, vocês professores não tem limites, estou muito orgulhosa dessa equipe. Vocês foram maravilhosos. Essa participação das famílias nesse projeto é algo inarrável... Só quero dizer que esse livro é a forma mais linda de historizar um momento marcante na educação. É um ano que ficará para a história.”

Luciana Manso, supervisora escolar da Diretoria Regional de Ensino Guaianases

“O sonho que nós sonhamos só, não passam de sonhos, mas o que sonhamos juntos se torna realidade, e é o que eu vejo no projeto poesia na escola, fomos criando e ampliando a cada passando, estimulando as crianças e acreditando que era possível”.

Eliane Cesário, diretora do CEU EMEF Água Azul

“Parabéns a todos envolvidos nesse projeto maravilhoso”.

Andréa Ribeiro, coordenadora pedagógica do CEU EMEF Água Azul

“Esse projeto modificou a minha vida e ampliou os meus olhares. Hoje eu acredito que é possível realizar sempre o melhor, e fazer alunos mudarem concepções e modificarem suas vidas. Poesia na escola é um alento em uma sociedade tão fria em que vivemos”.

Professor Fernando Toledo Cardoso, idealizador do Projeto Poesia na escola

**CATEGORIA III –
ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO**

2º LUGAR

Projeto:

Nós fazemos a História: a escola e os movimentos sociais

Unidade Educacional:

EMEF Virgílio de Mello Franco

Responsáveis:

**Edilson da Silva Cruz e
Ana Silvia Galvão Amorim Silva**

RESUMO DO PROJETO

O projeto teve como objetivo o diálogo entre escola e movimentos sociais, mediante o contato dos alunos do 9º ano com ativistas de diferentes causas/coletivos, que visitaram a escola, para rodas de conversa. A dialogicidade, presente na forma e conteúdo do projeto, permitiu a problematização da realidade e a conscientização de educadores e educandos quanto ao papel, nosso e dos movimentos sociais, como sujeitos históricos.

JUSTIFICATIVA

O momento social e político que vive o Brasil exige dos educadores uma ação pedagógica consciente e uma postura comprometida com a democratização das relações sociais. Por isso, a escola não pode ficar isolada do restante da sociedade, mas articular-se com pessoas, grupos, movimentos que contribuam para a problematização da realidade e conscientização dos nossos educandos e educandas, conforme os princípios da educação freireana. Nesse sentido, o projeto “Nós fazemos a História: a escola e os movimentos sociais” procurou mobilizar educadores, educandos e educandas, lideranças

locais e ativistas de coletivos e movimentos sociais, visando criar na escola um ambiente de diálogo, democracia e construção de conhecimento, pautado no protagonismo dos sujeitos.

Para ser coerente com uma proposta educativa problematizadora e democrática, a forma como o projeto foi desenvolvido buscou garantir a centralidade dos saberes em construção pela mediação dos educadores, em aulas baseadas em rodas de conversa, troca de ideias e possibilidade de intervenções. Ora, tais características, além de dialogar com o interesse e necessidade dos educandos, estudantes de 9º ano do ensino fundamental que reivindicavam “aulas mais dinâmicas”, também invertem os papéis tradicionais de exercício do poder escolar: ao invés de educadores que “narram” e educandos que absorvem o conteúdo, como na educação bancária, temos rodas de conversa, a exemplo de círculos de cultura, onde educandos também podem tomar a palavra e enunciar e onde educadores se colocam também em posição de escuta. O diálogo, transformado em metodologia de trabalho escolar, converte-se, assim, em “ato de criação”, mobiliza experiências dos sujeitos e faz emergir a verdadeira educação, ou seja, “a que, operando a superação da contradição educador-educandos, se instaura como situação gnosiológica, em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os media-tiza” (FREIRE, 2011, p. 110).

Não sendo uma instituição isolada da sociedade, mas parte dela, a escola que se pretende problematizadora e democrática deve abrir suas portas para aquela porção da sociedade que é seu polo crítico, isto é, os grupos, coletivos e movimentos organizados em torno de uma práxis transformadora. Dado o caráter educativo dos movimentos sociais, considerados por Paulo Freire como “uma grande escola da vida”, sua presença no interior da escola provoca um deslocamento da cultura escolar tradicional: ao invés de um ensino pautado na transmissão de conteúdos, passa-se a uma aprendizagem colaborativa comunitária. O efeito sobre os sujeitos, como pudemos ver neste projeto que ora justificamos, envolve sua conscientização, ou seja, a construção de uma “reflexão verdadeiramente transformadora da realidade, fonte de conhecimento reflexivo e criação” (FREIRE, 2011, p. 127).

Portanto, consideramos que o projeto “Nós fazemos a História: a escola e os movimentos sociais” é condizente com o compromisso que animava Paulo Freire, em toda sua trajetória, e que foi sintetizado na seguinte declaração, quando era Secretário Municipal de Educação na cidade de São Paulo:

A escola pública que desejo é a escola onde tem lugar de destaque a apreensão crítica do conhecimento significativo através da rela-

ção dialógica. É a escola que estimula o aluno a perguntar, a criticar, a criar; onde se propõe a construção do conhecimento coletivo, articulando o saber popular e o saber crítico, científico, mediados pelas experiências do mundo. (FREIRE, 2001, p. 83)

Referências:

FREIRE, P. A educação na cidade. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

OBJETIVOS

Este projeto teve os seguintes objetivos:

- Que os educandos sejam capazes de reconhecer a importância dos movimentos sociais e populares para a consolidação da democracia no Brasil, especialmente no período pós-ditadura, e a necessidade de favorecer a participação cidadã na proposição de políticas públicas;
- Que sejam capazes de se reconhecer como sujeitos históricos, capazes de intervenções em nível local, regional e nacional, propondo alternativas para demandas históricas e sociais nos campos do trabalho, direitos humanos e cultura;
- Que sejam capazes de compreender o conceito de movimento social e suas características, estabelecendo relações entre sua constituição e o processo de desenvolvimento histórico e social do Brasil.

Além disso, para a formação docente e a prática pedagógica, os objetivos foram:

- Consolidar aprendizagens referentes aos 8º e 9º ano do Ciclo Autoral;
- Refletir sobre a forma como os eixos problematizadores propostos pelo Currículo da Cidade dentro de um ciclo podem ser articulados de diversas maneiras para favorecer aprendizagens mais significativas e que justifiquem a abordagem na perspectiva dos Ciclos de Aprendizagem;
- Refletir sobre a pertinência do projeto como modalidade organizativa capaz de articular diferentes eixos, objetos de conhecimento e objetivos de aprendizagem ao longo do Ciclo Autoral.

PÚBLICO-ALVO

3 turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, totalizando 92 alunos, entre 13 e 15 anos.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Albert Rockenbuck (ator, movimento LGBT), Alexandre Gilsogamo (professor, Coletivo Leste Negra), Avani Florentino Fulni-ô (educadora popular, liderança indígena), Bruno Correia (educador, idealizador e coordenador do Cursinho Popular Leila Regina), Bruno Silva (educador popular, Levante Popular da Juventude), Caroline Fagundes de Souza (jornalista), Danilo Amaral (educador popular, Rede Ecumênica da Juventude), Edilene Santos (educadora popular, Espaço Alana), Eduardo Brasileiro (educador popular, IPDM – Igreja – Povo de Deus em Movimento), Filipe Surian Ferreira – (estagiário e estudante de Licenciatura da Unicamp), Jamile Godoy (educadora popular, Pastoral da Juventude), Luis Carlos Mendonça de Queiroz (educador popular, Pastoral da Juventude), Maria Alves (educadora popular, assentamento Irmã Alberta do Movimento Sem Terra), Natalia Blanco (educadora popular, Koinonia), Pedro Pankararu (educador popular, liderança indígena), Tabata Tesser (educadora popular, Católicas Pelo Direito de Decidir) e Vinicius Lima (educador popular, Pastoral da Juventude).

METODOLOGIA

Para este projeto, a metodologia escolhida foi a do diálogo aberto a partir de rodas de conversa em sala de aula. Em todas as aulas, organizamos um círculo com as cadeiras para os educadores educandos se acomodarem e, ao centro deste círculo, ambientamos o espaço com objetos relacionados ao projeto e ao movimento em questão (logo dos coletivos, bandeiras, fotos etc.). A espacialidade da sala de aula, marcada historicamente por sua constituição hierarquizada e fabril, deu espaço para um verdadeiro “círculo de cultura”, ou seja, um espaço no qual “o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a dizer a sua palavra” (Brandão, 2017, p. 69).

Nas rodas de conversa, utilizamos uma metodologia dialógica, na qual os educadores (professores ou militantes convidados) expunham aspectos rela-

cionados ao objeto e abriam espaço para os questionamentos dos estudantes. Dessa forma, permitiu-se uma troca de experiências e uma construção coletiva do conhecimento. Tal metodologia condiz com a concepção de educação como situação gnosiológica, como a entendia Paulo Freire, na qual “o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes” (Freire, 1985, p. 78), promovendo a problematização do objeto e da realidade onde ele está imerso.

Por fim, também nos valem do diálogo problematizador no registro do projeto, que se tornou um documentário baseado nos depoimentos de cada um dos envolvidos. Nosso intuito, com isso, foi construir uma avaliação pautada na dialogicidade e no protagonismo dos sujeitos, além de criar um material que pudesse, posteriormente, ser utilizado como meio de conhecimento sobre os movimentos sociais e sobre a possibilidade de construção de metodologias freirianas na escola básica.

Referências

BRANDAO, Carlos Rodrigues. Círculo de Cultura. In. Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 69-70.
FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? São Paulo: Paz e Terra, 1985.

CRONOGRAMA

PRIMEIRA PARTE: Problematização do objeto e motivação dos estudantes Aula 1 (05/08/2019): Sujeitos históricos e movimentos sociais. Objetivo: que os educandos conheçam diferentes sujeitos que, ao longo da história do Brasil, atuaram em movimentos sociais e se reconheçam também como sujeitos históricos. Aula 2: (12/08/2019): As características dos movimentos sociais Objetivo: que os educandos reconheçam as características dos principais movimentos sociais em atuação no país: quais suas pautas, contra o que lutam, qual suas utopias.

SEGUNDA PARTE: Círculos de cultura na escola: Aula 3 (26/8): o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) Convidada: Maria Alves, liderança do assentamento Irmã Alberta (zona oeste de São Paulo). Objetivo: Que os alunos conheçam as características do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, suas lutas e reivindicações. Aula 4 (2/9) Movimentos locais com interface religiosa: IPDM e Koinonia. Convidados: Eduardo Brasileiro (IPDM – Igreja – Povo de Deus em Movimento) e Natalia Blanco (Koinonia) Objetivo: Que os alunos conheçam as principais características dos grupos IPDM (Igreja

CATEGORIA III – ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO

Povo de Deus em Movimento) e Koinonia como expressão de grupos locais que articulam defesa dos direitos humanos e do Estado laico com a vivência da religião e da espiritualidade. Aula 5 (9/9): Movimentos de Juventude Convidados: Vinicius Lima, Luis Carlos Queiroz, Jamile Godoy (Pastoral da Juventude), Danilo Amaral (Rede Ecumênica da Juventude) e Bruno Silva (Levante Popular da Juventude) Objetivo: Que os alunos conheçam as principais pautas das lutas pelos direitos da juventude, com ativistas da Pastoral da Juventude, Levante Popular da Juventude e REJU (Rede Ecumênica da Juventude). Aula 6 (23/9): Movimento Negro Convidado: Alexandre Gilsogamo (Coletivo Leste Negra) Objetivo: Que os alunos conheçam as principais pautas das do Movimento Negro no Brasil e uma de suas articulações locais, o Coletivo Leste Negra. Aula 7 (30/9): Movimento Feminista: Convidada: Tabata Tesser (Católicas Pelo Direito de Decidir) Objetivo: Que os alunos conheçam as principais pautas das lutas dos movimentos pelos direitos das mulheres no Brasil e reconheçam a importância destas lutas. Aula 8 (4/11): Movimento Indígena: (Povo Pankararu) Convidada: Ivani Fulni-ô e Pedro Pankararu(Povo Pankararu) Objetivo: Que os alunos conheçam as principais pautas das lutas do movimento Indígena no Brasil e reconheçam a necessidade de preservar sua cultura, terras e ancestralidade. Aula 9 (11/11/2019): Movimento LGBT Convidada: Dindry Buck, drag queen (Ator: Albert Rockenbuck) Objetivo: Que os alunos conheçam as principais pautas das lutas do movimento LGBT no Brasil e a importância de combater a LGBTfobia. Aula10 (22/11/2019): Movimentos e coletivos locais Convidados: Edilene Santos (Espaço Alana) e Bruno Correia (idealizador e coordenador do Cursinho Popular Leila Regina). Objetivo: que os alunos conheçam pessoas que participam de grupos, coletivos e ações locais voltadas para a mobilização social (Espaço Alana) e luta por acesso ao ensino superior (Cursinho Popular), como expressão de sujeitos históricos e suas lutas por transformação.

TERCEIRA PARTE (avaliação): Construção do documentário Jan/2020: Elaboração de pauta e convite para alunos, ativistas e educadores gravarem seus depoimentos; Fev/2020: gravação de depoimentos para o documentário e edição de imagem de Carolina Fagundes. 6 de março de 2020: Lançamento do Documentário no Youtube.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Na primeira, contendo 2 aulas introdutórias, a professora Ana Silvia e o Diretor Edilson, juntos, mediaram com os educandos momentos para que eles pudessem compreender o que significa ser um sujeito histórico e o que

são os movimentos sociais. Na primeira aula, em círculo, os estudantes foram levados a identificar, no material que ambientava o espaço, fotos e pequenas biografias de ativistas de ontem e de hoje, que contribuíram com mudanças a partir de suas lutas. Já na aula seguinte, os educandos tiveram contato com notícias recentes de atuação de movimentos sociais no Brasil e puderam entender algumas características de alguns deles: quem são seus sujeitos, a favor ou contra o que eles lutam e qual a utopia de sociedade que os inspira. Com estas duas aulas, preparamos os estudantes para as rodas de conversa da etapa seguinte.

Na segunda etapa, iniciamos os “círculos de cultura”, ou seja, encontros em forma de roda de conversa nos quais recebíamos um ativista por semana, de algum coletivo, grupo ou movimento local ou nacional, para conversar e trocar experiências com os estudantes. Recebemos militantes do Movimento Sem Terra (MST), Levante Popular da Juventude, Pastoral da Juventude, Rede Eumênica da Juventude (Reju), coletivos religiosos que defendem os direitos humanos (Igreja Povo de Deus em Movimento, Koinonia, Católicas pelo Direito de Decidir), Coletivo Leste Negra, povo Pankararu, movimento LGBT e ativistas locais do bairro. Contamos também com a presença do estagiário e estudante da Unicamp, Filipe Surian Ferreira, que registrou parte dos encontros, elaborou relatórios escritos que, posteriormente, nos ajudaram na avaliação do projeto. Durante os encontros, percebemos um engajamento cada vez maior dos estudantes nas discussões e uma grande motivação em participar das aulas. O conhecimento foi construído, ao longo do projeto, de modo circular e dialógico, fomentando uma verdadeira problematização, elemento essencial para a construção de uma verdadeira educação, na concepção freireana. Identificamos na “troca de experiências”, pautada por perguntas, questionamentos, partilhas e debates abertos sobre diversos temas, a característica que tornou os encontros do projeto uma experiência gnosiológica problematizadora, que garantiu a apropriação dos objetos cognoscentes por parte dos sujeitos e sua própria ressignificação enquanto sujeitos.

Por fim, a última etapa foi o processo de gravação de depoimentos dos envolvidos para a confecção de um documentário a respeito. No começo de 2020, os alunos do 9o ano foram convidados a irem novamente à escola registrar em vídeo seu depoimento, sobre o que aprenderam no encontro, qual a importância atribuíram à experiência e o que mais desejassem expressar. Além disso, os educadores da escola e os ativistas convidados também gravaram depoimentos contando sobre sua experiência nas rodas de conversa. Durante os meses de janeiro e fevereiro estas gravações foram feitas, bem como a edição do material com a ajuda da produtora e educadora Caroline

Fagundes. Em março de 2020, o documentário foi finalmente concluído e colocado no ar no Youtube. Nossa intenção seria promover sessões para assisti-lo presencialmente na escola, o que nos foi impossibilitado pela pandemia de COVID-19. Estamos aguardando o fim da pandemia para realizar uma segunda edição do projeto.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação do projeto aconteceu de duas formas: como avaliação processual, durante o seu desenvolvimento, e através da elaboração do documentário final.

A avaliação durante o processo se concretizou através da observação das aulas, organizadas em forma de círculos de cultura, ou seja, rodas de conversa com troca de experiências como caminho para a problematização do conteúdo programático do projeto. Ao longo do projeto, notamos uma motivação cada vez maior dos estudantes em participar das aulas. Foi de muita ajuda os relatórios elaborados pelo estagiário Filipe Surian Ferreira, da Unicamp, que auxiliou os trabalhos e fez registros por escrito. Também verificamos que, à medida que o projeto avançava, mais alunos se colocavam como protagonistas dos encontros, através de intervenções, perguntas, relatos pessoais, considerações críticas, as quais eram partilhadas com os educadores presentes e debatidas em aula. No penúltimo encontro, sobre o movimento LGBT, além disso, alguns alunos arriscaram-se a apresentar poemas elaborados para uma batalha de Slam que aconteceria na escola e que dialogavam com o tema da aula. Nossa avaliação é de que o projeto dialogou com questões referentes à realidade dos estudantes, garantindo seu interesse e motivação. Além disso, a forma dos encontros, rodas de conversa, potencializou a participação e tomada de palavra dos estudantes.

No que diz respeito às aprendizagens, os depoimentos colhidos para a elaboração do documentário deixam claro que aconteceram aprendizagens significativas de conteúdos disciplinares, associadas ao objeto de ensino em questão (ver depoimentos 1 e 2, na seção abaixo). Também houve aprendizagens de conteúdos atitudinais, relacionadas aos valores e atitudes diante da realidade (Depoimentos 3 e 4). Para além disso, o conhecimento construído mostrou-se como conscientização, ou seja, como “processo de criticização das relações consciência-mundo” pelo qual “os sujeitos assumem seu compromisso histórico de fazer e refazer o mundo” (Freitas, 2017, p. 88). Na visão freireana, a conscientização não se trata apenas de simples tomada de consciência (a qual sim, está presente, como mostram os depoimentos 5, 6 e 7), mas de

práxis, ou seja, “reflexão verdadeiramente transformadora da realidade, fonte de conhecimento reflexivo e criação” (FREIRE, 2011, p. 127), uma vez que, além de permitir o reconhecimento do mundo, “prepara os homens, no plano da ação, para a luta contra os obstáculos à sua humanização” (idem, p. 158.). Esta dimensão de preparação para a práxis pode ser observada no depoimento 8.

Os depoimentos dos estudantes nos permitem verificar o processo de crítica em relação ao mundo, quando o ato pedagógico/cognoscente contribui para desvelar as relações de poder que marcam a escola e a sociedade, e contribuem para a mudança de mentalidade e de atitude dos estudantes frente a esta realidade. A dialogicidade, como encontro de sujeitos em processo de construção, teve como efeito provocar a humanidade dos estudantes, no sentido de incorporarem posturas de respeito e valorização das diferenças, além de compreenderem-se como sujeitos capazes de também defender causas de justiça, despertando o sentido de cidadania ativa, ou seja, “aquela que institui o cidadão como portador de direitos e deveres, mas essencialmente participante da esfera pública e criador de novos direitos para abrir espaços de participação.” (Benevides, 1994).

Portanto, considerando os objetivos elencados acima, percebe-se que os estudantes, após o projeto, tornaram-se capazes de: reconhecer a importância dos movimentos sociais e populares para a consolidação da democracia no Brasil; reconhecerem-se como sujeitos históricos, capazes de intervenções em nível local, regional e nacional; compreender o conceito de movimento social e suas características, estabelecendo relações entre sua constituição e o processo de desenvolvimento histórico e social do Brasil. Nesse sentido, consolidaram-se as aprendizagens relacionadas ao Ciclo Autoral.

Ao final, o projeto mostrou pertinente como modalidade organizativa capaz de articular diferentes eixos, objetos de conhecimento e objetivos de aprendizagem ao longo do Ciclo Autoral.

DEPOIMENTOS

“Participar do projeto indígena foi uma boa escolha que eu tive, né? Porque eu aprendi várias coisas. Eu não sabia nem a cultura deles, a importância que eles traziam para a natureza. Aprendi uma coisa também, dos materiais, das danças, dos rituais deles também; sobre o apito, que traz animais, que eles usam para caçar. Eu não sabia nada disso, aprendi tudo nesse movimento (...) onde for eles têm que ser ouvidos, então eles tão lutando por isso, né?”

Kauã Maia da Silva, estudante do 9º ano C

“Eles lutam por causas, para melhorar tudo, não só para eles como pra gente (...) então é muito importante ter essas causas e movimentos, porque melhora o nosso futuro também.”

Guilherme Torres, estudante do 9º ano A

“Às vezes a gente tinha um pouco de preconceito com algumas religiões, por ser ignorante, não entender sobre. E quando eles vieram (ativistas ligados a movimentos religiosos de direitos humanos) eles falaram sobre diversas religiões que a gente jamais imagina que existia e religiões que a gente não respeitava, não procurava entender.”

Mayara Cristina da Silva, estudante do 9º ano A

“Você não precisa ser negro para apoiar a causa, a mesma coisa que você não precisa ser mulher para apoiar o movimento feminista, você não precisa ser gay ou lésbica para apoiar o movimento LGBT. (...) Se você não tá feliz com alguma coisa que acontece dentro da nossa sociedade, você quer fazer algo para mudar, não significa que você é aquilo, significa que você quer que isso mude.”

Emilly Milena da Silva, estudante do 9º ano B

“Porque às vezes a gente precisa de uma ajuda, só que não tem tantos lugares para recorrer, entendeu? E às vezes quando você vai numa delegacia, por exemplo, eles não te respeitam como mulher. Isso já aconteceu lá em casa e às vezes você sente falta de acolhimento, você sente que aquilo não tá sendo certo.”

Mayara Cristina da Silva, estudante do 9º ano A

“O movimento social que mais me chamou a atenção foi o movimento LGBT. Porque aqui na nossa escola as pessoas são muito cabeça fechada, infelizmente. E com a vinda da Dindry, que era uma drag queen, acabou abrindo mais a mente das pessoas (...) e as pessoas começaram a entender mais pelo que eu vi, né? (...) Depois do projeto eu senti uma diferença: quando você passava, estavam comentando sobre a drag, tavam falando, tipo, ‘ah, agora eu tenho mais respeito, porque ela mostrou pra gente que não era nada daquilo que a gente pensava’, e tudo mais.”

Higor da Silva Barros de Souza, estudante do 9º ano A

“A conversa com a Tábata também foi muito importante, até pelo papel da mulher. Eu me vi muitas vezes em situações onde a gente não percebe que, mesmo trabalhando, a agente vive algumas situações que temos que lutar pelo respeito, pelo papel da mulher.”

Ana Silvia Galvão Amorim Silva, professora de História

“Se eu fosse criar um movimento social, eu acabaria criando um movimento que desse mais voz para as pessoas trans. Porque, mesmo no meio LGBT e fora, as pesso-

as trans acabam que elas são marginalizadas e excluídas, e acaba que elas sempre estão na linha de frente, tipo batendo por tudo e sempre tomando as dores e elas não são reconhecidas por isso.”

Higor da Silva Barros de Souza, estudante do 9º ano A

“Não só foi um momento em que a gente foi lá e passou conteúdo e não recebeu nata em troca (...) (...) Esse momento de troca com os alunos, justamente por essas reações que a gente ia sentindo no bate papo foi o que mais me chamou a atenção que, de certa forma, fez com que a gente saísse de lá com o coração quentinho, com aquela sensação de esperança.”

Natalia Blanco, ativista do Koinonia - Presença Ecumênica e Serviço

“O movimento feminista esteve na escola, conversou com as alunas e os alunos e nós saímos muito como coração bastante anestesiado de felicidade, por saber que nossas lutas têm lado e tem pessoas que falam dela concretamente através dos afetos e das dores.”

Tabata Tesser, ativista do grupo Católicas Pelo Direito de Decidir

“Foi muito bom estar com vocês porque a primeira coisa que eu vi, notei, foi a centralidade pedagógica que vocês trouxeram no ato circular, onde a disposição tinha como centro os saberes daqueles meninos e daquelas meninas (...) Eu também observei que, no espaço onde eles são convidados a falar, nota-se obviamente o protagonismo de alguns e a escuta mais atenta de muitos, ou seja, saímos daquela educação bancária, onde não temos contato, onde cada um coloca o que pode ali na sua carteirinha, e partimos para um debate aberto onde não existia uma verdade a ser combatida e sim saberes a construírem as libertações do povo.”

Eduardo Brasileiro, ativista do IPDM – Igreja Povo de Deus em Movimento

“Foi mais que um prazer estar com aquela sala lotada de jovens e adolescentes, ávidos por informação e por conhecimentos, curiosos, tanto é que surgiram várias perguntas, vários questionamentos, várias partilhas, de todos os presentes (...) É de suma importância isso porque só através desse conhecimento, dessa troca de experiências que a gente consegue estar ali em contato com a realidade e conseguir transformar os outros que estão a nossa volta.”

Albert Rockenbuck, ator e drag queen Dindry Buck

“Eu conversei com a professora a respeito das aulas de história porque, tanto eu como os alunos da minha sala, nós estávamos um pouco incomodados com a situação que estava acontecendo as aulas de história. Eu conversei com ela a respeito e ela super acatou o que eu falei.”

Emilly Milena da Silva, estudante do 9º ano B

“Nossa escola tem um Conselho Participativo onde os alunos, eles colocam as angústias deles, os problemas relacionados também ao aprendizado deles. Nós vimos que os nonos anos estavam enfrentando muita dificuldade de entender a escola (...) A partir da escuta dos alunos, e da experiência que eu já tinha de realização de projetos na escola, e a experiência do diretor com movimentos sociais, nós organizamos o nosso projeto.”

Ana Silvia Galvão Amorim Silva, professora de História

“Importantíssimo ver a escola desenvolvendo este projeto. Percebemos que ele gerou um movimento de contextualização, propiciando aos educandos e comunidade educativa as mais diferentes reflexões sobre os movimentos populares, suas lutas e necessidades que emergem do povo. Gerou escuta e protagonismo dos educandos no desenvolvimento de um currículo dialógico e dialético. Parabéns a todas e todos que integram a comunidade educativa da EMEF Virgílio de Mello Franco, por acreditar que a História se constrói e reconstrói a partir das ações individuais e coletivas, com conhecimento e reflexão sobre as diversas culturas e diversos saberes.”

Adriana Cristina Torato Apolinário, Supervisora Escolar – DRE São Miguel

“Fiquei muito impressionado com a iniciativa da escola em realizar um projeto de tamanha importância nesse conturbado momento no qual encontra-se o país, com tantas tentativas de revisionismo e conservadorismos, sobretudo no campo da educação. Considero que o formato que ocorreu o encontro (em tom de conversa), a temática, e a possibilidade de conhecer um universo completamente novo para a maioria dos presentes, tenham colaborado para que os estudantes participassem de modo satisfatório na dinâmica dos encontros, com perguntas e manifestações.”

Filipe Surian Ferreira, Estagiário e estudante de licenciatura da UNICAMP

**CATEGORIA III – ENSINO FUNDAMENTAL II E
ENSINO MÉDIO**

3º LUGAR

Projeto:

“Eu tô aqui pra fazer a Conexão!”: Cultura audiovisual como elemento integrador e campo para aprendizagem criativa

Unidade Educacional:

EMEF Desembargador Sebastião Nogueira de Lima

Responsável:

Igor Martin Pereira

RESUMO DO PROJETO

Projeto de Educomunicação focado na produção autoral, coletiva e autônoma dos alunos em linguagem audiovisual e distribuição das produções via rádio comunitária do bairro e redes sociais/Whatsapp para ampla divulgação junto à comunidade do entorno.

JUSTIFICATIVA

A unidade onde ocorre o trabalho localiza-se na Vila Rica, próxima à Brasilândia, tendo clientela de variadas condições socioeconômicas e mais frequentemente de baixa renda ou mesmo em situações de vulnerabilidade. Acresce-se a esse fato a grande incidência de alunos imigrantes, cenário comum às regiões periféricas da Zona Norte de São Paulo, produzindo uma zona de contato entre culturas, perspectivas, modos de vida e mesmo idiomas que demanda atenção da equipe escolar ao mesmo tempo em que carrega potencial alvissareiro para o trabalho pedagógico e aprendizagens dos alunos.

Nessas circunstâncias, atestadas pelo projeto político-pedagógico da unidade e lastreados aos princípios de diversidade, do trabalho de educa-

ção midiática e Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação, e de aportes teóricos de referência na área como Maria Aparecida Baccega e Ismar de Oliveira Soares, identificamos benefícios em potencial de desenvolver um trabalho de implantação do que chamaremos de uma cultura audiovisual na escola, a partir de uma perspectiva de valorização da expressão autônoma e identidade dos alunos em suas múltiplas facetas tanto como indivíduos como enquanto parte de coletividades, incluindo em caráter da comunidade local, do bairro, integrando-se ao importante histórico artístico e cultural da região.

OBJETIVOS

O projeto objetiva operacionalizar a produção de material audiovisual de qualidade pelos alunos da unidade e consolidar circuitos de distribuição regular dessas peças na escola, em suas vias de comunicação digital e na comunidade do entorno através de parceria com a estação de rádio comunitária do bairro, a Rádio Cantareira FM. Através dessas ações, visamos capacitar os alunos no uso de ferramentas e técnicas que permitam uma atuação cada vez mais autônoma e habilidosa na produção de conteúdos, abrindo campo para se expressarem e atingirem um público interessado, bem como para terem domínio de uma linguagem audiovisual, tecnológica e digital útil de ponto de vista formativo e interdisciplinar segundo os princípios curriculares da rede.

PÚBLICO-ALVO

Originalmente, turma de 20 alunos de 5º ao 9º Ano, com variações ao longo da duração do projeto.

METODOLOGIA

A premissa pedagógica do trabalho segue práticas inspiradas no conceito de Aprendizagem Criativa, conforme descrito por Mitchel Resnick no livro *Lifelong Kindergarten: Cultivating Creativity Through Projects, Passion, Peers, and Play* (2017), baseado em mobilizar diversas áreas do conhecimento simultaneamente através dos interesses dos alunos em um trabalho coletivo e exploratório estruturado em projetos.

Baseamos as atividades em metodologias ativas e criativas, lastreadas à ideia de aprender fazendo, respeitando os ritmos e interesses individuais de cada estudante, bem como valorizando sua experiência e perspectiva em di-

álogo com a coletividade. O papel do docente, nesse contexto, é primariamente de auxiliador e mediador, interessado sobretudo em operacionalizar as propostas e ideias dos alunos, articulando-as ao propósito central do projeto e possibilitando experiências pedagógicas diversificadas com o desenvolvimento cada vez mais rico de habilidades e competências conectadas a múltiplas áreas do conhecimento.

O interesse ativo em buscar parcerias e diálogos com terceiros, valorizando sobretudo a cooperação com profissionais da comunicação e com instituições de ensino superior, faz parte das premissas do projeto na medida em que atende ao propósito de tornar acessíveis perspectivas e conhecimentos diversos e aprofundados para os alunos, bem como ampliar as possibilidades de diálogo, produção e circulação de conteúdos para fora do contexto escolar imediato.

CRONOGRAMA

A modo geral, os períodos de realização das atividades podem ser divididos da seguinte maneira:

- Primeiro semestre de 2019: Capacitação técnica inicial dos alunos, foco na produção de podcasts e apropriação dos novos métodos de distribuição do conteúdo;

- Segundo semestre de 2019: Diversificação de linguagens com ênfase em vídeo, produção de documentários, telejornais e curta-metragem, e parceria com projeto de Música;

- Início de 2020 (pré-pandemia): Ampliação do projeto para formato de oficinas de produção autoral em múltiplas linguagens, com vistas a criar um espaço criativo permanente com protagonismo estudantil;

- Ano de 2020 (durante pandemia): Mobilização dos conhecimentos dos alunos para produzir conteúdos atendendo às demandas e dificuldades das comunidades escolares com as tecnologias educacionais, e manutenção da interação e produção via atividades síncronas semanais junto aos outros projetos Mais Educação da unidade;

- Ano de 2021: Manutenção de atividades online integradas a projetos com colaboração de universidades. Previsão de retomada das atividades presenciais quando do retorno dos projetos Mais Educação.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Iniciamos o trabalho com o projeto Mais Educação da Rádio Escolar, de nome Rádio Conexão, modalidade que já existia na unidade desde o ano anterior sob coordenação de outro professor e produzia material para transmissão exclusivamente no sistema de som da unidade no horário do intervalo. Optei desde o início por modificar o modelo de trabalho para possibilitar também o acesso ao conteúdo posteriormente via WhatsApp, Facebook e Youtube, bem como incorporar um processo mais longo de edição para melhorar a qualidade de áudio e ritmo dos programas, e incluir vinhetas originais de abertura e transição, o que envolveu capacitar os alunos no uso de software de edição de som e criou a possibilidade de que aqueles que ainda não se vissem confortáveis para falar ao público pudessem participar do projeto em funções técnicas e criativas de outras ordens.

Acerca da produção de conteúdo, lastreamos nossas práticas a um modelo de podcast, tanto no que se refere à distribuição quanto às peculiaridades da linguagem, entendendo que a despeito de compartilhar com a rádio diversas características, ela incorpora elementos para tornar-se mais atrativa a um contexto de mídias digitais e público jovem.

Tematicamente, foi concedida aos alunos desde o princípio liberdade criativa para selecionarem sobre o que tratar e como, ficando ao encargo do professor um papel de auxílio e mediação para garantir a qualidade técnica, adequação ao contexto escolar e estímulo ao aprofundamento e experimentação. Como resultado, ao longo do projeto tivemos conteúdos tratando desde cultura pop (games, filmes, música etc) e as melhores lojas de doce do bairro, até temáticas como bullying, ansiedade, assédio, xenofobia etc, que partiram de uma identificação dos alunos da existência dessas questões em seu cotidiano e de um desejo autônomo de se expressarem a respeito, encontrando na rádio um espaço seguro para diálogo franco, troca de experiências e proposição de formas de enfrentamento.

Sob a perspectiva da criação de uma rede colaborativa para potencializar o trabalho da rádio escolar, buscamos desde o início parcerias com a comunidade e com indivíduos que pudessem colaborar conosco. Em primeiro lugar, realizou-se com os alunos a visita à supracitada Rádio Cantareira FM, rádio comunitária que transmite à Brasilândia e tem envolvimento ativo com iniciativas de educação popular. Os alunos participaram ao vivo da transmissão junto ao radialista Adão Alves dos Santos e passamos a enviar conteúdos produzidos por eles para serem inclusos na programação, pavimentando o

caminho para cumprir com as premissas estipuladas para nosso projeto, de consolidar essa distribuição de conteúdo junto à comunidade do entorno.

Realizamos também sessões de conversa e entrevista com indivíduos como Carlos Lima, coordenador do núcleo de Educomunicação da SME, e Daniele Elisa Silva Brito, psicóloga que geriu projeto de enfrentamento ao bullying em nossa unidade, recorrendo à rádio como estrutura de apoio para o trabalho.

Tivemos por decorrência dessa iniciativa outra parceira duradoura e digna de nota: com Eduardo Assad Sahão, músico e mestrando pela Universidade Estadual Paulista, que por um período de seis meses visitou nossa unidade semanalmente para conduzir um trabalho de Educação Musical junto aos alunos, tendo posteriormente concorrido ao Prêmio Villa-Lobos e obtido 5ª colocação. Essa parceria foi instrumental para aprimorar em diversas situações nosso trabalho, tendo instruído os alunos na importância e potencial do som em uma produção audiovisual e apresentado ferramentas e práticas acessíveis para produzir música e efeitos sonoros autorais. A título de exemplo, a vinheta de abertura para os programas da rádio a partir do ano de 2020 conta com composição musical autoral produzida no âmbito dessa iniciativa.

O que considero, no entanto, a medida mais relevante do vigor da iniciativa foi o fato da rádio – tanto de ponto de vista técnico quanto humano – ter se tornado efetivamente um componente valioso do cotidiano da unidade, solicitado com frequência a pedido do corpo gestor para transmitir informações à comunidade, e dos docentes na realização de atividades regulares com as turmas (tivemos uma professora que produziu séries de radionovela com os alunos, por exemplo), eventos ou para auxiliar alunos demasiadamente introspectivos a encontrarem uma forma confortável de socialização e expressão, dado que o modelo de trabalho adotado favoreceu, como mencionado anteriormente, o desenvolvimento progressivo dessas capacidades a um passo determinado pelo próprio estudante. Tivemos inclusive alunos encaminhados pela PAAI da unidade com esse intuito e que participaram de gravações junto aos colegas em diversas situações.

Também, e o que é mais importante, tornou-se um recurso solicitado com frequência pelos próprios alunos, contando com participação ocasional até mesmo daqueles que não se inscreveram para os projetos Mais Educação, isso porque os participantes regulares atuaram como multiplicadores das práticas e técnicas envolvidas no trabalho, auxiliando e estimulando os colegas na produção de material através do compartilhamento de ferramentas e conhecimentos adquiridos no projeto; e desde o início agimos no intuito de criar essa abertura para que todos pudessem enviar conteúdos ou colaborar

como visitantes. Como resultado dessa consolidação, pudemos contar até mesmo com participação de alunos da EJA em uma situação.

Nas transmissões ao vivo no intervalo, que ocorriam semanalmente antes da pandemia, foi notável o engajamento dos estudantes primeiro pela possibilidade de ouvirem músicas de que gostassem, mas também para expressar ideias, performar humor, parabenizar colegas por aniversários e, em um caso que julguei marcante, dedicar uma música esperançosa a uma amiga se sentindo deprimida. A rádio, nesse sentido, passou a atender cotidianamente a uma ampla gama de necessidades e desejos do corpo discente. Em outra situação que se pode associar a este aspecto de servir ao bem-estar na unidade, serviu para publicizar uma campanha de financiamento coletivo – que veio a ser bem-sucedida – junto à comunidade para compra de equipamentos médicos para uma colega portadora de neurofibromatose.

Tendo alcançado essa situação em meados do ano de 2019, e os alunos regulares já tendo alto nível de autonomia e produtividade para conseguirmos preparar os programas semanais em muito menos tempo, o segundo semestre foi marcado pela incursão no campo propriamente do audiovisual. Com os alunos dominando a linguagem da rádio/podcast, passamos a dedicar alguns momentos da semana à produção de matérias em vídeo, agora em parceria direta com o projeto Imprensa Jovem, que na unidade se dedicava sobretudo à redação do jornal mural e eventualmente cobertura de eventos e saídas. Nosso objetivo com a parceria foi passar a produzir regularmente conteúdo audiovisual na própria escola e aprimorar o repertório técnico dos alunos para as coberturas externas. De Rádio Conexão, passamos a rede Conexão.

Partindo de premissas similares ao trabalho com áudio e em permanente colaboração com o corpo docente da unidade, produzimos – sem prejuízo à programação semanal da rádio – materiais diversificados: coberturas, relatos, rodas de conversa, um minidocumentário sobre bullying, outro sobre assédio, material para inscrição em concurso cultural e mesmo o curta-metragem de terror Quem Ficou Depois da Aula (dir. Igor Martin Pereira, 2020, 10') roteirizado por uma aluna e por mim dirigido, com pós-produção findada em 2020 e a ser ainda estreado em sessão na unidade mediante o retorno às aulas presenciais sem restrições, como comemoração do fim da pandemia. O filme marcou a primeira produção da equipe no cinema de ficção.

Notavelmente, em linha dessas produções, recebemos o convite pela DIPED da DRE Freguesia/Brasilândia para cobrir o evento do 2º Seminário do MOVA, que contou também com a participação de nosso contato na Rádio Cantareira FM, Adão Alves dos Santos, pela supracitada participação da rádio

comunitária em iniciativas de educação popular, reiterando o aspecto integrativo que buscamos atingir entre o projeto e a comunidade.

Por fim, tendo ao final do ano de 2019 dado passos importantes a operacionalizar também uma produção em vídeo tanto hábil quanto frequente e em crescente nível de autonomia por parte dos alunos, retomamos o trabalho em 2020 sob intensificação de uma lógica de pluralidade de linguagens e perspectivas, protagonismo estudantil e integração do corpo docente. Contamos com um aumento substancial de alunos interessados em participar dos projetos de Educomunicação na unidade, atingindo os objetivos de expansão do tempo de permanência na escola com um número cada vez maior de estudantes.

Fomos reconhecidos como referência pelo trabalho da rádio integrada à linguagem de podcast pela equipe de produção da série Idade Mídia, da TV Futura, que nos visitou para a gravação do episódio #PodcasteEducação, em formato de minidocumentário, disponível na plataforma Globosat.

Também com participação dos alunos, apresentei em 28 de Agosto de 2020, o trabalho realizado ao longo de 2019 – a convite de Carlos Lima do Núcleo de Educomunicação da SME e da consultora da UNESCO Grácia Lopes – em encontro online para formação de Estudante Mediador ODS, com intuito de promover o trabalho educ comunicativo e apresentar um modelo replicável de implantação da rádio escolar em diálogo com a rádio comunitária, participação ativa de alunos imigrantes e disponibilização em formato podcast.

Pelas práticas consolidadas ao longo do projeto em 2019, pudemos preservar algum grau de atividade mesmo sob condições de pandemia, tendo realizado sob a premissa do protagonismo dos alunos diversos vídeos de tutorial para o uso das ferramentas do Google Sala de Aula (um deles com mais de 10 mil visualizações no Youtube mesmo a plataforma não sendo nosso meio primário de distribuição de conteúdo), diálogo com o projeto online de educação popular Professores Funkeiros e entrevistas com profissionais de diversos ramos, uma das quais internacional, em espanhol, com a radialista Hilda Juarez da webrádio La Mega Estacion2, dos Estados Unidos.

Adicionalmente, para preservar o engajamento e interação com os alunos, promovemos, junto aos outros professores que mantinham projetos Mais Educação na unidade, encontros síncronos semanais trazendo convidados de diversas áreas de atuação profissional e ativismo de direitos humanos para realizarem sessões de bate-papo com os estudantes. Obtivemos bom quórum, em geral, nessas atividades.

Damos continuidade ao trabalho em 2021 com os alunos participantes nos anos anteriores e formando novas turmas a partir dos 5ºs anos via ativi-

dades online em contraturno, tendo por novidade a colaboração com o projeto de extensão “Práticas de cultura oral e escrita nas escolas de Educação Básica: um diálogo entre escola e Universidade” da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com supervisão das doutoras Patrícia Aparecida do Amparo e Dislane Zerbini Morais, em que inserimos uma discussão sobre oralidade e escrita autoral às diversas linguagens mobilizadas pela nossa produção educacional.

Participamos em 2021, também, da realização da primeira edição da Revista Imprensa Jovem, trabalho colaborativo entre projetos de Educação da Rede Municipal de São Paulo e equipes do curso de Jornalismo da Universidade Metodista.

Preveremos o retorno das atividades presenciais do projeto, nos mesmos termos descritos no cronograma para o ano de 2020 pré-pandemia, assim que seja possível retomar as atividades dos projetos Mais Educação nas unidades escolares.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação de um projeto nessa natureza precisa se dar de forma contínua e cotidiana, a partir da observação do docente sobre os desenvolvimentos individuais e coletivos dos alunos, tendo por suporte suas produções que se pode avaliar de acordo com grau de sofisticação e expressão de autoria.

A partir disso, avalio que o trabalho produziu e produz nos alunos aprendizagens significativas e patentes, além de consolidar para eles espaços de produção de conteúdo autoral com alto grau de autonomia e distribuição consistente junto aos colegas da unidade e à comunidade do entorno. A qualidade e volume crescente das produções por alunos e as reflexões cada vez mais sofisticadas que eles realizam ao longo do processo, bem como o desenvolvimento individual observado em cada estudante atestam a consecução dos objetivos estipulados para o projeto.

DEPOIMENTOS

“Conexão Teen, da EMEF Sebastião Nogueira, é uma rádio que a gente ouve no Youtube, e que nasceu há muito mais tempo. Atualmente, o professor Igor Pereira é o responsável por unir os estudantes para planejarem juntos os assuntos, o roteiro e a melhor forma de apresentarem os programas. Um dos episódios que chama muito a atenção juntou um grupo de estudantes de EJA no estúdio da escola: eles

se apresentam, e aos poucos vão ficando menos tímidos e passam a falar sobre os trabalhos que fazem e vendem pra ganhar a vida, como se diz. Inteligentes que são, eles não perdem a oportunidade de fazer propaganda na rádio, incluindo até o número do celular, para os ouvintes fazerem seus pedidos. Ao final do programa, as vozes mostram a alegria que sentiram ao terem se apresentado em um programa de rádio que valorizou as pessoas comuns do bairro, gente simples que dificilmente teria a chance de divulgar seus trabalhos em uma grande emissora. Genial, esse episódio acabou falando do ODS 8, que trata de trabalho decente e crescimento econômico.”

Transcrição de fala de Grácia Lopes, consultora de Saúde e Bem-estar da UNESCO que ministrou curso Estudante Mediador ODS com participação de nosso projeto

“A conexão teen foi um dos projetos que mais amo participar, pois foi aí que me encontrei, porque antes eu era bem tímida. Aprendi muitas coisas, como a me soltar mais, fazer conteúdos audiovisuais e aprender a trabalhar em equipe. Bom, infelizmente este é o meu último ano junto ao projeto, pois terminarei o ensino fundamental. Mas estou aproveitando o máximo este projeto incrível. E sei que o que aprendi vai ser fundamental para meu futuro, pois vai me ajudar a escolher que profissão seguir.”

Ashley Tais Choque Ordonez, aluna do 9º ano na EMEF Des. Sebastião Nogueira de Lima.

**CATEGORIA IV -
EDUCAÇÃO DE JOVENS
E ADULTOS**

**CATEGORIA IV –
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

1º LUGAR

Projeto:

Releituras – Fronteiras fechadas, a necessidade da arte em períodos de crise humanitária

Unidade Educacional:

CIEJA Vila Prudente/Sapopemba

Responsável:

Alexandre Almeida Pereira

RESUMO DO PROJETO

No início do ano de 2020 movidos por um sentimento de insegurança devido o surgimento do novo coronavírus, no qual nos encontrávamos em situação de vulnerabilidade, e de risco, a prática educativa principal foi uso da arte como forma de aproximação afetiva meio ao isolamento social, já que nos encontrávamos no sistema remoto de ensino, e a preocupação com a saúde mental dos estudantes, expressando e compartilhando as emoções, bem como, o reconhecimento e a valorização do papel da arte e da cultura como fortes agentes da educação de jovens e adultos. A releitura de obras de arte é uma prática comum nas escolas, porém, desta vez os estudantes usaram o próprio corpo como forma de expressão, tornando-se imagens vivas dos próprios sentidos, buscando referências pessoais de obras de arte que refletem raízes culturais, identidades, diversidades de saberes, sejam eles, religiosos ou artísticos, e conhecendo novas obras, se permitindo experimentar nas diversas linguagens da arte como no caso o teatro, a medida em que se colocavam na situação de um personagem com figurinos, maquiagem, adereços, gestos e expressões faciais. Buscou-se valorizar as manifestações pessoais de cada estudante revelando a diversidade cultural na unidade escolar do Cieja

Sapopemba/Vila Prudente, de matrizes africanas e indígenas que permeiam a cultura nordestina, sertaneja e urbana.

JUSTIFICATIVA

O ano de 2020, certamente ficará marcado na História da humanidade, pois neste ano o mundo ficou perplexo com a chegada do novo coronavírus, causando medo, insegurança, incertezas, solidão e mortes por todo território mundial. Diante desta pandemia, costumes, culturas, visões de mundo, relações e projetos sofreram um forte abalo, o que nos levou a necessidade de se reinventar e de nos renovar para que não deixássemos de acreditar em um mundo humanizado, baseado na empatia, tolerância, respeito e nas diferentes formas de amor, e assim não perdermos a fé na possibilidade de construirmos um mundo melhor e mais humano.

Foi neste contexto que a educação também teve que se reinventar. Todas as instituições educacionais passaram a repensar o fazer pedagógico e assim desenvolver ações que fossem significativas, inclusivas e que contemplassem as necessidades e anseios dos educandos na unidade educacional (CIEJA Sapopemba/Vila Prudente), seguimos todos os protocolos de saúde, mas de forma alguma o distanciamento afetivo e humano, tornando-se nosso foco principal.

Foi neste contexto crítico diante de tantas dificuldades para todos que começamos a refletir sobre nosso papel como educadores e nosso compromisso com nossos estudantes e baseando-se nestas reflexões nasceu o projeto “Releituras” tendo a arte como eixo central, pois ela nos possibilita uma relação mais profunda com o mundo, com o outro e consigo mesmo, nos ajudando a refletir sobre nossos dramas humanos e superar as dificuldades impostas pela vida.

Neste projeto os educandos realizaram releituras riquíssimas de obras de arte, fazendo uso de seus próprios corpos como forma de expressão. O resultado do projeto nos mostrou que a necessidade da arte não é de escapar da triste realidade que nos envolvia naquele momento ou minimizar o sofrimento, mas sim de valorizar a vida, ser, existir, pertencer, ressignificar e nesse período de isolamento social, nos aproximar emocionalmente e aflorar nossa empatia.

O mundo parou e ninguém podia adentrar no território do outro, fronteiras se fecharam, isolamento social, um contexto inimaginável, entramos em quarentena e passamos a viver uma realidade desconhecida e assustadora. Com o fechamento das escolas buscamos uma forma de adentrar no território

dos educandos, porém, não o de levar simplesmente a escola para dentro de suas casas, mas sim ressignificar as formas de aprendizagem, buscar novos olhares, já que todos nós, educandos e educadores, estávamos entrando em novos territórios, então a preocupação maior foi de nos aproximar mesmo que virtualmente e compartilhar nossos sentidos e angústias vividas na pandemia, pois acreditamos que enquanto houver vida, haverá arte, a qual nos moverá sempre à um caminho melhor, humanizado e inclusivo.

OBJETIVOS

- Valorizar a cultura e o poder de expressão dos estudantes possibilitando um reencontro com eles próprios e com seus valores sociais e pessoais, resultando na reafirmação da sua identidade.
- Contribuir substancialmente para a abertura das comportas do mundo, do humano e do social. Usando a arte como meio indispensável para a união do indivíduo com o todo, compartilhando experiências individuais.
- Produzir, difundir e promover o intercâmbio de ideias, criações, experiências e conhecimentos nas diversas expressões das artes.
- Permitir a expressão das emoções e desenvolver a capacidade criadora como meio de alcançar o objetivo de aproximação afetiva.
- Desenvolver competências socioemocionais e habilidades da inteligência emocional para saber como lidar em situações difíceis.
- Compartilhar os sentimentos com o objetivo de identificação como seres coletivos, desenvolvendo a empatia, solidariedade e humanidade.
- Possibilitar novas formas de ver a realidade usando elementos de leitura de imagem e como forma de expressão artística promover uma experiência estética que reflita a atualidade.
- Ampliar o repertório cultural e valorizar saberes dos estudantes que reflitam a cultura de paz, religiosidade, matrizes africanas, indígenas, assim como valorizar as manifestações culturais nordestinas, sertanejas e urbanas, especialmente atento aos conceitos de racismo, sexismo nos contextos sociais, valorizando as diversas formas de expressões.
- Permitir a democratização da informação e o uso de novas tecnologias considerando a circunstância de ensino a distância, desta forma, a familiarização com recursos de celular, fotografia, vídeos e arquivos digitais.
- Compartilhar trajetórias de vida pessoal ou familiar, relacionar textos com ilustrações e outros recursos gráficos. Ler textos que façam uso de linguagem não verbal.

PÚBLICO-ALVO

690 estudantes do ensino de jovens e adultos, com faixa etária de 18 aos 70 anos. Foram envolvidas as turmas do ensino fundamental I, módulos I, II e III que equivale ao ensino fundamental até o 9º ano.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Alice Amorim, Angela Marques, Alexandre Almeida, Alan Nicolaev, Cleonice Ferraz, Edson Alves, Marcelo Silva, Ricardo Perez, Vania Cristina, Andreia dos Reis, Silvania Garcia, Francisco Alvanter e Marlene Morais.

METODOLOGIA

A experiência estética conforme John Dewey é verdadeira quando passa pelas formas de ver e ouvir como geradoras de atenção e interesse, e que podem ocorrer tanto a uma dona de casa regando as plantas do jardim quanto alguém que observa as chamas crepitantes em uma lareira, ou seja, a arte colocada num pedestal e distante das pessoas não era nosso alvo, aquela tida como erudita considerada para poucos não atendia o objetivo de atingir os sentidos dos estudantes.

Por meio de diferentes linguagens da arte como as artes visuais, artes cênicas e música, este projeto propôs estabelecer laços afetivos entre estudantes e educadores diante do atual contexto vivido. Uma aproximação emocional que norteia a proposta em que os estudantes possam expressar seus sentimentos diante das incertezas, angústias e ansiedade por meio de releituras de obras de arte usando seu próprio corpo como forma de expressão.

Devido ao novo cenário da Covid-19, os educadores repensaram seu saber e fazer pedagógico, visando a permanência e continuidade dos educandos no âmbito educacional, tendo em vista que em sua maioria são adultos, mantenedores de suas famílias e se deparando com dificuldades diversas, inclusive a pouca afinidade com as tecnologias digitais. Esse sentimento de insegurança com o desconhecido que envolveu nossos territórios nos moveu frente a essas novas fronteiras e desafios.

A arte é indispensável para o indivíduo se conectar ao todo, e compartilhar esses sentimentos é fundamental na construção de perspectivas e novas formas de ver o mundo. Com esta proposta de releituras de imagens usando o próprio corpo como forma de criação, os estudantes puderam se colocar

de outra forma, sentir-se e pensar sob uma nova ótica. A medida em que se colocavam com figurinos diferentes, maquiagens, adereços, buscando novas formas de se comunicar com o corpo, de usar a expressão facial, os estudantes e educadores tiveram a oportunidade de se reconectar com sentimentos em comum, se redescobrimo como seres coletivos e não mais sozinhos.

É inerente ao ser humano o desejo de compartilhar seus sentimentos, expressar suas emoções, e se tratando do surgimento de um vírus desconhecido que deixou todos inseguros com relação a própria vida, o desemprego, a fome, o isolamento social, a violência doméstica, aumento de moradores de rua, empresas entrando em falência, as fronteiras entre países se fechando, então, diante desse caos, este projeto veio por meio da arte procurar expressar essas angústias, se aproximar nesse novo território virtual e trazer um respiro a nossas vidas. Como seres coletivos nos encontrávamos sozinhos e a arte foi o meio indispensável para aproximar o indivíduo ao todo e se reconectar mais seguro consigo mesmo.

É importante ressaltar que o projeto esteve em consonância com os objetivos de aprendizagem do currículo da cidade e das trilhas de aprendizagem do município de São Paulo. Assim, os estudantes fizeram leituras de imagens que retratam períodos de pandemias que o mundo já passou no decorrer da história da humanidade, desde pestes bíblicas, período medieval como a peste negra, até as mais atuais como a Aids e o novo Coronavírus. Como linguagem híbrida, a atividade foi pensada de modo a desconstruir o ensino de arte tradicional, desta forma, a ideia não era que os estudantes desenhasssem suas releituras, mas que usassem o próprio corpo para representar a pintura escolhida, usando a tecnologia da fotografia digital com técnicas de jogos teatrais como as imagens vivas, em que os atores utilizam fotografias para criação de cenas.

CRONOGRAMA

Maio: Contextualização histórica: Levantamento por meio de obras de arte sobre pandemias que assolaram o mundo, contendo uma linha do tempo registrada por diversos artistas em cada período. Fruição de obras de arte e leitura de imagens: Gravação de vídeos pelos educadores para explanação da aula por meio remoto. Uso de tecnologias digitais e assistentes remotos para teleconferências, e diversas ferramentas tecnológicas para a facilitação da comunicação entre educadores e educandos, como celular e mídias sociais. Definição de “Releitura”: Várias possibilidades de criação artística como ato de reler, ou ler de outra forma uma obra de arte sem fazer cópia, mas

criando a própria mensagem por meio de outra. Ideia de continuidade e obra aberta que pode ser realizada em diversas linguagens como, visuais, dança, música, teatro, performance etc. Sugestão de obras de arte com acervo de livre escolha dos educandos para realizar a própria releitura usando o corpo, figurinos e adereços. Orientação sobre as fotografias e as escolhas de imagens que podem ser usadas do acervo sugerido pelos educadores ou de livre escolha dos educandos.

Junho: Montagem de um vídeo com trilha sonora contendo todas as releituras dos educandos e educadores. Exibição do vídeo em teleconferência com aula aberta e presença dos educandos.

Agosto: Área de ciências da natureza. Saúde mental. Depressão. Vírus e vacina. Alimentação saudável. Obesidade.

Setembro: Ciências humanas. Contexto econômico e de que forma a pandemia afetou os países mais pobres e mais ricos. As relações comerciais. Fechamento de fronteiras. Comercialização de produtos. Poder de compra e comportamentos culturais.

Outubro: Linguagens e códigos, importância da saúde mental e inteligência emocional para lidar com situações difíceis. A música paciência de Lenine. Texto do filósofo indígena Ailton Krenak falando sobre o capitalismo e a forma como o homem perdeu a habilidade de contemplação. Os diferentes gêneros textuais. Interpretação e leitura.

Novembro de 2020: No fundamental leitura e interpretação de textos curtos sobre a pandemia, diferentes gêneros de leitura sobre saúde mental com vídeos em links pelo “youtube”. Atendimento Educacional Especializado na perspectiva do desenho universal da criança.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

No primeiro momento o professor Alexandre Almeida e a professora Marlene Ferreira na disciplina de arte levantaram diferentes períodos históricos em que a humanidade passou por pandemias que assolaram o mundo e de que forma a arte refletiu essas crises sanitárias, desde períodos bíblicos, peste negra, gripe espanhola até o atual novo coronavírus. Com as obras de arte, os estudantes realizaram leituras comparativas refletindo cada momento histórico, as formas de expressão e comunicação das obras finalizando com a atual pandemia e a como os artistas estão refletindo esse momento.

Então a contextualização histórica é o ponto de partida na construção da atividade que se inicia por períodos registrados pelas obras de arte em que houve pandemias de proporções parecidas a que vivemos atualmente, como

a pintura “Santa Rosália intercedendo pela Palermo, cidade italiana atacada pela peste”, obra de (1624) Anton Van Dick. instauração da lei marcial “A quarentena”. Obrigado a ficar de quarentena, teve a mesma reação de qualquer fotojornalista contemporâneo: registrar o que estava a acontecer perante os seus olhos. A Peste dos Filisteus em Ashod (1661), de Pieter Van Halen, que recriou a história de uma pandemia antiga, narrada no Velho Testamento. Ignorância = Medo/Silêncio = Morte (1989), de Keith Haring. Poster icônico na produção do artista americano que revela uma versão do popular adágio “Não ver, não falar, não escutar”, pontuado pelo triângulo cor de rosa, símbolo LGBT concebido nos anos 1980. Centrado na defesa dos direitos da comunidade LGBT e na consciencialização dos efeitos da pandemia de HIV. Finalizando com produções atuais de artistas contemporâneos como Kobra que usou o grafite para retratar a pandemia do novo Coronavírus.

No segundo momento foi trabalhado o conceito de releituras de obras de arte por meio de canais eletrônicos como o celular, que contribuiu muito na comunicação com os educandos no envio de acervos de obras, vídeos explicativos, chamadas de vídeos e áudios. Estudantes com dificuldade de escrita, por exemplo, puderam gravar áudios como estratégia de participação enviados para o celular dos educadores. O uso da tecnologia foi essencial nesse momento, já que, estudantes e educadores tiveram que se reinventar e aprender a lidar com programas de computador e aplicativos de celular na edição das imagens, dos vídeos, formatos, cores, sons e músicas.

Utilizando linguagens híbridas da arte, como visuais e artes cênicas, os educandos criaram releituras de obras de arte usando a fotografia como material de registro, comunicando suas emoções, ideias e interagindo com demais colegas e educadores. A atividade prática apoiou-se em técnicas de releituras de imagens vivas utilizadas com frequência no teatro, assim, os estudantes usaram o próprio corpo para a criação. Cada estudante escolheu a obra que mais dialogasse com ele naquele momento para reproduzir sua ideia, usando, figurinos, adereços, maquiagem etc.

Os educadores disponibilizaram um acervo de obras de arte ficando de livre escolha para os educandos, contando ainda com a possibilidade de o educando não escolher nenhuma imagem sugerida, mas escolher a imagem na internet que mais comunicasse suas emoções, ou que mais representasse a sua própria imagem e história. Após a escolha da imagem, o educando fez a releitura tirando uma fotografia com ajuda dos familiares, reproduzindo a imagem nos gestos, expressão facial e figurino.

Desta forma os estudantes puderam desenvolver o olhar crítico de obras de arte em suas variadas formas de comunicação de ideias. O objetivo foi de-

envolver o olhar empático, se autoconhecer e se reconhecer como sujeitos ativos na construção histórica e social. Em diferentes períodos da história a humanidade passou por períodos de crise como essa que estamos vivendo. Nas guerras, revoluções, epidemias, a arte sempre refletiu esses períodos na sua forma genuína de contar a história. Assim os estudantes entraram em contato com essas experiências por diferentes formas, além de desenvolver o olhar empático com o próximo, sentir e respeitar a dor do outro e se ver como um ser humano que também possui suas dores capaz de ajudar e junto com o outro encontrar novos caminhos para realidade. É imprescindível entender a arte não como uma fuga da realidade, mas como uma forma de pertencer a ela, ser e existir. Refletir sobre a condição de ser humano e nossa infinita capacidade de transformação.

À medida em que cada estudante buscou se identificar com as imagens oferecidas pelos professores, eles também buscaram encontrar sua própria imagem na internet para expressar de forma individual seus sentimentos. Esta busca individual reflete saberes culturais com vivências diversas, pois cada estudante buscou representar suas experiências pessoais na escolha da imagem que mais dialogava com ele naquele momento. As expressões artísticas como lugar genuíno de comunicação das emoções possibilitaram releituras surpreendentes dos estudantes, que revelavam grande capacidade de expressão e compreensão dos códigos simbólicos da arte. A recriação de obras por meio da expressão corporal, uso de figurinos e adereços, bem como a expressão facial integra-se a linguagem do teatro que foi incorporado para compartilhar as mensagens com o coletivo.

A cultura de paz surgiu conforme os estudantes enviaram suas releituras reforçando esses saberes críticos, políticos e estéticos que refletiam suas lutas pessoais como o racismo, cegueira social, diversidade, inclusão, escolhas que também foram reforçadas por depoimentos pessoais dos estudantes. A religião está presente nas releituras quando o estudante escolhe pinturas com anjos e santos, e religiões de matrizes africanas, portanto, escolhas que mobilizam conhecimentos e saberes culturais.

Para realizar as releituras alguns estudantes buscaram ajuda dos familiares na construção da atividade criativa para a escolha dos figurinos, adereços e principalmente ajuda para tirar a fotografia conforme a obra escolhida, mobilizando olhares na direção cênica, na expressão facial, nas cores das roupas, posição do corpo, das mãos. Famílias inteiras saíram nas releituras, como foi o caso da escolha de uma estudante imigrante angolana, Bibiana Funa, que se identificou com a obra “A Família” de Tarsila do Amaral e incluiu todos seus filhos para fazer a releitura. Em outras releituras alguns estudantes incluíram

seus netos para compor pinturas com anjos e santos, ou colocando mantos sobre a cabeça reforçando saberes da religiosidade pessoal. Bem como a afirmação na identificação na escolha de representações das raízes indígenas.

Destacamos aqui a importância deste projeto no processo de aproximação familiar, pois vivíamos um momento de grande depressão e estas ações de pesquisa e de envolvimento dos membros das famílias no projeto, levou de certa forma à momentos de distração, de afeto, de carinho, de alegria e de troca de conhecimentos entre os envolvidos nas releituras. Conforme o trabalho foi se desenvolvendo foram surgindo outros desafios no qual os educadores precisaram trocar informações e se apoiar nos encaminhamentos dos estudantes que apresentaram casos graves de depressão oriundos de perda de emprego, violência doméstica, fome, assim, contamos com parceiros fora do território da escola para nos apoiar, tal como instituições que acolhem e ajudam mulheres com problemas de violência no lar, atendimento de psicólogos, e levantamento de cestas básicas para as famílias.

Na área de Ciências da Natureza, por exemplo, a professora Cleonice Ferraz desenvolveu a questão da saúde mental, índices de depressão em países subdesenvolvidos devido ao desemprego e o aumento da miséria da população. A obesidade foi trabalhada pelo viés da alimentação saudável e estatísticas que apontam o aumento de peso da população durante a quarentena, bem como o sedentarismo, pois com academias e espaços públicos fechados, as pessoas deixaram de se exercitar, e muitos trabalhadores passaram a fazer o trabalho em casa de forma remota diminuindo a movimentação física e se alimentando de forma errada. Outro ponto desenvolvido foram as dores de crescimento em adolescentes, vírus e a importância da vacinação, diferença das terminologias entre epidemia, endemia e pandemia.

Na área de Matemática o professor Marcelo desenvolveu gráficos, percentual de contaminados comparando regiões da cidade de São Paulo com maiores índices de contactantes, curados e mortos, reforçando o alerta para os estudantes, pois, na região Sapopemba, local de moradia desses estudantes, constatou-se o maior número de contactantes, e nesse sentido o trabalho desenvolveu-se no caminho da prevenção e cuidados diários. A Tabulação de quantos casos na família, levantamento de números de infectados, curados seguiu em gráfico comparativo com regiões com menores índices de contaminação, constatando que a população mais pobre era que estava sentindo maior o efeito da pandemia. A questão do desemprego foi mostrada em gráficos ilustrando quantos foram trabalhar na informalidade, fazendo um comparativo com o grau de escolaridade e situações de extrema pobreza.

CATEGORIA IV – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Já na área de Ciências Humanas, o professor Alan Nicolaev trabalhou o contexto econômico e de que forma a pandemia afetou os países mais pobres e mais ricos. As relações comerciais que também foram afetadas com fechamento de fronteiras, prejudicando a comercialização de produtos, o efeito que isso causou na população, no poder de compra e comportamentos culturais que levaram as pessoas tomarem atitudes extremas, as vezes absurdas, as relações internacionais diante da produção de vacinas e comércios exteriores.

Em Linguagens e códigos, a professora Alice Amorim desenvolveu poemas sobre depressão durante a pandemia e a importância da saúde mental e inteligência emocional para lidar com situações difíceis. A música paciência de Lenine fala justamente da importância de parar e se escutar meio a loucura do mundo, enquanto estão buscando a cura e o mundo está enlouquecido, dançar uma valsa e contemplar a vida, que foi reforçado com um texto do filósofo indígena Ailton Krenak falando sobre o capitalismo e a forma como o homem perdeu a habilidade de contemplação. Os diferentes gêneros textuais completaram a atividade com exercícios de interpretação e leitura.

No fundamental I as educadoras Vania Majoral e Sylvania Garcia desenvolveram a leitura e interpretação de textos curtos sobre a pandemia, diferentes gêneros de leitura sobre saúde mental com vídeos em links pelo “youtube”, bem como áudios e vídeos chamadas. E a professora Ângela Marques de Atendimento Educacional Especializado que contemplou todos os estudantes numa prática inclusiva, acolhedora e de muito acompanhamento individual na perspectiva do desenho universal da criança.

Importante destacar que as ações foram mais limitadas devido à crise sanitária, por isso, tivemos que usar de outras ações para respeitar os protocolos de saúde, foram sugeridos vídeos curtos de “youtube”, filmes. E que apesar das dificuldades, o contexto geral ficou fortemente marcado pela diversidade, surgindo questões como imigração, identidade afro-brasileira, identidade indígena, a questão da mulher, inclusão social.

A finalização das atividades se deu com um vídeo editado com trilha sonora, contendo todas as releituras dos estudantes bem como a dos educadores. Porém, o projeto não finalizou com o vídeo, já que ele foi disponibilizado e divulgado, após autorização de uso de imagem de cada estudante, em canais de comunicação e mídias sociais, bem como, reprodução em canais de comunicação da Prefeitura de São Paulo, reuniões em “lives” com educadores e educandos. Repercutindo ainda em “lives” apresentadas pelo coordenador Francisco Alvanter Beltrão realizada pela SME e pelo educador Alexandre Almeida Pereira em formação na DRE São Matheus.

Destacamos ainda que o Projeto Político Pedagógico da unidade CIEJA Sapopemba sempre valorizou o desenvolvimento de ações que utilizam as diversas linguagens da arte como forma de contextualização histórica e desenvolvimento da reflexão crítica, valorização cultural, e fortalecimento da identidade, considerando a realidade e o território desses estudantes que em sua maioria vem do nordeste brasileiro, no qual, não tiveram a oportunidade de escolarização por diversos motivos, e hoje buscam uma qualidade de vida veio à vulnerabilidade social em que vivem. O reconhecimento dos saberes prévios dos alunos é primordial na educação de jovens e adultos, que prevê uma educação integral, inclusiva e humanizadora.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados apontam para a importância do desenvolvimento coletivo das atividades na comunidade escolar que despertou um processo de construção cultural e percebemos, sobretudo, a valorização da identidade, talentos, aspectos culturais e sociais. Ressalta-se também que a aprendizagem em arte, norteadas por princípios pedagógicos comprometidos com a educação integral do sujeito, numa dinâmica que transitou pelas necessidades internas, integrando emoção, intuição, memórias, percepção e imaginação. Dessa forma, o projeto constituiu-se como autêntico exercício da expressividade, da alfabetização estética e da criticidade.

O projeto visou o compartilhamento das dificuldades vividas entre estudantes e professores no período inicial da pandemia. Desta forma, o projeto de arte surge como maneira de incentivar a aprendizagem no uso de novas tecnologias e o estímulo por meio da arte na participação das atividades possibilitando a expressão dos sentimentos. A unidade conta com 690 alunos no qual foram realizadas cerca de 500 releituras de obras de arte.

O projeto considerou principalmente esses novos territórios devido a realidade vivida pelos estudantes com a pandemia da Covid-19. A busca não foi de levar a escola para dentro da casa deles sem articulação com essa nova realidade, sem dialogar e escutá-los em suas necessidades. Cada estudante expressou suas emoções nessa pandemia e pôde compartilhar sua realidade, se ver como indivíduo participante de um coletivo, que não está sozinho, mas que pertence a um grupo de pessoas que estão passando pelos mesmos problemas e angústias. Ao ampliar essa visão, o estudante teve a oportunidade de se recriar, apoiar outras pessoas que estavam passando por sentimentos semelhantes, e construir um novo olhar sobre seu próprio território.

DEPOIMENTOS

“Eu da moça do quadro e nome, Mulata na janela (Di Cavalcanti. 1926), parece uma moça esperando alguém na janela e pensando na vida. Eu achei que ia ser mais difícil, mas meus filhos me ajudaram.”

Neide, 3ºE

“Para fazer minha releitura com esta foto eu quis mostrar que mesmo usando lentes ou óculos existem pessoas cegas mentalmente ou fingidas que fazem questão de não ver aquilo que está bem na sua frente. Existem pessoas que sabem muito bem o que essa pandemia mundial significa, mas fingem não saber, e com isso acabam fazendo um tipo de narcisismo, gerando uma tortura indiretamente, mas que na verdade nos força de certa forma a ficarmos exilados dentro de nossa própria residência. Por isso eu escolhi esta foto.”

Katiane, 3ºD

“Eu gostei muito de fazer essa releitura porque trouxe uma imagem diferente de mim mesma, o lenço no cabelo, uma coisa bem diferente da maneira que eu me visto. Hoje para mim foi uma experiência incrível.”

Vanusa, 3ºE

“Um momento de silenciamento interior e autorreflexão diante da existência e dos múltiplos sentidos da linguagem artística.”

Professor Alan Nicolaev

**CATEGORIA IV –
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

2º LUGAR

Projeto:

Rádio de Bitita

Unidade Educacional:

EMEF Infante Dom Henrique

Responsáveis:

**Fabiana Raposo Ribeiro, Gabriela Rauseo Garcia,
Gabriel Vicente França e Rodrigo Ferrari Baglini**

RESUMO DO PROJETO

A Rádio de Bitita, com episódios em forma de podcast, busca transformar o território e aprofundar o Projeto Político Pedagógico da escola. Para isso, contou com a participação de estudantes, docentes e familiares em sua produção. Os resultados vão além do uso pedagógico dos episódios, tendo havido estreitamento dos laços com a comunidade e aumento do número das matrículas na EJA.

JUSTIFICATIVA

No contexto de pandemia em que fomos inseridos, a partir de março de 2020, os estudantes da EJA ficaram totalmente marginalizados nos processos de ensino e aprendizagem, pois as tecnologias digitais que foram pensadas como suprimento para a “continuidade” das aulas não atingiam a realidade social do grupo atendido pela escola. Tendo em vista que, como educadores, acreditamos em uma educação democrática, libertadora e que possibilite à todas e todos a emancipação das correntes que sufocam os oprimidos, colocamos-nos em ação para possibilitar que a educação que acreditamos pudes-

se estar ao alcance de nossos educandos sem pensar que, em pouco tempo, ela alcançaria territórios ainda mais distantes.

Objetivando atender às necessidades dos estudantes da EJA durante o período de distanciamento, percebeu-se a importância de criar um canal de comunicação efetivo, que alcançasse e que pudesse esclarecer possíveis dúvidas sobre variados temas. E, além disso, pudesse ser também uma ferramenta potente de ensino e de construção coletiva de conhecimento. Diante das dificuldades de acesso ao mundo informacional/internet, observou-se que um considerável grupo de estudantes da EJA tinha acesso apenas ao aplicativo WhatsApp e que uma das maneiras mais eficientes encontradas por eles para se conectarem ao mundo era através de áudios, pois muitos ainda estavam em processo de alfabetização.

Com isso, um grupo de professores e professoras da EJA decidiu utilizar (a partir daquilo que os alunos já tinham em mãos) mensagens de áudio como recurso de ensino e de aprendizado, pois se mostrou uma ferramenta de promoção e inserção em discussões que validavam o seu cotidiano e respondiam aos seus interesses, pois como muito bem nos ensinou Freire (1998) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Logo, tendo em conta a realidade que estava posta, os primeiros áudios tinham o simples objetivo de informar os educandos sobre questões relativas à escola e à pandemia da Covid-19 que começava a impor seus primeiros desafios à comunidade.

Segundo Briggs e Burke (2004) citado por Barros e Menta (2007), uma parte da população transfere-se diretamente da transmissão de informações e conteúdos orais e pessoais para o rádio e a televisão, não experimentando o texto escrito. Com isso, a cooperação do rádio e do *podcast* torna-se uma oportunidade para análise formal e compreensão de escrita do mundo. A educação tem como um dos pilares a necessidade de promover o diálogo entre as diversas áreas de conhecimento, os diferentes grupos sociais e incluir os setores relacionados com o trabalho, a saúde, o meio ambiente e a cultura, respeitando a especificidade de seus sujeitos, suas experiências de vida e uma maior participação na vida social.

A convergência de mídias também incentiva notícias em formato cross-media, ou seja, o desenvolvimento de conteúdos por meio de múltiplas plataformas e canais. Quanto mais integralmente os consumidores explorarem as possibilidades da convergência orgânica, mais os produtores de conteúdo usarão diferentes meios para comunicar variados tipos e níveis de informação, escolhendo a mídia que mais apropriadamente atenda ao conteúdo e às necessidades do seu público. (MARINHO et al., 2009, p.6)

A partir das referências dispostas, faz-se necessário integrar cada vez mais a educação a um universo de convergência digital para a aprendizagem, utilizando ferramentas disponíveis e, sobretudo, acessíveis para o público que irá produzir e consumir o produto.

Considerando também que a Matriz de Saberes do Currículo da Cidade tem como propósito formar cidadãos éticos, responsáveis e solidários que fortaleçam uma sociedade mais inclusiva, democrática, próspera e sustentável, crianças, adolescentes, jovens e adultos devem aprender e desenvolver ao longo do seu processo de escolarização:

1. O pensamento científico, crítico e criativo;
2. Utilizar as múltiplas linguagens, como: verbal, verbo-visual, brincadeira, artística, científica, tecnológica e digital para expressar-se;
3. Partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo, para exercitar-se como sujeito dialógico, criativo, sensível e imaginativo, compartilhar saberes, reorganizando o que já sabe e criando novos significados, e compreender o mundo, situando-se e vivenciando práticas em diferentes contextos socioculturais;
4. Agir com autonomia e responsabilidade, fazer escolhas, vencer obstáculos e ter confiança para planejar e realizar projetos pessoais, profissionais e de interesse coletivo;
5. Acessar produções culturais e suas experiências emocionais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais, a partir de práticas culturais locais e regionais, desenvolvendo seus conhecimentos, sua imaginação, criatividade, percepção, intuição e emoção.

Assim, o desenvolvimento de uma rádio (ou de um *podcast*) é uma ótima oportunidade para estabelecer diálogo com (e entre) os alunos, que podem (e devem) participar dos episódios, amplificando suas vozes, suas experiências, dentro e fora da escola, além de tratar de temas específicos da comunidade escolar e que constroem a identidade do lugar, possibilitando o enriquecimento curricular.

OBJETIVOS

- Reconhecer o protagonismo do estudante da EJA a partir da valorização das histórias individuais;
- Valorizar o conhecimento prévio do estudante da EJA como elemento de ampliação do currículo;

CATEGORIA IV – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

- Amplificar as vozes dos integrantes da escola e do território, tratando de temas gerados a partir da nossa comunidade e que constroem a identidade do lugar;
- Inserir os estudantes da EJA em espaços de aprendizagem digital;
- Desenvolver uma nova forma de comunicação e possibilitar novos recursos pedagógicos;
- Produzir material de qualidade que possa circular dentro e fora da escola, discutindo temas importantes e contando com a participação dos alunos;
- Criar ferramentas acessíveis de aprendizagem assíncrona;
- Construir um letramento digital a partir de informações buscada em diversas fontes.

PÚBLICO-ALVO

O projeto foi desenvolvido para o público da Educação de Jovens e Adultos da nossa escola, formado por duas turmas de Alfabetização Inicial, uma de Alfabetização Básica, uma de complementar e duas de Anos Finais. Envolveu, aproximadamente, cem estudantes e suas famílias, na faixa etária de 16 a 75 anos de idade.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Carolina Cortinove Tardego, professora de Ens. Fundamental 2 e Médio – Arte; Eodete Ferreira da Silva, professora de Ens. Fundamental I – EJA; Fernanda Zientara do Nascimento, professora de Ens. Fund. 2 e Médio – Língua Portuguesa; Jéssica Silva Salomão, professora de Ensino Fundamental 2 e Médio - Inglês; Lucas Rech da Silva, professor de Sociologia e pesquisador de Educação; Marcela Pires Ferreira Novaes da Silva, professora de Ens. Fundamental 2 e Médio – Arte; Ricardo Ishiyama Martins, professor de Ens. Fundamental 2 e Médio – História; Rosângela Mara Galvani Parlamento, professora de Ens. Fund. 2 e Médio – História; e Suzana Cristina Andrade Moura, professora de Ens. Fund 2 e Médio – Língua Portuguesa.

METODOLOGIA

Etapa 1: Coleta de dados - Escuta das necessidades dos estudantes da EJA, por meio da participação nos grupos de Whatsapp, seleção das temáticas e demandas mais urgentes e alinhadas ao Currículo da Cidade.

Etapa 2: Composição das pautas - convite aos estudantes a participarem com relatos e depoimentos gravados; curadoria e pesquisa para complementar os temas; escrita, organização e edição do material coletado.

Etapa 3 - Publicação - Disparo do episódio da Rádio de Bitita nos grupos dos estudantes e da escola, bem como em plataformas digitais de áudio.

Etapa 4: Monitoramento dos resultados de acordo com os comentários dos estudantes, famílias, professores e comunidade, bem como a partir do número de visualizações e compartilhamentos nas redes sociais.

CRONOGRAMA

As atividades acima elencadas foram realizadas a partir de março de 2020 e ainda estão acontecendo, com aprofundamento a partir do retorno gradual às aulas presenciais e do ensino híbrido.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Para a realização da Etapa 1 deste projeto, os professores e professoras envolvidos levantam frentes de discussão e escuta em seus grupos de estudantes, seja de forma remota ou presencial. A partir das falas da comunidade, em reuniões semanais, presenciais ou *online*, listamos os assuntos vindos das demandas do cotidiano e que podem ser abordados pelos episódios da rádio. Buscamos aqueles que mais conversem com a realidade dos nossos alunos e que sejam urgentes de discussão, que estejam alinhados ao Currículo da Cidade e ao projeto Roteiros de Aprendizagem. Lançamos ideias, dividimos o trabalho e elaboramos um plano inicial de execução do episódio, definindo as pessoas envolvidas e datas de publicação.

Ainda divididos em frentes de trabalho, continuamos as discussões e executamos as tarefas da Etapa 2: pesquisa, escrita do roteiro, contato com possíveis participantes do episódio (alunos, professores ou outras pessoas que possam contribuir com a discussão). É nesta etapa que professores, estudantes e convidados escrevem o roteiro de forma colaborativa, acessando arquivos compartilhados e trazendo suas contribuições, bem como realizando a revisão e a apreciação do conteúdo criado. Com o fechamento do texto, os participantes gravam seus áudios em seus smartphones ou computadores. Todo o material produzido é levado para a pré-edição e pós-produção do episódio, com a inserção das vinhetas, trilhas e efeitos sonoros, por meio do aplicativo Audacity.

Na etapa 3, que é a publicação do episódio, disparamos o áudio, hospedado em nuvem, e o *card*, produzido no Canva, com informações nos grupos das turmas no WhatsApp, nas redes sociais da escola, no Spotify e no Google Podcasts. As publicações são feitas uma vez por semana, todas as terças-feiras, às 19h.

Por último, o monitoramento dos resultados é feito na etapa 4, com a observação atenta dos dados de acesso nas plataformas e a partir da interação dos estudantes com o material que produziram e que receberam. Esse conjunto nos fundamenta para as escolhas dos temas da próxima semana.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação do projeto é uma ação contínua, que permeia todas as etapas de sua realização. Além do monitoramento de acessos nas plataformas digitais, é possível perceber o alcance e a identificação dos estudantes com os conteúdos abordados nos episódios por meio de comentários, interações e depoimentos emocionados da própria comunidade da EMEF Infante Dom Henrique/Espaço de Bitita.

Os objetivos do projeto vêm sendo alcançados de maneira satisfatória: a Rádio de Bitita trouxe espaço para a valorização das histórias e identidades dos estudantes da EJA, bem como o olhar crítico de toda a comunidade para as questões específicas do nosso território. Pautas como desemprego, precarização do trabalho, diversidade sexual e cultural, imigração e culturas foram colocadas em discussão pela própria comunidade.

Muitos professores que não estão diretamente envolvidos no projeto Rádio de Bitita, utilizam os episódios para as aulas nas turmas do ensino fundamental, mas os resultados vão além do uso pedagógico dos episódios, tendo havido estreitamento dos laços com a comunidade, aumento do número das matrículas na EJA, do acesso de pessoas transexuais ao sistema escolar e a criação de um núcleo de produção audiovisual na escola. Intencionamos dobrar o projeto da Rádio de Bitita e realizar transmissões ao vivo em eventos ou datas especiais e produzir outros tipos de mídias, como vídeos educativos, clipes, tutoriais e entrevistas e até o Canal de Bitita no Youtube, que já está sendo lançado.

Um projeto que nasceu em meio a adversidade da pandemia, mas que transcendeu os muros da escola. Hoje, muitas unidades escolares da DRE Penha e departamentos da SME buscam referências no trabalho desenvolvido para que essa estratégia seja multiplicada como ferramenta pedagógica.

DEPOIMENTOS

“Mesmo antes da pandemia, a escola Infante Dom Henrique tem cravado em seu projeto princípios inclusivos e de diversidade. Com o contexto pandêmico, surgiram novos desafios, um deles foi continuar o contato com os estudantes da EJA para garantir o direito à educação. Direito esse que foi objeto de luta do educador Paulo Freire e que tornou-se uma das bandeiras de nosso panorama educacional até os dias atuais. Para vencer esse desafio, a equipe gestora e professores criaram algo inovador utilizando-se de tecnologias acessíveis aos estudantes da EJA: a rádio de Bitita. Com isso, a comunicação, o acesso à informação e ao currículo foram possíveis e o projeto mostrou-se relevante em um momento delicado na vida desses educandos.”

Ailton Carlos Santos – Supervisor Escolar

“Bitita? Sim! Este é o nome, Rádio de Bitita, da EMEF Infante Dom Henrique da DRE Penha, mais conhecida como Espaço de Bitita, em homenagem a grande personalidade da nossa cidade de São Paulo, a Carolina Maria de Jesus. A equipe da Rádio de Bitita é composta por profissionais comprometidos com a educação de qualidade, voltados para os estudantes do Ensino Fundamental regular e para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A Rádio tem uma expressiva aceitação de toda comunidade escolar e uma adesão significativa do público da EJA, pois trata de assuntos relevantes e importantes para a vida dos jovens e adultos, trazendo conceitos que fazem os estudantes refletirem sobre seus aprendizados e seu papel em sociedade. A linguagem utilizada pela equipe de professores que elaboram a pauta e apresentam a rádio, é muito adequada e o episódios incentivam a participação dos estudantes. Esta ação potente, a Rádio de Bitita, contribuiu efetivamente para a participação dos jovens e adultos no processo de ensino e aprendizagem, seja no ensino remoto, quanto no ensino presencial. Todos os programas da Rádio de Bitita trazem conteúdos importantes para a formação integral dos estudantes e proporcionam momentos de reflexão para todos, em especial ao público da EJA. Que ações como esta, sejam multiplicadas a favor de uma educação pública de qualidade!”

Fernanda Depizzol – Assistente Técnico de Educação I – DRE Penha

“Ah, falar da Rádio de Bitita é falar de inspiração. Ano passado em meio ao enfrentamento da Pandemia, numa situação inesperada que se impôs de uma hora pra outra na Educação - aulas presenciais suspensas, alunos e Comunidade escolar afastados - vivi momentos de não saber o que fazer, qual caminho trilhar como Professora. E seguindo em busca de respostas, encontrei a indicação de um Podcast de uma escola. Por curiosidade ouvi. Vixi. O que era aquilo? Quem é que fazia um trabalho tão incrível e de arrepiar? E mais: como faziam? Eu não pude deixar

passar. Eu queria aprender fazer aquilo também. Mas...será que quem estava do outro lado, estava disposto a ensinar? Bora tentar. Busquei o contato de um dos Professores, liguei na escola, deixei meu contato e eis que recebi como retorno a ligação de alguém que agradeceu o reconhecimento do trabalho, os elogios que fiz e ali, na hora mesmo, já começou a me dar dicas. “Olha, o Projeto não é meu...É nosso, é da Comunidade de Bitita, eu não faço sozinho” foi a primeira e a mais linda coisa que ouvi.

Empenho, dedicação, trabalho colaborativo, turma inspirada, “gente que acredita em gente” foi o que encontrei. E não larguei mais. Perturbei pedindo dicas, rsrs, e arrisquei começar também. “Enfrente e em frente”. E por inspiração desse trabalho e desse grupo disponível em compartilhar, que nós na nossa escola iniciamos também um Podcast, uma Rádio! Trabalho que salvou nossos dias muitas vezes...trabalho que aproximou a comunidade da escola novamente, alunos de Professores. Um trabalho inspirado na Rádio de Bitita e nesse povo que acredita na Educação. Hoje, chamo eles de “padrinhos”. Por aqui seguimos a passos lentos, enfrentando barreiras, dificuldades, mas lembrando sempre do que ouvi do povo da “de Bitita”, que também contou o que passou. Porque eles dividiram os louros, as vitórias, os aprendizados e também os perrengues. Merecem sucesso...esse “sucesso” que eles acreditam: inspirar mais e mais pessoas.”

Ana Paula Faria – Professora na EMEF Coronel Romão Gomes

“Meu nome é Grácia Lopes Lima. Conheci a Rádio de Bitita, no segundo semestre de 2020, quando, como consultora pela UNESCO para a temática Educação, Comunicação em Saúde e Bem-estar, buscava programas de rádio já realizados nas escolas municipais, que servissem de inspiração para estudantes e professores participantes do Curso Imprensa Jovem online – estudante mediador dos ODS, da SME SP, criarem podcasts com usuários e trabalhadores do Sistema Único de Saúde das diferentes regiões da cidade. Desde os primeiros contatos para o convite, à apresentação da proposta dessa emissora da EMEF Infante Dom Henrique, num dos encontros virtuais do referido curso, foram ficando visíveis os motivos pelos quais a Rádio de Bitita mereceria maior atenção de minha parte. Vou destacar alguns deles, não como elogio, mas reconhecimento de um trabalho de qualidade peculiar. O primeiro diz respeito à escolha do nome da emissora, um misto de manifestação de carinho e, ao mesmo tempo, de indignação. Por um lado, a Rádio contribui para uma necessária revisão de valores, apontando a necessidade de reconhecermos talentos de pessoas como Carolina Maria de Jesus, apelidada de Bitita, escritora, compositora e poetisa brasileira - mulher preta, moradora da região empobrecida do bairro do Canindé. Por outro, serve também de repúdio ao nome oficial da escola Infante Dom Henrique, mais uma das tantas homenagens a representantes da história do

Brasil, marcada por exploração e massacre da maioria. Em suma, a simples opção por Rádio de Bitita reafirma uma das mais oportunas e acertadas afirmações de Paulo Freire: toda prática educativa é sempre um ato político, ou seja, de posicionamento, de recusa de estreitos e alienadores procedimentos burocráticos. Outro ponto que me impressionou - e não nego, agradei de imediato, foi saber que a Rádio de Bitita se originou da vontade e decisão de 4 professoras e três professores de diferentes áreas do conhecimento, de criarem um canal emissor que tornaria público a ouvidos mais atentos, o compromisso que têm com a educação pública, bem como a coragem de explicitar seu posicionamento sobre o atual contexto em que estão inseridos. Em vez da escolha pelo trabalho individual e heroico, não raro, um fardo pesado, é admirável a escolha por se constituírem como um grupo formado por membros de um mesmo corpo, mas sem que isso impeça o movimento individual e próprio de cada um deles. Isto posto, não poderiam ser outros os temas tratados nos podcasts. De forma destemida e não superficial, os programas aproximam os ouvintes de pessoas que precisam ser conhecidas, acolhidas e respeitadas; divulgam serviços, eventos culturais; tratam de questões candentes do meio ambiente e da saúde pública brasileira. Todos, enfim, em defesa de causas humanas, de cuidados para com o espaço e quem nele habita."

Grácia Lopes Lima - consultora pela UNESCO para a temática Educação, Comunicação e Saúde e Bem-estar

**CATEGORIA IV –
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

3º LUGAR

Projeto:

**A literatura como resgate do estudante
de EJA durante a pandemia**

Unidade Educacional:

EMEF Zulmira Cavalheiro Faustino

Responsáveis:

**Lizette Geny Monti, Vilma Barbosa Silva,
Berenice de Lima Gomes e Bruna Wysocki**

RESUMO DO PROJETO

Durante a pandemia de 2020, o projeto nasceu da necessidade de nos mantermos confiantes de que suportaríamos o desconhecido juntos e, assim, encontramos na leitura de textos literários o fio que nos conduziu ao fortalecimento e à convicção de que educadores eram capazes de aprender novas estratégias para continuar ensinando os educandos que, por sua vez, perceberam o quanto era possível serem inseridos num mundo letrado e decifrar os códigos da escrita.

JUSTIFICATIVA

Os alunos de EJA Alfabetização e Básica chegam à escola com baixa autoestima, autoconceito, autoimagem e autoeficácia. Suas histórias de vida, em sua grande maioria, trazem marcas profundas fazendo com que se desvalorizem e não percebam sua capacidade de conhecer e transformar a si mesmos e o mundo. Sentem-se excluídos dessa sociedade desigual e merecem a chance de recomeçar seus estudos sentindo-se plenos com eles mesmos. A

pandemia trouxe muitas dificuldades para esses alunos que já se sentiam tão incapazes em estar seguindo as aulas presencialmente, e mais ainda remotamente através da “internet”, como assim exigiu esse momento difícil com a Covid-19. O tempo todo achavam que não iriam conseguir. Suas considerações sobre si mesmos com falas negativas, tais como: “não vou conseguir porque sou burro”, “sou ruim da cabeça”, “minha cabeça não guarda nada”, “minha cabeça é fraca, professora”, entre outros adjetivos depreciativos demonstravam sua baixa autoimagem, autoestima e de autoconfiança, o que os desestimulavam a seguir em frente remotamente. Tínhamos uma grande missão pela frente: estimular esses alunos a não desistirem, por causa das dificuldades que encontravam para entrarem no Facebook, Classroom e MEET para as aulas *on-line*.

O projeto nasceu dessa necessidade de não deixar os alunos da EJA Alfabetização e Básica abandonarem a escola, uma vez que na pandemia eles estavam em ensino remoto emergencial. Através do perfil das salas foi traçado um trabalho diversificado e cultural envolvendo a leitura e a escrita focado nas suas origens, trajetórias escolares, experiências de vida.

Consideramos a literatura como um meio de proporcionar o autoconhecimento e capaz de nos desestabilizar para que possamos ressignificar nossas crenças e ideologias e de nos constituirmos como sujeitos mais tolerantes e solidários. Assim, através de vídeos no *Youtube*, gravação em áudio da leitura de textos literários transmitidos por WhatsApp e telefone e encontros virtuais via Google Meet, as leituras e atividades chegavam aos estudantes e proporcionavam reflexões sobre o ser e o estar no mundo e, principalmente, sobre as nossas relações sociais tão repensadas durante a pandemia. Todo este processo auxiliava no fortalecimento pessoal de nossos estudantes e na afirmação de que são capazes de aprender se envergando de maneira mais altruísta. A literatura foi um elo de união nas questões envolvendo a pandemia, seus medos e temores, além das mortes de familiares e foi o estímulo para compartilharem sentimentos, trocarem percepções e exporem angústias.

Nossas classes de EJA Alfabetização e Básica possuíam alunos silábicos, pré-silábicos, silábico alfabéticos e alfabéticos. Para que pudéssemos atender as particularidades de cada aluno como fazemos nas aulas presenciais no ensino remoto utilizamos a poesia com versos curtos que proporcionasse, através da melodia, a memorização e entendimento.

Com o intuito de ampliar o repertório cultural e literário dos estudantes, professores realizaram leitura de livros, contação de histórias, leitura compartilhada, escuta dos relatos de estudantes, saraus e, como finalização do projeto, organizaram uma apresentação *on-line* – a Ação Cultural - aberta à

CATEGORIA IV – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

comunidade em que os estudantes da EJA puderam declamar poesias demonstrando que conseguiram superar dificuldades ao experimentar o prazer de lerem com autonomia textos literários.

OBJETIVOS

- Garantir a leitura como direito inalienável do educando e fator de humanização;
- Promover o equilíbrio psíquico e social por meio da sensibilização do estudante no plano ético, estético;
- Incentivar a reflexão sobre a natureza, cultura e sociedade possibilitando novas leituras da realidade e desenvolvimento, indicando que a leitura de mundo precede a palavra e começa antes do contato com o texto e vai além dele garantindo o direito a plena cidadania;
- Proporcionar ao estudante de EJA Alfabetização e Básica que continuasse seus estudos no ensino remoto.
- Promover a valorização da arte e a cultura popular da qual o estudante faz parte;
- Incentivar as práticas de leitura e escrita;
- Levar o aluno a sentir-se pertencente como cidadãos da sociedade, do mundo e como fazedores de História.
- Utilizar a literatura como fonte de reflexões sobre a vida e um poderoso instrumento para entender o momento que estávamos vivendo;
- Desenvolver o prazer pela leitura e pela escrita de poemas;
- Desenvolver a habilidade oral;
- Fortalecer os laços do aluno de EJA com a escola, apesar de não ter aula presencial;
- Desenvolver a sensibilidade através das leituras de poemas;
- Conhecer alguns poetas, de estilos variados, e saber um pouco sobre sua vida e trajetória.

PÚBLICO-ALVO

41 alunos; 1ª etapa EJA alfabetização; 2ª etapa EJA básica; 23 a 79 anos

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Regiane Munhoz Caetano – coordenadora pedagógica; Sidiney Soares Pereira – diretor de escola; Tabata Ribeiro Felix Cardoso – assistente de direção; Maridalva Dos Santos – assistente de direção; Maria Elizabeth Goncalves Da Silva – professora módulo da EJA; Vilma Monteiro De Lima – professora orientadora de educação digital; Fagner Leitão de Menezes – professor orientador de educação digital; Carolina Juliana Dias De Souza – professora de Língua Portuguesa.

METODOLOGIA

- auxílio aos estudantes para entrarem nas plataformas digitais de forma individual e explicando todos os passos;
- leitura de textos literários pelas professoras e pelos alunos nos grupos de whatsApp, no meet e por telefone;
- encontros semanais online pelo Google Meet com contação de histórias e escuta dos estudantes;
- pesquisas de poemas e autores com a finalidade de leitura e interpretação no Google pelos alunos;
- interpretação dos poemas trabalhando a visão crítica do tema por todos os canais já citados;
- pesquisa e escolha dos haicais pelas professoras e estudantes em início de alfabetização e/ou com dificuldades na aprendizagem;
- pesquisa de poemas e autores com a finalidade de leitura e interpretação pelos estudantes.

CRONOGRAMA

FASE I - 10 de março a 17 de abril de 2020 - Seleção de materiais, livros e textos de gêneros diversos, em especial poemas, músicas e biografias levando em conta o que os estudantes pudessem gostar e se identificar.; - Ensinar e auxiliar os estudantes a utilizarem as ferramentas disponíveis para as aulas em ensino remoto: Meet, Classroom, Facebook e WhatsApp (com levantamento do número de celular de cada estudante para criar grupos).

FASE II - 18 de abril a 29 de maio de 2020 - Apresentação no ensino remoto (pelo Google Meet) de livros e textos de gêneros diversos, em especial poemas, músicas e biografias; - Contação de histórias semanais pela professora

CATEGORIA IV – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

de Sala de Leitura (via Google Meet) - Divulgação de vídeos sobre o livro apresentado na contação de histórias para que os estudantes pudessem ampliar repertório e incentivá-los a se posicionar criticamente; - Livros apresentados aos estudantes: “A borboleta que pensava ser lagarta”; “Eu tenho sérios poemas mentais” do autor Pedro Salomão; “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” da autora Cora Coralina; “Flores de Alvenaria” do autor Sergio Vaz; “Poesia que transforma” do autor Bráulio Bessa. - Atividade com a música “Ó abre alas”, de Chiquinha Gonzaga. - Orientação aos estudantes para realizarem pesquisa no Google Meet sobre poemas com o intuito de lerem e interpretar oralmente (pelo telefone). - Reflexão sobre os textos apresentados durante as aulas da Sala de Leitura, através de vídeos ou leitura gravada pelas professoras divulgadas via WhatsApp; -Atividades orais com vídeos enviados por WhatsApp do poema “Quem sou eu?” de Pedro Bandeira (vídeo em que o autor fala de si mesmo; poema “ Quem sou eu?” de Pedro Bandeira; poema “ Quem sou eu?” de Bernardo Côrtes); - Produção de textos escritos respeitando o ritmo e as possibilidades de cada estudante a partir das reflexões das leituras realizadas durante as aulas remotas via Google Meet, Telefone e WhatsApp.

FASE III - 01 de junho a 31 de agosto de 2020 - Orientação aos estudantes que ainda possuíam dificuldades de acesso sobre o uso de ferramentas disponíveis para as aulas em ensino remoto: Meet, Classroom, Facebook, WhatsApp os alunos. -Livros utilizados na contação de histórias semanais pela professora da Sala de Leitura e que foram explorados pelas professoras titulares da turma durante as aulas seguintes pelo WhatsApp e telefone: “O lenço Branco” - Viorel Boldes; “O baú ancestral história de Bisavó (histórias e cantigas de roda, brincadeiras da infância)” de Patrícia Matos; “Luiz - O menino Snafoneiro” da autora Ana Maria de Carvalho; “Vendo Pó...esia” do autor Rodrigo Ciriaco. - Textos explorados em sala de aula pelo ensino remoto via WhatsApp e/ou Classroom com a professora titular da sala: biografia de Cecília Meireles; atividades sobre o poema “Retrato”, de Cecília Meireles, publicado no livro “Trilhas de Aprendizagens”- EJA I volume 1 (páginas 52 e 53); atividade para completar o poema “Ou Isto ou Aquilo”, de Cecília Meireles; atividade com o poema “Tempo de Quarentena”, de Roberto Sodré, publicado no livro Trilhas de Aprendizagens – EJA volume 1 (página 72) - Produção de Texto a partir das reflexões de todos os textos lidos, vistos em vídeos e/ou escutados a partir da leitura das professoras com o tema: “A História da minha vida” - oralmente, gravado no whatsApp ou por escrito respeitando o ritmo de cada aluno.

FASE IV - 1 de setembro a 25 de setembro de 2020 - Orientação aos estudantes que ainda possuíam dificuldades de acesso sobre o uso de ferramentas disponíveis para as aulas em ensino remoto: Meet, Classroom, Facebook,

WhatsApp os alunos. -Promoção da importância cultural do sarau através de vídeos; - Apresentação de poemas de vários autores para os estudantes; - Escolha de poemas pelos estudantes e professoras para apresentação na Ação Cultural on-line; - Ensaio para a apresentação na Ação Cultural on-line; - Gravação de vídeo para a apresentação na Ação Cultural. - 25 de setembro de 2020: Apresentações para toda a Comunidade Escolar na Ação Cultural on-line da Emef Zulmira Cavaleiro Faustino.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

FASE I - 10 de março a 17 de abril de 2020 - Nesse primeiro momento, ensinamos os alunos a entrarem no Meet, fizemos o cadastro de todos os alunos no whatsapp e apresentamos o Facebook da escola onde todos os informes e as atividades eram postados diariamente. Os alunos da EJA possuíam muitas dificuldades com tecnologia, principalmente os mais idosos. Foi muito difícil esse início e muitas atividades tiveram que ser construídas através da oralidade, pois os estudantes cuja aprendizagem precisaria de um acompanhamento mais presencial, não conseguiam ainda ler e se expressarem por escrito e nem se sentiam capazes. Depois de termos a maioria conseguido comunicar-se conosco, iniciamos nosso Projeto. Nessa fase também foi o momento de selecionarmos os textos que pudessem proporcionar aos educandos da EJA momentos de reflexões sobre a transformação brusca de nossas rotinas que envolviam os cuidados rigorosos em prol da vida e perdas de familiares e amigos.

FASE II - 18 de abril a 29 de maio de 2020 - Iniciamos essa fase com o Conto de transformação: “A borboleta que pensava ser lagarta” como sensibilização na primeira aula no Meet com a professora da Sala de Leitura. Esse texto foi escolhido por proporcionar estímulo para os alunos enfrentarem os desafios das aulas remotas. Alguns alunos já estavam entrando nessa plataforma e foi muito importante para que sentissem, mesmo com as mudanças que seriam enfrentadas a partir desse momento difícil, que poderiam transformar aquele momento num crescimento pessoal para descobrir um pouco mais sobre eles mesmos e se fortalecerem. Ali, através das reflexões após a leitura dos textos, os estudantes puderam sentir que a escola não seria somente um local de aprendizagem, mas também de acolhimento. Outro texto apresentado durante a aula de Sala de Leitura via |Google Meet e explorado através de vídeo e gravação de áudio no WhatsApp foi o livro “Eu tenho sérios poemas mentais” do autor Pedro Salomão. O livro provoca uma relação íntima entre o autor e o leitor através de seus poemas em que os estudantes foram refletin-

do sobre o dia a dia de cada um. O livro proporcionou ao estudante a reflexão “de que mesmo que as coisas pareçam embotadas e até distorcidas, nenhum vendaval dura para sempre”, levando-os a perceberem que a pandemia não era para sempre, pois se tratava de um momento que passageiro e que devíamos tomar todas as medidas sanitárias necessárias com todos os protocolos de segurança que a ciência orientava para não pegarem a Covid-19. Já o livro “ Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” da autora Cora Coralina,, proporcionou aos educandos o contato com suas raízes, muitos vividos na roça onde as meninas não podiam estudar porque o pai não deixava e os meninos iam para a roça ajudar o pai na colheita sem acesso aos estudos. Aqui falaram de suas histórias e seus anseios trocando várias experiências e percebendo que não estavam sozinhos. Havia outros iguais. Com o livro “Flores de Alvenaria”, de Sérgio Vaz, o “poeta da periferia”, perceberam a voz e o grito de um autor que já foi em nossa escola e que é admirado pela comunidade local. Ele os representa e os entende. Através do texto de Sérgio Vaz, sentiram que também podiam produzir arte. Depois do texto foi explorado o trecho “Alguns homens veem as coisas como são, e dizem ‘Por quê?’ Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo ‘Por que não?’” em que perceberam que precisavam tentar, ir em frente, acreditar em seus sonhos e que nunca é tarde para aprenderem, apesar de todos os desafios, mesmo numa pandemia. Outro autor com quem os estudantes se identificaram muito é Bráulio Bessa, com as histórias de menino de Alto Santo, no interior do Ceará. Nessa fase, além de toda reflexão proporcionada pelos textos de acordo com o eixo Identidade, os educandos iniciaram as atividades escritas. Sobre o poema “Quem sou eu? de Pedro Bandeira”, divulgado através de vídeos, os estudantes foram convidados a se expressarem por escrito e/ou oralmente sobre a temática “Quem sou eu?”. Todos participaram se expressando da forma que se sentiram mais confortáveis: por áudio no WhatsApp ou por telefone ou texto escrito. Esse trabalho durou trinta dias por causa da pandemia, pois muitas vezes precisávamos ligar para os alunos por telefone para ouvirmos suas histórias, outros gravavam áudios e compartilhavam em nosso grupo de WhatsApp e muitos enviavam por escrito pelo celular. Foi um momento que proporcionou o repensar de cada um sobre o ser e estar no mundo.

FASE III - 01 de junho a 31 de agosto de 2020 - Nessa fase os livros trabalhados na Sala de Leitura *via Google Meet* e WhatsApp resultaram nas seguintes reflexões: O livro “O lenço Branco”, do autor de Viorel Boldes, remeteu à infância de nossos estudantes e do dia que também saíram do local de suas origens para tentar a sorte aqui em São Paulo. Foram convidados a dizerem como era a vida na cidade de origem deles e o que sentiram quando che-

garam na cidade de São Paulo. Já o livro “O baú ancestral história de Bisavó (histórias e cantigas de roda, brincadeiras da infância)”, de Patrícia Matos, foi uma viagem nos tempos da infância com gosto e colo de avó. E nesse momento de reflexões fizeram “uma viagem” que os trouxeram da infância ao tempo presente. Hoje muitos são avós e avôs e também se veem acolhendo seus netos. A família apareceu nos relatos incentivados pelos sentidos como o paladar “no gosto de café com bolinho de chuva”. Outro livro que trouxe a infância de volta foi “Luiz - O menino Sanfoneiro”, da autora Ana Maria de Carvalho. O gostoso texto levou-os a enxergarem os seus talentos e a falarem deles. Ali cada um se lembrou com orgulho dos quitutes que só eles sabem fazer, de seus temperos, de sua arte com a agulha em seus bordados, com as cordas do violão dedilhando suas músicas. Neste momento incentivamos a participação no evento da Ação Cultural on-line que aconteceria em setembro, cada um com seu talento, mostrando sua voz. O livro “Vendo Pó...esia”, do autor Rodrigo Ciriaco, trouxe a realidade da periferia em que os estudantes se identificaram. Segundo o autor, “a palavra é usada como cura” e através dos poemas dele os educandos falaram sobre o local onde moravam, se as pessoas do bairro estavam em quarentena, usando máscaras, fazendo o distanciamento social e seguindo as orientações sanitárias. Foi durante esse período que os alunos receberam o livro “Trilhas de Aprendizagens” – EJA I volume 1, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Com ele em mãos foi explorado o poema “Retrato”, de Cecília Meireles. Num primeiro momento, enviamos por WhatsApp o vídeo sobre a vida de Cecília Meireles para conhecerem mais a vida dessa autora. Após o vídeo, o poema foi lido pelas professoras e enviado áudio por WhatsApp para que todos os alunos pudessem seguir o texto: leitores e não leitores. Mesmo os educandos que não sabiam ler com desenvoltura ou ainda estavam no início de alfabetização participavam das aulas com os mesmos poemas e também de todas as atividades que eram desenvolvidas com outros gêneros e desenvolvidas em outras disciplinas através da oralidade onde davam suas opiniões sobre os temas. Eram oferecidas ainda atividades personalizadas, respeitando o ritmo de cada estudante sobre o que vinha acontecendo. Cada momento desse os fortaleciam e fazia com que se sentissem incluídos e pertencentes ao grupo escola. Tinham voz e respeito. Isso os incentivavam a participarem cada vez com menos medo e mais confiança. Através de perguntas orais ou escritas divulgadas pelo WhatsApp, os educandos iam dando suas percepções e seus pontos de vistas, além de seus próprios depoimentos sobre suas vidas. Assim, já sensibilizados com livros, em seguida foram estimulados a pensarem sobre a infância: “Que marcas deixaram e quais suas saudades”. Após esse trabalho

foi pedido aos alunos que escrevessem sobre o tema “História da minha vida” refletindo sobre a infância e o local onde nasceram. A leitura realizada pelos estudantes via telefone do texto “Tempo de Quarentena”, de Roberto Sodré, proporcionou expressarem sentimentos ocorridos durante a pandemia.

FASE IV - 1 de setembro a 25 de setembro de 2020 - Nessa fase nos preocupamos com os ensaios, as dificuldades que algum estudante ainda tivesse de entrar no Google Meet e, assim, demos a assessoria e orienta es necessárias para que todos pudessem participar do evento da A o Cultural *on-line*. Procuramos verificar se havia algum parente que morasse junto para poder ensiná-los a entrar no Meet e verem as apresenta es. O ensaio foi feito de várias formas: por telefone, por grava o de voz, por grava o de vídeo. Os haicais foram apresentados no mês de setembro devido a dificuldade dos alunos em memorizá-los. Os alunos leitores não tinham restri es, pois conseguiam ler, porém, grande parte dos alunos que ainda avançavam com dificuldades na leitura não conseguiam lembrar do haicai e liam com dificuldade apesar das escolhas criteriosas dos mesmos. Portanto, o trabalho com o haicai seguiu as seguintes etapas: a-) Envio de um vídeo explicando o que   um haicai e como surgiu. b-) Leitura de vários haicais explicando sua estrutura e temas usuais. c-) Envio de haicais de acordo com o perfil de cada estudante. d-) Leitura pelas professoras de todos os haicais enviados. e-) Liga o por telefone para os estudantes com mais dificuldades a fim de auxiliá-los individualmente coma leitura. f-) Orienta o da entona o correta da declama o do texto. f-) Memoriza o e grava o de vídeo para a apresenta o. h-) Ensaios através de encontros pelo Google Meet. Nessa fase foi enviado aos estudantes vídeos sobre o conceito de sarau em que se explorou a importância cultural desse evento que ocorreria na A o Cultural *on-line* da EMEF Zulmira Cavaleiro Faustino para toda a comunidade escolar. Durante o evento, os educandos se emocionaram ao visualizar a edi o com as leituras realizadas e se sentiram   vontade para expressarem oralmente o que significava aquele momento em suas vidas.

AVALIA O DOS RESULTADOS

Na aula seguinte ao evento A o Cultural online os professores fizeram a escuta de comentários e sugestões sobre as etapas do processo que os levaram   leitura de textos literários. Os estudantes começaram falando sobre eles mesmos, sobre suas vidas e trouxeram esse momento para a sala de aula através de todos os canais que tínhamos disponíveis para podermos ouvi-los, respeitando cada momento vivido por eles. Foi uma troca de experiências

entre todos de fundamental importância. Cada estudante passou a respeitar mais cada colega fortalecendo vínculos e auxiliando na aprendizagem, mesmo remotamente. Os estudantes sentiram-se importantes, felizes, capazes e o rendimento escolar após a apresentação melhorou muito. Aqueles alunos que tinham muita dificuldade passaram a ler melhor e, mesmo na pandemia, com todas as dificuldades enfrentadas nesse momento quiseram continuar seus estudos e a participarem mais de todas as aulas e atividades.

DEPOIMENTOS

“Oi, professora, boa noite, o trabalho foi muito maravilhoso. Eu fiquei muito feliz. Ficou ótimo, um espetáculo! Não vejo a hora de acabar com tudo isso para a gente se ver.”

Anastácia Sousa, aluna com dificuldades que participou recitando o haikai “Esta vida é uma viagem pena eu estar só de passagem”. (mensagem recebida por WhatsApp)

“Meu nome é Sheila sou filha da Maria Rita... Meu sentimento quando vi ela declamando o Poema É Ela foi de orgulho de ver que Tudo é possível ao que Crê assim como nos ensinou o nosso Deus... Minha Mãe sempre foi uma mulher incrível que lutou muito pra nós sustentar nosso Pai era doente e me lembro dela sair de madrugada pra trabalhar e chegava muito tarde, me lembro dela sempre forte lutando pra nós educar nos dar o necessário e sempre com muito amor preocupada em não deixar faltar nada trabalhando em casa de família e cuidando do nosso pai... Sem dúvidas É Ela a Mulher que fez a mim e as minhas irmãs Mulheres de bem e mães com amor foi com Ela que aprendemos o valor de uma Mulher... Sou grata a Deus pela vida dEla e hoje ver ela estudando buscando ser melhor me faz ter ainda mais orgulho dEla. Te Amo Mãe.”

Filha de Maria Rita que participou do evento da Ação Cultural on-line pelo Meet (extraído do WhatsApp)

Confira a lista dos projetos inscritos no Prêmio Paulo Freire 2021

Categoria I – Educação Infantil

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Desafios da Educação Infantil em tempos de Pandemia. A importância da parceria: Escola e Família no Parque Araribá.	CEI	Augusto de Oliveira	Grace Kelly Alves Gomes Bezerra, Bruna Gomes Santos Domingues, Juliana Oliveira da Fonseca e Ana Rafaela Vaz da Silva
Construindo sonhos	CEI	Cachoeira de São Benedito	Aline Andrade Alves, Ana Paula Andrade Cruz, Luana Nascimento da Silva e Maisa Candida de França Silva
O Planeta! Ei Cuida de mim? Incentivando e estimulando a cultura da alimentação saudável	CEI	Cidade Líder	Patricia Coelho Cerqueira Nunes, Karina Bezerra dos Santos, Viviane da Silva Porto e Ana Caroline Carvalho Martins
“ECA que Nojo” - Ampliação da aceitação alimentar das crianças aos alimentos ofertados no CEI em tempos de Pandemia - COVID 19	CEI	Dr. Antônio João Abdalla	Carla Batista dos Santos, Maria da Paz Oliveira Nascimento, Cristiane Fátima Rodrigues e Nicélia Marques da Silva
Interação virtual	CEI	Florescer	Sabrina Silva, Jeane de Carvalho Oliveira, Cristiane Silva Mendes e Juliana Oliveira da Fonseca
Tempos de pandemia: Reinventar e Acolher	CEI	Irineu	Ivoneide da Rocha Silva, Juliana Oliveira da Fonseca, Elane Rodrigues Damasceno e Maria Djailma Oliveira Silva
Caixolas - Caixas para brincar, criar e imaginar em casa	CEI	Jamir Dagir	Maria Cristina Camargo, Luciana Kiyomi Fukui, Mariana Almada Neder Digiampetri e Paula Gonzalez da Rosa
Explorando elementos naturais e materialidades de largo alcance em tempos de pandemia	CEI	Jardim Jaqueline	Talita da Silva Santos, Maria Girleide Ferreira Rodrigues Dias, Jerusa Luquine de Santana Lourenço e Claudeildes Oliveira dos Santos
Cartas para as crianças e familiares	CEI	Jardim Luso	Aparecida Leite, Edilene Duarte Batista Lemos, Raimunda Pereira do Amaral e Renata Dias Monteiro
As janelas da infância	CEI	João Fernandes I	Valdenice Vieira Ferreira, Erika Dell Isola, Bruna Costa Loureiro e Giovanna Maria Mattos Snichelotto
Identidade e Autonomia - Conhecendo minha história	CEI	João Fernandes II	Denise Alves Sousa e Angélica Barberá Persico
Diversidade Cultural	CEI	João Fernandes III	Rosana Ferreira da Silva Pachi e Cristiane Fortunato Neves

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Amamentar é no CEI	CEI	João Fernandes VII	Sandra Nunes da Silva Oliveira e Sarah Regina de Souza
Reciclar e brincar para o mundo mudar	CEI	João Fernandes VIII	Jaqueline Rosa Fortunato e Ceilla Marcelle Souza da Silva
Encontro na Vila Guarani e Vila Formosa. Explorando nosso território, costurando nossas histórias.	CEI	João Fernandes X	Maristela Batista, Verônica Aparecida dos Santos, Ingrid Henrique da Silva Cardoso e Andreza Maria de Deus
Paulo Freire: Construção – O olhar da criança	CEI	João Fernandes XII	Erica Horle Mendes, Miriam Pereira Stefanelli, Ozelane Barros dos Santos e Gisele Gonçalves de Lima
Desafios em manter o vínculo entre escola e família na pandemia	CEI	José Reginaldo da Fonseca	Adeildes Gomes de Alencar Silva, Shirley Pereira Almeida Dias, Laryssa de Cassia Paulino Silva e Juliana Oliveira da Fonseca
Vivência com a natureza	CEI	José Reginaldo da Fonseca II	Andressa Oliveira Andrade Silva, Juliana Oliveira Fonseca, Claudia do Nascimento Cavalcante e Mariana Leles Jonishi
Eu e minhas emoções na pandemia	CEI	Jova Rural	Débora de Cassia Souza Marques, Alessandra Araújo Rodrigues, Eliana Parnaíba Dantas Pereira e Silvia da Rocha Fiuzza
Bichinhos do Jardim	CEI	Maria Penha Nascimento	Zilma de Andrade Rocha e Adriana de Vasconcelos de Souza
Bichinhos de Jardim “Agueta”	CEI	Nair Salgado	Eliana Pereira dos Santos, Cristina M. Torres Sernaglia, Fernanda Dias Aguiar Torres e Flávia de Oliveira Ramos
Busca Ativa	CEI	Nair Salgado	Eliana Pereira dos Santos e Cristina Marcelino de Torres Sernaglia
Os Mandelinhas	CEI	Nelson Mandela	Kely Cristina da Silva, Vanda de Oliveira Pires, Edileide Dias Cosmo Sprovieri e Ana Patrícia dos Santos Rodrigues
Construindo identidade com literatura afrodescendente	CEI	Oliveira	Rejane Cibele Bordignon, Juliana Fonseca, Sara Santos e Juliana Cruz Barros
Bonecos: o brinquedo como ferramenta de combate ao racismo	CEI	Professor José Ozi	Cintia da Silva Pinto de Carvalho, Beatriz Santos Sargaço e Juliana Aparecida Otuka
A Sementinha, do Berçário aos Canteiros	CEI	Professora Anita Castaldi Zampirolo	Mariza dos Santos Rodrigues e Tatiana Rejane Freitas Dias
Educando para educar: Educação Infantil Antirracista	CEI	Professora Celia Regina Kuhl	Fabiana da Costa Silva Venâncio, Claudia Regina Gomes Souza, Josivania Pereira Mendonça de Souza e Sandra de Sousa Resende

Projetos Inscritos 2021

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Brincadeiras de quintal	CEI	Santa Escolástica	Cássia Cristina Leite da Silva, Edinete Silva Santos, Luiza Emanuelle dos Santos Silva Santos e Rosali Bispo dos Santos
Amamente onde quiser	CEI	Sonho de Infância	Jessica Barbosa Rodrigues, Daiane de Jesus Souza Patrício, Juliana Oliveira da Fonseca e Joane Lima de Sousa
Arte do brincar e confeccionar – Resgatando as Interações	CEI	Sonho Meu	Eliana Castro da Rocha Santos, Gabriela Silva Oliveira, Juliana Fonseca e Mayara Caroline Silva Nery
Nosso quintal como ninho. Acolhida.	CEI	Teotônio Vilela	Mayra da Silveira Santos e Paloma Fernanda João Masella
Tecendo redes em tempos de Pandemia	CEI	Um Novo Sonho	Juliana Oliveira da Fonseca, Gabriela Moreira Gomes da Silva, Karina Rodrigues Ferreira e Natali Damasceno de Jesus
Quintal do nosso CEI	CEI	Vereador João Toniolo	Paulla Teresa Menocello Blasizza, Marisa Cruz Cobuci, Edna Natividade da Conceição e Maria Josineide Alves Severo
Cores, sabores, aromas e sons	CEI	Vila Ernestina	Fabiolla Reis Bomfim de Lima e Cristiane Cabral Braz Alves
Rádio CEI Vila Missionária	CEI	Vila Missionária	Ellen Cristina de Moraes Pereira Bezerra, Susana Maria de Medeiros, Sandra Raquel Lopes Sousa e Cleane Fontebasso Gonçalves
O aplicativo WhatsApp como instrumento no processo ensino aprendizagem e na interação escola, bebês e família	CEU CEI	Rosa da China	Fabiana Lance Volpi e Deise Aparecida Ferreira da Silva
Construindo laços nos territórios das aprendizagens	CEU EMEI	Braz Jaime Romano	Elizangila Sousa de Jesus, Liliam da Silva, Vivian Meri de Carvalho Bordonalli e Isis Santana de Freitas
Leitura para me confortar	CEU EMEI	Professora Edna Alves de Sousa	Iraci Ribeiro de Almeida Peretta, Talita dos Santos de Sousa Martins e Priscila Diotto D. Costa
Leitura Virtual	CEU EMEI	Três Pontes	Nivea Regina Angelo
Ouçó, conto e aumento um pouco, da nossa turma para a casa e de casa para nossa turma	CEU EMEI	Uirapuru	Keli Regina Da Cruz Lombas dos Santos
O movimento da escola na educação da infância em tempos de pandemia	EMEI	Afonso Sardinha	Aparecida Sueli Santos Gramacho, Sandra Cavaletti Toquetão, Luciana Corrêa e Maria de Sousa Farias
As experiências e os sentimentos vividos na pandemia: O acolhimento a partir da escuta ativa das crianças	EMEI	Ana Neri	Natalia Francisca Cardia dos Santos

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Busca Ativa e Operante	EMEI	Ana Neri	Silmara Vilibor Lucero, Andresa Gimenez Moscopf e Mariana Mendonça Cicarelli
A arte africana nas mãos infantis	EMEI	Angelo Martino	Marcia Fernandes Pereira Ramos
Máscara no rosto, mas olhos bem abertos para o mundo!!	EMEI	Cidade Ademar III	Fernanda Gomes da Silva, Solange Ferreira Ortiz, Cleusa de Fátima Batista Queiroz Figueiredo e Ângela dos Santos Amancio Gomes
Revitalização das Orquídeas	EMEI	Francisca Julia da Silva	Silmara Moysés
Conhecendo e Sendo em São Paulo	EMEI	Gabriel Prestes	Vanessa de Oliveira Santos, Marilene Sales de Melo, Amanda Gomes Pinto e Nathalia Cordazzo dos Santos.
Conselho mirim como instrumento de empoderamento das crianças	EMEI	Porto Nacional	Rodrigo Tavante, Rosinea Pereira Zenone, Tatiane Negreiros de Moura e Norma Cristina dos Santos

Categoria II – Ensino Fundamental I

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Fábulas na pandemia	CEU EMEF	Cidade Dutra	Debora Garcia Fogli Borba, Idalina Nogueira de Queiroz e Jemima Alves da Silva
Sarau Mara: poesia para enfrentar a pandemia	CEU EMEF	Professora Mara Cristina Tartaglia Sena	Rodrigo Luis de Oliveira, Walkíria Rosa Santilli, Paulo César Carraturi e Tânia Gonçalves Damacena
A Escola Ambiente e Territórios Educativos: ressignificando espaços, ressignificando aprendizagens	EMEF	Desembargador Amorim Lima	Silmara de Fatima Cardoso
Música na Escola – Flauta doce, Flauta Transversal e Violão	EMEF	Dr. Pedro Aleixo	Alan Guimarães de Souza
Diário de Quarentena (Galeria dos Confinados)	EMEF	Enzo Antonio Silvestrin	Janaina Aparecida Rodrigues dos Santos, Vanessa Aparecida Pereira da Silva, Maria Isabel Rosa Araújo e Simone de Oliveira
Se meu robô falasse	EMEF	Humberto de Campos	Renata Esteves Ardiguiéri
Cultivar – Hortas, jardins e quintais na escola	EMEF	Marechal Deodoro da Fonseca	Ana Marília Dumont Ferreira e Silvana Miriam Pereira de Oliveira Barini
Clown Educativo	EMEF	Professor Fernando de Azevedo	Nilda Miranda Bastos, Regina de Lima Silva, Eliane Oliveira de Carvalho e Dayane Cristina de Cunha Fernandes

Projetos Inscritos 2021

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Jogos matemáticos e brincadeiras inclusivas	EMEF	Professora Maria Aparecida Rodrigues Cintra	Marlene Amancio Gal, Luiz Fernando Costa de Lourdes, Paula Rezende e Rosana Madalena Pereira
Eu cresço, você cresce	EMEF	Professora Shirley Guio	Luciene Alves do Nascimento

Categoria III – Ensino Fundamental II e Médio

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Poesia na Escola	CEU EMEF	Água Azul	Fernando Toledo Cardoso, Cleia Teixeira, Jose Wilton e Gilvete Candida
Banco de Dados - Biblioteca CEU EMEF Jambeiro	CEU EMEF	Jambeiro	Erica Juventina de Almeida, Silvana do Valle Silva Oliveira, Elza Viana dos Santos e José Ivanildo Ferreira dos Santos
Arte Ausente: criação de conteúdos de áudio sobre arte	CEU EMEF	Pêra Marmelo	Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque
Café com Arte - poesia em movimento	CEU EMEF	Professora Cândida Dora Pino Pretini	Michelle dos Santos Lomba e Suellen Anzolin Pereira de Lima
Diálogos transformadores: democratizando o debate de gênero e direitos humanos de corpos periféricos	EMEF	Anna Silveira Pedreira	Lidiane Pereira da Silva Lima e Edson Shirata
Projeto Interdisciplinar: Valorização, Identificação e Sensibilização da Cultura Afro-brasileira	EMEF	Benedito Calixto	Camila da Costa Melo, Fernando Hélio Valiante e Thais Moura Marinho
Rádio Ainda sem nome	EMEF	Coronel Romão Gomes	Ana Paula Faria e Adriana Martins Costa Alatzatianos
“Eu tô aqui pra fazer a Conexão!”: Cultura audiovisual como elemento integrador e campo para aprendizagem criativa	EMEF	Desembargador Sebastião Nogueira de Lima	Igor Martin Pereira
Construindo um futuro comprometido com a sustentabilidade, diversidade, equidade e inclusão	EMEF	Dom Pedro I	Maria Dulcinéia Sanchez, Irrael Baboni C. de Melo Junior, Luzineide Prates da S. Oliveira e Nilce Oliveros dos Santos
Trilhas da Aprendizagem, Trilhas da Multiculturalidade, essa é a minha dança	EMEF	Dom Pedro I	Rui Anderson Costa Monteiro, Marcos Antonio Floriano e Juliana Custódio Duarte Moratto
Meetando no Maffei	EMEF	Dona Angelina Maffei Vita	Lucas da Silva Fachin

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Música na Escola – Flauta doce, Flauta Transversal e Violão	EMEF	Dr. Pedro Aleixo	Alan Guimarães de Souza
“História em Quadrinhos”, nas aulas públicas	EMEF	Duque de Caxias	Paulo Roberto Magalhães e Wilson Almeida Amaral
E-Books da EMEF Duque de Caxias	EMEF	Duque de Caxias	Carla Ferreira da Silva, Evelyn Farah Buria, Natália Sanches Ferreira Lima e Vinícius Pires
Cursinho EAD para a ETEC	EMEF	Edgard Cavalheiro	Donata de Cássia Marinho, Stephanie Gomes da Rocha, Claudia Ferreira Gonçalves e Pedro Palmares da Silva Ferreira
Prosa Geográfica	EMEF	Estação Jaraguá	Henrique Macedo Justiniano, Tuwile Jorge Kim Braga, Tatiani Ribeiro e Robson Novaes da Silva
Território Jaraguá Nova Geração	EMEF	Estação Jaraguá	Henrique Macedo Justiniano, Maria Aparecida da Silva, Tatiani Ribeiro e Tuwile Jorge Kim Braga
Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Repensar a cultura escolar ampliando horizontes de possibilidades	EMEF	Firmino Tibúrcio da Costa	Maria Aparecida Andrade dos Santos Silva e Zilda Borges da Silva
Entre jeitos e fazeres: protagonismo e dança na escola	EMEF	Júlio de Oliveira	Adriano José Pinheiro, Eunice da Mota Brito, Alessandra Adaylsa Roldão e Maria Isabel Escorbaiolli Padilha
TCA – “Eu na Pandemia”	EMEF	Maurício Goulart	Juliana de Medeiros e Paula Cesar Munhoz
Trilhas em Notícias	EMEF	Olegário Mariano	Paulo de Freitas Torra
Criação de Jogos 3D com Blender	EMEF	Olegário Mariano	Marcelo da Silva Penna
CFE – Consciência Feminina na Escola	EMEF	Padre José Pegoraro	Lucidalva de Azevedo Ribeiro Gonçalves e Hilda Amélia Behling da Silva
Histórias e Narrativas Ancestrais de África	EMEF	Professor Adolpho Otto de Laet	Vinícius Felipe Gomes
Educando através da Dança	EMEF	Professor André Rodrigues de Alckmin	Alessandra Gomes da Silva
TIQUATILAB – Clube de Ciências na Escola	EMEF	Professor Antônio Carlos Rocha	Dayana Aparecida Brito dos Santos e Edimar Francisco Falda
Escrevendo a minha rotina como Anne Frank	EMEF	Professor Gilmar Taccola	Milena Aparecida Beja da Silva Nunes
Caminhos da Vila Ede	EMEF	Professora Shirley Guio	Douglas Alexandre Faria
Museu Online do Isolamento da Wanny	EMEF	Professora Wanny Salgado Rocha	Douglas Maris Antunes Coelho

Projetos Inscritos 2021

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Aprender com Prazer	EMEF	Roquette Pinto	Braz Francisco Abachioni
Junho imigrante tá ON na Pandemia: O uso do Twitter para debater sobre o refúgio humano	EMEF	Sérgio Milliet	Jéssica Gomes de Jesus Oliveira
Trabalho Colaborativo Autoral 9ºs anos: Profissões do Ensino Médio Técnico	EMEF	Tenente Aviador Frederico Gustavo dos Santos	Ana Luisa Areias de Carvalho, Isaac Kassardjian Júnior, Laura Beatriz Aquino e Vanessa Maria de Lima Albuquerque
Nós fazemos a História: a escola e os movimentos sociais	EMEF	Virgílio de Mello Franco	Edilson da Silva Cruz e Ana Sílvia Galvão Amorim Silva
Maquete	EMEF	Zulmira Cavalheiro Faustino	Carla Maria Silva, Sandra Cordeiro de Oliveira Soares dos Santos, Claudete Pereira Rocha Guarneri e Márcia Regina Sobral
Explorando o continente africano através dos jogos de tabuleiro	EMEFM	Darcy Ribeiro	Geane Katia Moreira da Silva, William Pedro da Cunha, Wilson Rodrigues Mota e Natanael Pereira Aguiar

Categoria IV – Educação de Jovens e Adultos

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Transmissões educacionais em tempos de pandemia covid-19	CEU EMEF	Água Azul	Fernando Toledo Cardoso
Arte à distância	CIEJA	Santana/ Tucuruvi	Claudineia Teixeira Santana
Estreitando Laços – Encontros Culturais	CIEJA	Paulo Emilio Vanzolini	Marcos Vinicius de Andrade Steidle
Releituras – Fronteiras fechadas, a necessidade da arte em períodos de crise humanitária	CIEJA	Vila Prudente/ Sapopemba	Alexandre Almeida Pereira
Quarentena na EJA - Pão, Prosa, Poesia e Proteção	EMEF	Altino Arantes	Carolina Lobrigato, Roberto Carlos Soares Sobrinho e Aldimara Aparecida Paulucci de Almeida
Chega pra cá, a casa é sua!	EMEF	Desembargador Arthur Whitaker	Ana Marília Dumont Ferreira, Marcia Helena Zaguette de Souza, Katia Cristina Teixeira Nicoletti e Helena Santos da Silva Francisco dos Santos
Rádio de Bitita	EMEF	Infante Dom Henrique	Fabiana Raposo Ribeiro, Gabriela Rauseo Garcia, Gabriel Vicente França e Rodrigo Ferrari Baglini
A literatura como resgate do estudante de EJA durante a pandemia	EMEF	Zulmira Cavalheiro Faustino	Lizette Geny Monti, Vilma Barbosa Silva, Berenice de Lima Gomes e Bruna Wysocki



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

Viaduto Jacareí, 100 - Bela Vista - São Paulo - SP
www.saopaulo.sp.leg.br

Organização: Equipe de Eventos - CCI.1
Editoração: Equipe de Comunicação - CCI.3



Foto: Instituto Paulo Freire

O que eu nego é que o conhecimento se transfira ou se transmita de um sujeito a outro que, no caso, receberia passivamente o “presente” que lhe foi feito. Conhecimento se cria, se inventa, reinventa, se apreende. Conhecimento se faz.

Paulo Freire, do livro: A Educação na Cidade.

• 2021 •
CENTÁRIO
PAULO FREIRE



Informações:

CCI.1 - Equipe de Eventos
Viaduto Jacareí, 100 - Anexo - Sala 217
Bela Vista - SP - CEP: 01319-900
Telefones: 3396-4239 / 3396-4311
www.saopaulo.sp.gov.br

Apoio:

